

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Delcimar de Oliveira Cunha

Projeto de vida e constituição da identidade:
um estudo com diretores de escola pública

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

SÃO PAULO
2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Delcimar de Oliveira Cunha

Projeto de vida e constituição da identidade:
um estudo com diretores de escola pública

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Educação: Psicologia da Educação, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Mitsuko Aparecida Makino Antunes.

SÃO PAULO

2009

Banca Examinadora

Dedicatória

Dedico este estudo a Cecília, Marta e Silvana, pessoas maravilhosas e indispensáveis para a concretização desta pesquisa.

*Amor dá tudo o que tem:
Dou esta rosa verdadeira,
Levando a clara certeza
Da vida nova que vem.*

Thiago de Mello

AGRADECIMENTOS

Enquanto me dedicava à leitura e análise das narrativas das diretoras Marta e Silvana, as circunstâncias históricas, sociais e geográficas por mim encontradas, das quais gradativamente fui apreendendo e interpretando desde quando fui lançada ao mundo, também foi narrada. O olhar investigativo para os dados que emergiam de seus relatos levou-me à reflexão a respeito da minha própria vida.

Das situações lembradas, há as que foram por mim percebidas pela impossibilidade de superação; foi continuamente agindo, fazendo a *minha vida*, que imaginei e criei condições para concretização dos meus projetos de vida.

Neste momento é imprescindível mencionar o quanto a minha orientadora, na ocasião do mestrado e doutorado, contribuiu de maneira significativa para o meu crescimento pessoal e profissional, mais do que orientar projetos de pesquisa, a Prof^a. Dr^a. MITSUKO APARECIDA MAKINO ANTUNES orientou-me para que eu pudesse, a partir das minhas próprias escolhas, me transformar.

Ao MEU PAI, ausente há 22 anos, que me dizia: “Você vai ser professora”. Ele nem podia imaginar que a filha se tornaria professora-doutora. Lamento por você não estar aqui. Sinto saudades.

Ao OKIS RICHARD BIGELLI, meu namorado e companheiro. Seu carinho, participação, respeito e tranquilidade foram indispensáveis. Você pacientemente me ajudou a superar as dificuldades que suscitam um trabalho de pesquisa.

Às Prof^a. Dr^a. Laurinda Ramalho de Almeida e Prof^a. Dr^a. Marisa Todescan Dias da Silva Baptista que, no exame de qualificação, com suas críticas e sugestões, carinho e respeito me estimularam de maneira valiosa.

Agradeço ao meu amigo, Prof. Dr. Carlos Alberto Máximo Pimenta, pelas sugestões e diálogos sobre educação e pesquisa.

Agradeço também aos amigos Airton Tadeu Barros Munhos, Andréa Soares Wuo, Maria Aurora Dias Gaspar e Virgínia Mara P. Cunha, com quem partilhei momentos da vida pessoal, profissional e acadêmica. Quando um

pensava que seria impossível chegar até aqui, um ajudava o outro. Aqui estamos, a vocês, meu carinho e admiração. Conseguimos!

À CECÍLIA, às DIRETORAS MARTA e SILVANA, que prontamente me acolheram e sem receio narraram a história de suas vidas. Agradeço pela disponibilidade e confiança.

À PUC–SP e à CAPES pela possibilidade de concretizar um dos meus projetos de vida.

RESUMO

CUNHA, Delcimar de Oliveira. Projeto de vida e constituição da identidade: um estudo com diretores de escola pública. São Paulo, 2009. 172 p. Tese (Doutorado). Programa de Educação: Psicologia da Educação, PUC/SP.

O presente trabalho ocupa-se das situações significativas da história de vida que contribuíram para a constituição identitária de duas diretoras de escola pública da educação básica de um município do estado São Paulo e as circunstâncias que envolveram seus projetos de vida. Este estudo justifica-se pela necessidade de compreender como os sujeitos escolhem e agem em direção aos próprios projetos de vida. Diretoras de escolas públicas trabalham com projetos pensados e elaborados pela comunidade escolar ou por instâncias municipais, estaduais e federais; entretanto, faz-se necessário compreender também seus próprios projetos de vida e como estes se articulam com a experiência educativa cotidiana. Busca-se relacionar o projeto de vida às questões mais pessoais do ser humano, embora as possibilidades e impossibilidades presentes em determinada circunstância possam dificultar sua concretização. Para obtenção dos dados, optou-se pela observação participante, entrevista não-diretiva e narrativa a partir de fotos significativas do arquivo pessoal dos sujeitos, que possibilitaram apreender aspectos relevantes e subjetivos da história de vida pessoal e profissional. A fundamentação teórica para análise dos dados referente à temática projeto de vida está presente na filosofia do espanhol Julián Marías (1970/1971) e a categoria identidade, entendida como metamorfose, encontra-se nos estudos de Ciampa (1998). Os resultados da pesquisa mostram que a primeira diretora, Marta, durante longos anos identificou seus projetos de vida com os projetos de trabalho, deixando pouco espaço para outras dimensões da vida; uma situação da comunidade provoca reflexões sobre sua própria vida e produz o início de muitas metamorfoses, que transformam sua vida pessoal e, por decorrência, também a maneira de viver a personagem diretora de escola; a outra diretora, que do movimento estudantil ingressa na militância político-partidária, traz para seu trabalho como diretora a perspectiva de um projeto de sociedade, fazendo de sua vida profissional e pessoal uma experiência de coerência e comprometimento; as metamorfoses emancipatórias são constantes ao longo da vida, e por isso nem sempre perceptíveis. Ambas demonstram, cada qual de maneira distinta, como os projetos de vida devem ser considerados na tentativa de compreensão dos projetos de trabalho que dão a diretriz para ação de educadores.

Palavras-chave: Projeto de vida, identidade, história de vida.

ABSTRACT

CUNHA, Delcimar de Oliveira. Life Project and constitution of identity: a study of public school principals. São Paulo, 2009. 172 p. Thesis (Doctorat). Program of Education: Psychology of Education, PUC / SP.

This work deals with the significant situations in the history of life that contributed to the constitution of the identity of two directors of public school of basic education in a city in the state of São Paulo and the circumstances evolving their life projects. This study is justified by the need to understand how individuals choose and act toward their own life projects. Directors of public schools work with projects designed and developed by the school community or by municipal bodies, state and federal, but it is also necessary to understand their own life projects and how they articulate with the daily educational experience. It tries to relate the project to more personal issues that concern human beings, although the possibilities and impossibilities in certain circumstances may hinder their implementation. Participant observation was chosen as a technique to obtain the data, throughout non-directive interview and narrative from the subjects' personal archive of important photos, enabling capture relevant and subjective aspects of the personal and professional history of life. The theoretical basis for data analysis related to life project is the philosophy of Spanish Julian Marias (1970/1971) and category of identity, understood as a metamorphosis, in the work of Ciampa (1998). The survey results show that the first director, Marta, identified for many years the life projects with projects at work, leaving little room for other dimensions of life; a community situation brought her own reflections on life and produced the beginning of many metamorphoses, which transformed her life and, as a consequence, it also brought new ways of how to live the character of school director. The other director, who first joined the student movement and afterwards the party-political activism, brings to her work as a school director a project from the perspective of society, making her professional and personal life a experience of coherence and commitment; the emancipative metamorphosis are constant throughout life, and therefore not always visible. Both shows, each so distinct, how the projects of life should be considered in an attempt to understand the projects of work that guide educators action.

Palavras-chave: life projects, identity, history of life.

SUMÁRIO

Introdução	10
 Capítulo I	
Projeto de Vida	19
 Capítulo II	
A Pesquisa	38
O Método	40
Procedimentos Metodológicos	42
 Capítulo III	
A narrativa de Marta	55
A narrativa de Silvana	105
 Considerações Finais	165
 Referências Bibliográficas	169

INTRODUÇÃO

A dissertação de mestrado como ponto de partida

Este projeto é, de certo ponto de vista, continuidade da dissertação de mestrado, defendida em maio de 2002, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da PUC/SP, intitulada “Identidade do Diretor de Escola Pública: Compromisso com a Transformação do Cotidiano Escolar”.

Nesse estudo investiguei a atuação de diretores de escolas públicas (municipal e estadual) que, no dia a dia, enfrentam situações conflitantes, provocadas pelo acúmulo de atividades acadêmico-burocráticas que dificultam a viabilização do Projeto Político Pedagógico, comprometendo a qualidade da aprendizagem dos alunos. Foram identificados e analisados fatores que contribuem para a constituição da identidade e as metamorfoses de três sujeitos no papel de diretor atuando em escolas da rede pública (municipal ou estadual) que, sob as mesmas condições administrativas e pedagógicas citadas acima, têm sido capazes de implementar inovações no cotidiano escolar.

Para obter narrativas sobre a história de vida dos sujeitos, utilizei a entrevista não-diretiva, que possibilitou apreender aspectos relevantes, objetivos e subjetivos, da trajetória de vida pessoal e profissional de cada sujeito, cuja análise permitiu captar aspectos significativos da constituição da identidade dos entrevistados.

A fundamentação teórica para a análise dos dados teve como referência o conceito de identidade como metamorfose, formulado por Ciampa (1998).

Os resultados da pesquisa mostraram que quando um sujeito, ao assumir o papel de diretor de escola pública (municipal ou estadual), se envolve e se compromete com a aprendizagem dos alunos, com os professores, os pais e a escola, consegue, num esforço coletivo, desenvolver um Projeto Político Pedagógico com resultados positivos para a escolarização dos alunos.

No estudo da identidade desses diretores percebeu-se que estes tanto ensinam quanto aprendem com o “outro”, que valorizam e compartilham experiências.

A ousadia e a crença na educação como uma das instituições que contribuem para o desenvolvimento e a transformação dos indivíduos e da sociedade fazem com que não busquem só a transformação do “outro” ou do espaço escolar onde atuam como diretor, mas que acima de tudo provocam e sofrem metamorfoses.

A origem do projeto de pesquisa de doutorado

Raramente, após a defesa, os pesquisadores se preocupam em fazer a devolutiva às instituições ou às pessoas que se colocaram à disposição, fornecendo dados importantes e indispensáveis para a viabilização da pesquisa.

Após a defesa, ocupei-me, pessoalmente, da devolutiva para os três diretores, sujeitos da pesquisa de mestrado. Os encontros aconteceram individualmente; cada um decidiu dia, horário e local de sua conveniência.

O primeiro encontro foi com “Mirela”¹; entreguei-lhe uma cópia da dissertação, na qual anexei o poema “*Tecendo a manhã*”, de João Cabral de Melo Neto, e uma carta de agradecimento.

Mirela realizou a leitura pacientemente; em seguida, iniciei a apresentação e explicação de cada fase da pesquisa, enfatizando o momento da coleta de dados e como foi realizada a análise desses dados. Foi quando lhe apresentei a “personagem” Mirela. Ela gostou do nome que utilizei para identificá-la. Li a narrativa de sua história de vida, justificando que a análise refere-se somente aos dados relatados por ela na entrevista.

À medida que eu lia sua trajetória de vida pessoal e profissional, Mirela, com os olhos marejados, repetia: “*é isso mesmo, é isso mesmo*”.

Juntas, lemos o poema “*Para os que virão*”, de Thiago de Mello.

¹ Todos os nomes de pessoas são fictícios. Nomes de lugares e instituições foram omitidos.

O segundo encontro foi com “Daniel”; logo no início justifiquei a demora em realizar a devolutiva, contando um pouco do processo que percorri durante a análise dos dados e sobre como havia sido a defesa.

Entreguei-lhe a cópia da dissertação e, junto, o poema *“Tecendo a manhã”*, de João Cabral de Mello Neto, com a carta de agradecimento.

O procedimento para a devolutiva foi o mesmo nos três casos, mas com Daniel, quando comecei a ler a narrativa de sua trajetória de vida pessoal e profissional, logo disse: *“eu sei quem eu sou”*. Continuei a apresentação da pesquisa e, de repente, ele fechou a dissertação, empurrou-a, tirou os óculos e disse: *“Pára! Agora quem precisa de um tempo sou eu”*.

Nesse instante pude perceber o quanto estava emocionado; ele estava chorando. Mantive-me em silêncio até que Daniel pudesse novamente ouvir e falar. Foi ele quem decidiu o momento de retornar, mas não prosseguimos até o final da leitura da narrativa, pois além de emocionado, ficou surpreso e assustado. Foi quando disse: *“eu não sei se vou gostar desse Daniel, não sei quem é ele, não sei o que vou encontrar, vou precisar de uns três dias para abrir novamente a dissertação e mais três dias para ler”*. Coloquei-me à disposição, caso considerasse necessário.

No final do encontro, juntos lemos o poema *“A vida verdadeira”* de Thiago de Melo.

O terceiro encontro foi com “Estela”. Quando lhe entreguei a cópia da dissertação, ela a abraçou e disse: *“que lindo, ficou lindo!”*

Enquanto eu apresentava a pesquisa, Estela perguntava: *“E eu me transformei? E eu me transformei?”*.

Quando iniciei a leitura da narrativa, disse: *“Você pegou meu espírito, eu sou assim mesmo”*. Em seguida, chorou até o momento de nossa despedida. Em um determinado momento, disse: *“eu não estou feliz aqui, eu era feliz durante o tempo em que atuei como diretora”*.

Nosso encontro aconteceu na Diretoria de Ensino em que Estela atua, hoje, como Supervisora de Ensino. Financeiramente não compensava continuar como diretora, mas sente saudades da escola: *“prefiro escola, gosto daquele barulho”*.

Em cada devolutiva pude observar e apreender outros aspectos dos diretores; além de sujeitos que se disponibilizaram a fornecer dados imprescindíveis para a pesquisa, encontrei pessoas que, em meio à emoção provocada pela devolutiva, estavam ansiosas por saber “quem eram”, sob a análise da interpretação da pesquisadora. Ao se depararem com o “que são” e o “que foram”, mais uma vez narraram os projetos que caminham paralelamente às ações de sua vida pessoal e profissional. Nesse momento percebi que dialogava com pessoas inteiras, em totalidade. Minha escuta transcendia a apreensão dos aspectos relacionados exclusivamente à trajetória de vida profissional.

Percebi que os relatos das histórias de vida me mostraram um projeto existencial, envolvendo aspectos pessoais, familiares e profissionais, além dos projetos pedagógicos e administrativos que permeiam o cotidiano do trabalho.

A partir dessa observação, coloquei-me a pensar sobre a quantidade de projetos que frequentemente o diretor se vê envolvido, além dos que são pensados e elaborados pela comunidade escolar; há os que são propostos e muitas vezes impostos pelas instâncias municipais, estaduais e federal da educação. Nesse sentido, pergunto: além dos projetos presentes no dia a dia das escolas públicas, com os quais os diretores se vêem diretamente envolvidos, quais são os projetos de vida na vida desses diretores?

Como procedimento para a elaboração do projeto de pesquisa que aqui apresento, em 2005 iniciei uma revisão bibliográfica de dissertações e teses defendidas na PUC/SP, USP e artigos do site SciELO², que abordam o tema Projeto de Vida.

Das pesquisas realizadas no Banco de Dados da Biblioteca Nadir Gouvêa Kfoury da PUC/SP e Banco de Dados Bibliográficos da USP/ Catálogo On-line Global – DEDALUS obtive 08 resultados, sendo 3 artigos, 3 teses e 2 dissertações.

Dos 8 estudos, 7 referem-se aos projetos de vida de jovens e adolescentes. Para os autores desses estudos, Pilon (1986), Wagner, Falcke e Meza

² SciELO - Scientific Electronic Library Online (Biblioteca Científica Eletrônica em Linha) é um modelo para a publicação eletrônica cooperativa de periódicos científicos na Internet.

(1997), Liebesny (1998), Nascimento (2002), Santos (2002), Cardoso e Cocco (2003), Trindade (2003) e Telerman (2004), essa escolha se justifica pelo fato de que nessa fase ampliam-se os problemas decorrentes da chamada contemporaneidade, advindos das transformações no processo de produção, que desencadeiam formas de exclusão e que comprometem as expectativas de futuro dos jovens.

O único estudo que investigou o tema projeto de vida de pessoas na fase adulta foi de Trindade (2003), que buscou compreender como homens na meia idade vivenciam essa fase de seu desenvolvimento. O olhar para os homens, nessa fase, norteou-se pelas facetas da paternidade, da sexualidade e de seus projetos de vida.

A pesquisa no SciELO apresentou 499 registros que continham as palavras-chave projeto e vida; desses apenas 6 referiam-se a projeto de vida, sendo 3 livros e 3 artigos. Desses estudos, 5 referiam-se aos projetos de vida de jovens e adolescentes e um sobre a identidade e expectativas frente à aposentadoria, portanto, referentes à terceira idade.

Percebe-se que adolescentes e jovens são os sujeitos mais estudados nas pesquisas que abordam a temática Projeto de Vida. Para Boutinet (2002), em nossa sociedade, a passagem da adolescência para a vida adulta é complexa e as mudanças provocadas pelas mudanças no mundo do trabalho contribuem para uma individualização do comportamento. O jovem é incitado a saber o que quer, o que irá fazer em sua vida futura.

A análise desses estudos possibilitou-me constatar o crescente interesse pelo tema projetos de vida de adolescentes e jovens; contudo, não foram encontrados estudos que investigassem projetos de vida de educadores em geral e de diretores de escolas públicas da educação básica em especial.

O estudo que ora apresento, sobre projetos de vida de duas diretoras de escola pública da educação básica de um município do estado São Paulo, tem como objetivo considerá-las como fruto das relações vividas num determinado tempo e espaço, o que contribui para a constituição identitária e suas relações com os projetos de vida; portanto, é preciso compreendê-las como totalidade concreta.

A fundamentação teórica, apresentada no capítulo I, aborda a temática Projeto de Vida que tem como foco principal o sentido atribuído à “vida biográfica” e não à “vida biológica”, postulado por Julián Marías.

Na vida biográfica os acontecimentos podem ser narrados, cada um pode falar de sua vida. *Minha vida é o que eu faço e o que me acontece; eu com as coisas, fazendo com elas, vivendo. Minha vida é um gerúndio* (Marías, 1970/1971, p. 50).

Para Marías, a vida não está dada, requer imaginação, antecipação, invenção contínua da realidade. Realidade é o que se encontra, tal como se a encontra; não se trata de um encontro inerte, pois a realidade constitui-se como cenário da *minha vida*, no qual convivo e encontro outras vidas.

Em um estudo que pretende investigar os projetos de vida a partir da narrativa de história de vida, o sujeito dá respostas para a pergunta *Quem é você?*, que será articulada ao questionamento *Que vai ser de mim?*

Para Marías (1970/1971), a articulação das respostas sobre *Quem sou eu?* e *Que será de mim?* é sempre problemática, pois “quanto mais sou ‘eu mesmo’ mais vulnerável sou, mais aberto estou para ‘o que vier’, estou menos ‘feito’, sou menos ‘coisa’ e sei menos *o que vai ser de mim*” (p. 46).

A referência que faço ao ato de projetar sobrepõe-se ao uso cotidiano da idéia de projeto relacionado a finalidades profissionais, acadêmicas, políticas, educacionais, sociais ou econômicas imediatas. Projetar é lançar-se em busca de sua própria vida.

Já a vida é entendida como uma unidade em que no presente convive-se com o futuro e o passado de forma inseparável. Está-se no meio do caminho, agindo no presente entre o passado e o futuro.

A dimensão temporal, na filosofia de Marías (1970/1971), é compreendida na biografia do sujeito como tridimensionalidade, ou seja, ao agir no presente, com base no passado, se projeta ao futuro, sempre dado até mesmo para quem não o tenha projetado.

É somente pela atividade, pela superação, aqui entendida como metamorfose, na proposição teórica de Ciampa, que o sujeito pode lançar-se em busca do que não está pronto, mas que poderá vir a ser.

Desde quando é lançado ao mundo, o homem apropria-se ativamente da situação objetiva, que é definida pela estrutura de uma sociedade. É pela ação que ele pode transcender a realidade dada em direção ao projeto vital, duplamente determinado: o futuro como algo que falta e o futuro real, concreto, que pode se apresentar com possibilidades e impossibilidades.

A partir das circunstâncias em que se encontra é que o homem pode organizar mentalmente as atividades, imaginar o que virá depois; pensar no horizonte das possibilidades e impossibilidades e realizar escolhas, desde a roupa que usa, organização dos dias e horários para realização das atividades, escolher onde e com quem passará as férias, com quem e onde comemorará o aniversário, festas de final de ano, escolher livros, jornais, revistas, filmes, escolher o que comer, o que assistir na TV, escolher continuar a estudar ou não.

Neste estudo, o homem não está apenas determinado pelas circunstâncias históricas, sociais e geográficas, embora não seja totalmente livre, na perspectiva teórica de Marías (1970/1971), ele se faz pelas próprias escolhas, portanto, torna-se necessário investigar seus projetos vitais, suas escolhas, como agiu para superar o que ainda não é, mas poderá vir a ser.

Em decorrência das transformações pelas quais passa a sociedade contemporânea, torna-se mais relevante compreender como os indivíduos escolhem e agem em direção aos próprios projetos. Trata-se de relacionar o projeto de vida às questões mais pessoais do ser humano, embora as possibilidades e impossibilidades presentes em determinada circunstância possam atrofiar projetos individuais, aprisionar ilusões.

Ao não saber a que se ater para escolher e decidir, pode ser acometido pela angústia, pela incerteza frente ao que virá e que invade os momentos da vida; é como se antes de se concretizarem os projetos, eles se desmanchassem no ar, como acontece com as bolhas de sabão.

No capítulo II, ao descrever o percurso metodológico, tornou-se necessário justificar o uso da escrita autobiográfica da pesquisadora como procedimento necessário para, antes de posicionar-se como ouvinte da narrativa dos sujeitos deste estudo, preparar-se por meio da escrita da própria história de vida, que, no entanto não fará parte da exposição.

Também são apresentados o problema, os objetivos e procedimentos metodológicos para obtenção e organização dos dados que visam ao estudo da constituição identitária e suas relações com os projetos de vida de diretoras de escolas públicas.

As narrativas de Marta e Silvana são apresentadas no Capítulo III. É no método progressivo-regressivo, formulado por Sartre (1973), que se buscou compreender o movimento imbricado da singularidade à totalidade, da objetividade à

subjetividade, na dimensão temporal presente, passado e futuro dos fatos e personagens que ora se entrecruzam, ora se sucedem, ora coexistem, ora se alteram, que, num movimento em espiral, pode permitir a apreensão de aspectos da constituição identitária e das metamorfoses do sujeito.

Hoje levantei cedo pensando no que tenho a fazer antes que o relógio marque meia noite. É minha função escolher que tipo de dia vou ter hoje. Posso reclamar porque está chovendo ou agradecer às águas por lavarem a poluição. Posso ficar triste por não ter dinheiro ou me sentir encorajado para administrar minhas finanças, evitando o desperdício. Posso reclamar sobre minha saúde ou dar graças por estar vivo. Posso me queixar dos meus pais por não terem me dado tudo o que eu queria ou posso ser grato por ter nascido. Posso reclamar por ter que ir trabalhar ou agradecer por ter trabalho. Posso sentir tédio com o trabalho doméstico ou agradecer a Deus. Posso lamentar decepções com amigos ou me entusiasmar com a possibilidade de fazer novas amizades. Se as coisas não saíram como planejei posso ficar feliz por ter hoje para recomeçar. O dia está na minha frente esperando para ser o que eu quiser. E aqui estou eu, o escultor que pode dar forma. Tudo depende só de mim.

(Autor desconhecido)

CAPÍTULO I

PROJETO DE VIDA

A reflexão teórica que fundamenta a temática projeto de vida, neste estudo, encontra-se presente na filosofia do espanhol Julián Marías³. Os estudos de Ciampa contribuem para a compreensão da categoria identidade, entendida como metamorfose.

Em um estudo que objetiva investigar as articulações entre projetos de vida e constituição identitária, a opção por esses dois autores permite analisar e discutir os dados, com vistas a compreendê-los mais profundamente. Embora esses dois autores não possam ser identificados numa mesma matriz filosófica, humanismo existencial e materialismo dialético, não há oposição sendo possível articulá-los, uma vez que não existem contraposições radicais entre ambos; ao contrário, há elementos que permitem que as idéias de um complementam as do outro na tentativa de compreensão dos processos psicológicos em foco.

Marías (1947/1985), discípulo fiel às ideias de Ortega Y Gasset⁴, diz que a filosofia desorienta, mas que ao adentrá-la percebe-se o quanto se estava

³ **Julián Marías Aguilera** nasceu em Valladolid, Espanha, em 1914; faleceu na Espanha aos 91 anos, em 2005. Formou-se em filosofia na Universidade de Madri (1931-1936), quando encontrou o que ele próprio denominou de vida intelectual. Doutorou-se em Filosofia e Letras. Em 1932, ao frequentar as aulas de José Ortega y Gasset, tornou-se seu discípulo e amigo; juntos fundaram o Instituto de Humanidades (Madri). Sua obra é extensa, composta por mais de 60 livros, alguns traduzidos para o português, publicados no Brasil. Escritor intenso em volume e qualidade de produção. Gilberto Freyre, ao apresentá-lo no livro *A estrutura social* (1955), diz: “Um desses homens de estudo, que a essas condições junta a de pensador arguto e a de escritor autêntico, é o Professor Julián Marías, panibérico nas suas preocupações máximas e nas suas atividades principais e já transibérico na repercussão de uma obra que é hoje de importância para quantos, em qualquer país, se voltem para o estudo da Filosofia e das Ciências chamadas do Homem”. Sua obra aborda temas desde a filosofia social até a história da filosofia, da antropologia à cultura, da história ao estudo da Espanha, da América. O cinema também foi submetido a suas análises. Teceu comentários sobre os grandes filmes, atores e diretores do século 20. Esboçou até uma “antropologia cinematográfica” (*El Cine*, Royal Books, 1994). Seus primeiros trabalhos foram publicados em 1934, na revista *Cruz y Raya*. Em 1939, em decorrência de uma falsa acusação, Marías foi preso. Após a libertação, além de enfrentar dificuldades para publicar seus artigos, foi impedido de trabalhar como professor de Filosofia e Letras. Em 1941 publica sua primeira obra: *História da Filosofia*, na *Revista de Occidente* (editada em português pela Martins Fontes). No início dos anos 1950, foi impedido de assumir a cadeira de Ortega y Gasset. Foi convidado a lecionar nas universidades norteamericanas da Califórnia, Harvard, Yale e Porto Rico. Amigo do Brasil, acompanhava com interesse tudo o que acontecia no país, visitando-o repetidamente. Por várias vezes visitou o Brasil, tornou-se amigo de Gilberto Freyre ao qual dedicou vários artigos, apaixonou-se pela Bahia, tanto que escreveu o ensaio *Bahia: la Vocación de la Alegría*.

⁴ **José Ortega y Gasset**, filósofo espanhol, nasceu em Madri no ano de 1883, morreu na mesma cidade em 1955. Licenciou-se em Filosofia na Universidade de Madri, onde se doutorou em 1904. Em 1905 foi para a Alemanha e estudou nas Universidades de Leipzig, Berlim e Marburgo. Foi discípulo do neokantiano Herman

desorientado. A desorientação filosófica substitui o pensamento linear por uma estrutura circular que possibilita ir e vir, coloca o olhar em movimento, rompe com a passividade, instaura o pensar e o repensar, permite transitar, mover-se. A filosofia manifesta a realidade, descobre-a, mas não basta ver, é preciso dar conta do que emerge dessa realidade.

Realidade é aquilo que encontro e tal como a encontro; tudo que de algum modo encontro é, também de algum modo, realidade; e inversamente não tem sentido algum falar de realidade independentemente de meu possível encontro com elas, em qualquer de suas formas, entre as quais está esse peculiar encontro mental que consiste em excluir todo outro encontro que não seja esse mencionado (MARIAS, 1947/1985, p. 201).

Realidade é o que a pessoa encontra; porém, aquilo que encontra não necessariamente está onde se encontra, mas pode estar fora, o que Marías (1947/1985) denomina de modo de ausência.

O homem ao encontrar-se em uma realidade na qual encontra outras realidades, encontra-se na realidade radical que é *minha vida*⁵.

O conceito de “realidade radical”, criado por Ortega y Gasset, refere-se à “vida como realidade na qual radicam todas as outras realidades – supõe, entre outras coisas, uma superação tanto do idealismo quanto da fenomenologia”. Para Mora (1971, p. 2176), na filosofia orteguiana, a realidade antecede o ser, para se

Cohen. De 1910 a 1936 foi professor de Metafísica na Universidade de Madri. Seus escritos, publicados em jornais, revistas e livros influenciaram a vida na Espanha e fora dela, a ponto de contribuir para o surgimento de uma escola filosófica: a escola de Madri, à qual estão vinculados vários filósofos, dentre eles, Julián Marías, com quem fundou, em 1948, o instituto de Humanidades. Ortega y Gasset é um escritor que fez uso da metáfora e se esforçou para que seus escritos fossem inteligíveis. Sua obra versa sobre filosofia, literatura, arte, política, história, sociologia e temas humanos. Ferrater Mora (1971) salienta que, apesar da diversidade dos assuntos tratados, a obra orteguiana é fundamentalmente filosófica, tanto que influenciou e tornou possível a existência da filosofia na Espanha. Mora (1971) apresenta o pensamento de Ortega y Gasset dividido em três fases: a primeira fase, de 1902 a 1910, que corresponde ao objetivismo, quando afirma o “primado das coisas (e das ideias) sobre as pessoas”. A segunda fase, do perspectivismo, ocorre de 1910 a 1923, indica “que a substância última do mundo é uma perspectiva”. Nessa fase, Ortega y Gasset opõe-se ao idealismo, quando afirma que o “sujeito não é o eixo em torno do qual gira a realidade. O sujeito é uma tela que seleciona as impressões ou dado”, ele é uma vida, não só biológica, mas uma realidade concreta que tem a razão como função da vida. A terceira fase, de 1924 a 1955, denominada raciovitalismo permite entender a noção de razão vital que se contrapõe às interpretações pragmáticas, biológicas e intuitivas. A razão vital pode ser traduzida por ‘vida como razão’. “Viver é lidar com o mundo e dar conta dele, não de um modo intelectual abstrato, mas de um modo concreto e pleno”. (Mora, 1971, pp. 2175-2178)

⁵ Marías utiliza-se muito de itálico em expressões tais como: *minha vida*, *futuriço*, *formas de instalação*, *quem é*, *forçosidade*, *quefazer*, *estar e fazer*, *estrutura vetorial da vida*, *encontrar-se*, *fazendo*, *estar vivendo*, *corpórea*, *mundana*, *eu me encontro*, *urgências vitais*, *felicidade*. A partir daqui as expressões serão utilizadas no texto como apresentadas nas obras do autor.

opor à fenomenologia, que considera o ser como realidade. Na expressão filosófica de Marías (1970/1971):

Realidade radical é o 'âmbito' em que encontro toda realidade, e é, a um tempo, o que fica quando elimino toda interpretação: as coisas e eu, eu com as coisas, eu fazendo algo com as coisas, vivendo; em suma, minha vida (p. 55).

O conceito de vida presente na obra de Marías⁶ (1970/1971) não se refere a uma definição universal, biológica, que corresponde às formas de vida, aos modos de ser dos diferentes seres vivos.

Para evitar uma abordagem genérica da vida humana, Marías (1947/1985) tem como ponto de partida a própria vida, a *minha*, a única vida acessível, presente, que possibilita entender o que quer dizer vida.

Minha vida é minha, é aquilo que *eu* faço comigo, insubstituivelmente e sem que alguém possa tomar o meu lugar ou compartilhar comigo esse fazer que consiste em decidir o que vou ser a cada momento. (p. 246, grifos do autor)

A vida que antecede o nascimento não está dada como possibilidade, não está feita, está por fazer; contudo, não é só fazer, é preciso imaginá-la, antecipá-la e inventá-la a cada instante para fazer a própria vida: “eu tenho que fazer *minha vida* com as coisas” (MARÍAS, 1970/1971, p. 58).

As coisas encontradas na realidade apresentam-se em movimento e já interpretadas. Viver é colocar-se em movimento para interpretar e se apropriar do repertório social, que se encontra desde o nascimento.

Como salienta Marías (1970/1971), a realidade encontrada apresenta-se recoberta pelas interpretações com as quais o homem tem que se haver, isto é, deverá interpretar a realidade que já se apresenta interpretada. É preciso reconhecer as interpretações, ver sua origem e distingui-las da realidade interpretada. Há um ver passivo e um ver ativo que selecionam, *interpretam vendo* e *vêm interpretando*, que possibilitam apreender a realidade em sua conexão e organização.

⁶ Em Antropologia Metafísica (1970), obra que referencia este estudo, Marías explora a filosofia da realidade humana a qual denomina de estrutura empírica da vida humana. Esse tema foi pensado por ele ao longo de vinte anos. De sua extensa obra, esse é seu livro mais pessoal.

Esta concepção de Marías (1970/1971) é coerente com a contribuição dos estudos de Ciampa (1998) quando diz que o bebê humano, tão logo se depara com a realidade, gradativamente observa, identifica e interioriza as relações para posteriormente representá-las ou não. Para que possa representá-las, é preciso ressaltar que antes do nascimento já existe na família um lugar determinado, uma representação prévia desse bebê como filho, membro de uma determinada família. Essa representação não é suficiente para que ele se constitua como filho; o grupo social precisará confirmar as representações “através de comportamentos que reforcem sua conduta como filho e assim por diante” (CIAMPA, 1998, p. 65).

Os grupos sociais com os quais o bebê se depara desde o nascimento existem pelas relações que se estabelecem entre os membros que o compõem, pelas ações já realizadas por outras vidas já vividas.

Na perspectiva dos estudos de Ciampa (1998), o homem é um ser de relação; relacionar-se com o outro é a base da constituição da identidade, quando, pela dialética igualdade/diferença se iguala e se diferencia: brasileiro ou estrangeiro, homem ou mulher, casado ou solteiro, católico ou protestante etc.

Para Ciampa (1998), é nesse movimento de concretização de si que se constitui a identidade; necessariamente, porque é o desenvolvimento do concreto e, contingencialmente, porque é a síntese de múltiplas e distintas determinações.

Diferentemente de outros seres vivos, o homem está constantemente fazendo e refazendo o seu viver. Enquanto age, o homem vai existindo, fazendo, e nesse movimento de existir e fazer ele poderá ser o que tiver projetado ser. Ele faz-se dentro dos limites da realidade de determinada circunstância que se encontra na vida biográfica, uma realidade singular, temporal, que pode ser contada, narrada e analisada.

Para Marías (1970/1971), frente às circunstâncias e imbuídos da liberdade é que os homens pensam e escolhem os projetos frente às questões “por quê?” e “para quê?”. Embora a liberdade humana não seja total, o homem se faz pelo exercício livre da escolha. É preciso assumir a liberdade e as consequências decorrentes das próprias escolhas.

O repertório que constitui a circunstância é estritamente individual, pertence à *minha* circunstância, é insubstituível e única para cada ser humano.

A circunstância, na filosofia de Marías (1947/1985), refere-se a tudo o que o homem encontra ao seu redor, que inclui o mundo histórico, social, geográfico, a

vida psíquica, o passado. Todas essas condições encontradas na circunstância não são apreendidas isoladamente, separadamente, mas articuladas.

A situação refere-se à realidade mais restrita, mais individual, constituída pelos elementos que englobam a circunstância que se altera em decorrência do momento histórico-social.

Para Marías (1947/1985), é sobre as coisas que em dada situação constituem-se como possibilidades que o homem se faz e faz a história, quando escolhe entre o que se ater ou não, mediante os problemas que a situação coloca e que define o que se pretende fazer ou não. Há, contudo, pretensões que podem se realizar e outras não.

Ao pretender agir com o que se apresenta em dada circunstância, o homem pode não se perceber como um ser de possibilidades, pode não assumir a escolha como sendo própria e atribui a consequência a fatores externos às circunstâncias.

Cada um elege a possibilidade frente aos motivos decorrentes da situação em que se encontra; contudo, pode ocorrer que ao conviver com situações em relação às quais não sabe a que se ater, o homem pode se sentir ameaçado e inseguro, e é com isso que cada um, aqui e agora, faz sua vida, tendo em vista o que virá, o que não se sabe e não se vê, em vista do latente e do que possa reduzir as ameaças e incertezas.

Por outro lado, ao se ater ao que a situação tem de estável, pode-se alcançar a finalidade pretendida e superar a incerteza.

O homem é um ser de possibilidades, está frente às alternativas que poderá escolher. Ao fazer escolhas, dirige-se, age e movimenta-se, constitui sua individualidade.

Embora diferentes momentos históricos e sociais possam configurar-se como possibilidades ou impossibilidades, a ação humana pode superar a realidade. A possibilidade de superação é determinada pela presença do futuro como algo que falta.

O homem é essencialmente aberto, orientado ao futuro, é *futuriço*⁷; portanto, pode inovar, imaginar, inventar uma possibilidade que não foi apresentada na circunstância (MARÍAS, 1970/1971).

⁷ Futuriço: termo utilizado por Marías, cunhado por Ortega y Gasset, para indicar a primazia sobre o tempo que fundamenta a preocupação com as situações postas ante à vida.

Quando imagina previamente a vida que se quer é que as facilidades e dificuldades convertem-se em possibilidades. Esse repertório de possibilidades não é permanente, ou seja, é variável. Num dado momento, o que era possibilidade pode converter-se em impossibilidade e vice-versa. Cabe ao homem escolher e decidir quais serão suas escolhas e assumir a autoria para criar, recriar e representar seu próprio personagem para concretizar o projeto imaginado. Há pessoas que não realizam escolhas, o que, no entanto, já se constitui uma escolha, a de não viver, ou seja, conforme proposição de Ciampa (1998), a escolha de viver na *mesmice*, de não escolher.

A escolha é sempre do sujeito, pois não é possível não escolher, escolher pelo outro ou escolher o que o outro escolhe para si. Pode-se optar por sempre escolher, mas quando a pessoa não escolhe há, nisso também, uma escolha.

Nem todas as possibilidades são escolhidas, há as que são excluídas, eliminadas, há as que poderiam ser feitas, mas não as são. Ao escolher por uma vida renuncia-se a outras vidas imaginadas, é a limitação da vida. Tanto a escolha quanto a decisão requerem um motivo, uma pretensão que leva a pessoa a agir, a escolher algo aqui e agora, por ou para isto ou aquilo. As decisões levam em conta a vida imaginada, pretendida.

Ao eleger uma das possibilidades, o homem precisa dar conta de sua situação presente. É o que faz com que em determinada situação seja preferível uma escolha em detrimento de outra.

A questão é saber a que se ater para escolher e decidir dentre as possibilidades e impossibilidades presentes em determinada circunstância, pois a decisão tem sempre consequências.

O homem, desde o nascimento, quando interage com os grupos sociais, escolhe, decide entre o fazer e o não fazer; dessa forma produz as condições de sua vida, ao mesmo tempo que se produz a si mesmo em vista do projeto que tem para sua vida.

Ao encontrar as coisas dadas e interpretadas, há um modo de estar-no-mundo que é dinâmico, pois os acontecimentos não seguem uma ordem pré-estabelecida, são mutáveis e ocorrem em hierarquia pessoal correspondente às necessidades individuais, com intensidade e orientação próprias. A importância e o sentido dados às coisas são atribuídos individualmente, possibilitando a interpretação de si e dos conteúdos das situações da vida.

Como a vida não está feita, nem previamente decidida, o homem tem que fazê-la e criar as próprias possibilidades. Ela é constituída pelo existir humano e revela-se pelos atos, pela presença do homem numa dimensão temporal que engloba o tempo que decorre entre o nascimento e a morte: “é o tempo em que o homem se escolhe a si mesmo, não o que é, mas sim *quem* é, em que inventa e decide quem *quer ser* (e não acaba de ser)” (MARÍAS, 1970/1971, p. 255).

Embora a vida se constitua nas relações sociais, *minha vida* é só minha, cabe a cada um imaginá-la e vivê-la autenticamente, caso contrário não se vive a *minha vida*. Para Marías (1947/1985), viver implica encontrar-se no mundo para nele agir e viver.

O sujeito se faz na atividade, contudo torna-se necessário esclarecer o conceito de atividade presente nos estudos de Ciampa (1998) e Marías (1947/1985).

Nos pressupostos teóricos de Ciampa (1998), o fazer humano se dá pela atividade no mundo. É pela prática, pela ação que ele se expressa. É pela atividade que o homem transforma, se transforma e torna-se autor da própria vida. É pela atividade que o sujeito constitui a identidade, aqui entendida como metamorfose.

Apresentado por Marías (1947/1985), o conceito de atividade, no sentido orteguiano, opõe-se à definição de atividade considerada mais ou menos inerte e mecânica. Para o filósofo espanhol, a atividade não depende do sujeito; portanto, não cabe a ele a responsabilidade pela ação, já o fazer constitui a *minha vida*, é o que o homem faz e se responsabiliza pela ação. A vida é mais que uma atividade, é um *quefazer*, é o que tem que ser feito aqui e agora; é uma realidade dinâmica vinculada a uma circunstância. O que se encontra constitui a *minha* circunstância e é nela que se vive e age.

A atividade do homem, fundamentada nos estudos de Ciampa (1998), acontece nas relações sociais; o homem é um ser histórico-social, que não nasce humano, mas faz-se humano nas relações que estabelece com a natureza, com os outros homens e consigo mesmo por meio de sua atividade no mundo. Já o fazer na filosofia de Marías (1947/1985), fundamentado em Ortega y Gasset, vê o homem em relação com outros homens, mas é ele que faz de si o que ele é.

Tanto para Ciampa (1998) quanto para Marías (1970/1971), a atividade do sujeito refere-se ao fazer sobre si e sobre o mundo e acontece na temporalidade.

A dimensão temporal nos estudos de Ciampa (1998, p. 198) indica que “a concretude da identidade é sua temporalidade: passado, presente e futuro”. Nos diferentes momentos da vida, as personagens que constituem a identidade se

sucedem, se entrecruzam em um movimento progressivo e regressivo. Neste sentido, para conhecer a identidade de uma pessoa é preciso verificar a interpenetração dos acontecimentos históricos e sociais no passado, presente e futuro sem perder a visão da totalidade em que se constitui a identidade.

Marías (1970/1971), ao abordar a temporalidade, considera que o momento presente é o que acontece, é o mundo real; o passado constitui o conteúdo acumulado da vida que pode ser recordado, lembrado, e é constitutivo do presente; o futuro é o mundo imaginado, desejado, um mundo que ainda não é, mas que poderá vir a ser.

O desejo, na perspectiva teórica de Marías (1970/1971), é muito mais amplo que a vontade, pode-se desejar o possível e o impossível, o que se quer e o que não se quer e o que não se pode querer.

O desejo é o que mobiliza as projeções e concretizações da vida humana. Pode-se imaginar o mundo como outra realidade desejada, mas as circunstâncias de *minha vida* que constituem a vida biográfica possibilitam, no momento presente, antecipar e decidir sobre as possibilidades que poderão constituir seu futuro; trata-se de uma *forçosidade*, em que é urgente e forçoso fazer algo com o que encontra em uma determinada circunstância (MARÍAS, 1970/1971, p. 313).

O *fazer algo*, na filosofia de Marías (1947/1985), refere-se à pretensão ou projeto que implica imaginar, antever o próprio viver, as próprias possibilidades, pois estas só existem quando projeto *minha vida*.

O ponto de partida do projeto é o que já foi feito; portanto, não começa do nada. Está-se em uma situação com a pretensão de fazer algo em direção a outra situação.

A concretização do projeto é possível a partir da maneira da pessoa *estar* e *fazer* o próprio viver em circunstâncias que apareçam com certa estabilidade, que não são estáticas, nem duradouras, tampouco permanentes, mas que são dinâmicas.

Ao realizar escolhas, o homem leva em consideração a dimensão temporal, que consiste em perceber a perspectiva vital com maior ou menor profundidade em relação ao momento da vida em que se encontra.

A temporalidade marca a direção da vida que se faz para a frente, que não é uma mera fluência temporal. Na perspectiva teórica de Marías (1970/1971), o indivíduo encontra-se em uma situação porque antes estava em outra. O *estar* em determinada situação com a pretensão de se fazer algo coloca o homem em

movimento, o que implica sair dela em direção a outra; é o que se denomina por *instalação*.

Enquanto o *estar* implica necessariamente movimento, a *instalação* é definida por uma certa estabilidade, embora não seja permanente. A *instalação* não detém o movimento, mas é a partir dela que o ator age em busca das personagens para representar os papéis. Nas palavras de Marías (1970/1971), a *instalação* é o leito pelo qual a vida transcorre:

Pensar esse leito não como o de um rio terrestre, constituído por materiais sólidos e em princípios estáticos, mas sim como o de uma corrente marítima, como o invisível e movediço, feito de tensões, de diferenças de pressão ou temperatura, que conduz, dentro do oceano em movimento, essa realidade dinâmica e permanente, toda mobilidade e, no entanto, estável e configurada, que chamamos a Corrente do Golfo (p. 89).

A *instalação* está imbricada na *estrutura empírica da vida humana*, ou seja, nas experiências pessoais que, apesar de articuladas às outras vidas, mantêm a singularidade, que é intransferível. Na expressão de Marías (1970/1971), a *estrutura empírica* pertence à vida humana, e é na vida que empiricamente se descobre a estrutura.

As experiências são vivenciadas pelas pessoas num movimento que vai de um equilíbrio a outro. Há momentos em que um fato se desloca, se transforma, se rompe e, mesmo que possa parecer mínimo, sem tanta importância, quem o está vivendo percebe que dificulta a fluência da vida, percebe a mesmice, o reverso da metamorfose.

Quando a vida biográfica entra em desequilíbrio e provoca uma “desorientação”, pode manter o homem privado, tolhido de sua liberdade de escolha e aprisionado ao momento presente.

O homem não se faz só no presente, só no futuro e nem só no passado, mas *instalado* na dimensão temporal que possibilita lançar-se, projetar-se em várias e divergentes trajetórias.

Marías (1989) alerta para o uso da expressão trajetórias no plural, que se funda nas ações realizadas, iniciadas, abandonadas, frustradas e às vezes recuperadas e alteradas em diferentes momentos da vida.

Para conhecer a trajetória biográfica faz-se necessário compreender as demais que se movimentam e se articulam em um sistema de projeções e tensões

de direção e intensidades diferentes, que Marías (1970, p. 89) denomina *estrutura vetorial da vida*.

Os conceitos de *estrutura vetorial* e *instalação* são recíprocos. A partir da *instalação* em que se está, o homem projeta-se biograficamente. Há uma expansão, uma dilatação vetorial com orientação e intensidade em várias direções. O conceito de *estar* significa inclusão em tudo o que é um lugar, um âmbito, um onde, não é um significado que remete ao espaço, mas tem o sentido de *encontrar-se* para agir (MARÍAS, 1970/1971, p. 95).

A atividade do homem sobre a realidade é possível a partir das *formas de instalação*: mundanidade e corporeidade.

Para Marías (1970/1971), o mundo, criação humana, é o lugar do homem, onde ele age e interage, pois homem isolado é abstração. O mundo é onde se *está*, onde as coisas acontecem, é uma estrutura concreta que possibilita a *instalação* nas circunstâncias constituídas por um cenário no qual o drama acontece, em que a *minha* e outras vidas entram, saem, ficam, como esclarece o filósofo espanhol:

O mundo não é coisa, nem uma soma ou conjunto de coisas; é o *âmbito* ou o *onde* “em” que as coisas estão e em que – em outro sentido do verbo estar – eu estou. Esta mundanidade apresenta-se em formas estruturais: aqui, aí, ali; o presente e o ausente; o patente e o latente (p. 98).

Nem mundo, nem corpo são coisas, embora na realidade sejam encontrados separados, não são isolados. Um corpo isolado do mundo morreria.

A instalação corpórea, que não se refere apenas às condições biológicas, físicas, mas à convergência do mundo interior (psíquico) com o mundo exterior (físico), são as interpretações das coisas que, inicialmente, quando não realizadas por *mim*, aparecem como estáticas; contudo, não são porque o estar corporalmente no mundo é um *estar fazendo*, *estar vivendo*, movimentando-se e apontando em várias direções.

A corporeidade é uma maneira de *estar em* e *com* a realidade, que Marías (1970/1971) denomina *sensibilidade*. A *sensibilidade*, articulada aos sentidos, confere ao corpo um aspecto sensível que, ao inseri-lo no mundo, possibilita descobrir realidades que não estão manifestas. Os sentidos possibilitam ao homem realizar uma análise do mundo.

Como as *formas de instalação mundanas e corpóreas* são caracterizadas por comodidade e incomodidade, a pessoa, ao se encontrar em uma situação incômoda, pode sofrer a *crise da instalação corpórea* (MARÍAS, 1970/1971).

Marías (1970/1971) destaca que a *instalação corpórea* é a maneira concreta que possibilita à pessoa estar no mundo, deslocar-se de um ponto a outro, perguntar pela realidade e buscar seu entendimento. A pessoa está instalada em um corpo, ela não é sem seu corpo. Ele não se refere ao corpo propriamente dito e sim ao eu: estou corporalmente instalado no mundo, vivendo, fazendo, inovando e criando uma maneira individual de me apoiar nas *instalações mundana e corpórea*.

Essa concepção de *eu* fundamenta-se na expressão orteguiana, *eu sou eu e minha circunstância*⁸, ou seja, o importante é o *eu* co-implicado com a realidade que encontra e que exerce uma pressão antecipadora e *futura* sobre as circunstâncias. É a condição vetorial do *eu* (MARÍAS, 1970/1971).

No *eu me encontro*, descobre-se que já se estava ali. Dessa forma de entender o *estar*, chega-se ao conceito de *têmpera*, como *forma de instalação*. A *têmpera* não é estável, ela muda dentro de cada instalação, que é relativamente estável.

As dimensões da vida humana - herança biológica, condições históricas, sociais, culturais, geográficas, idade, sexo, trabalho, família - atuam ao mesmo tempo, em conexão unitária na vida do homem e determinam a *têmpera* individual.

Para esclarecer, Marías (1970/1971, p. 131) toma como exemplo a *condição sexuada*. Antes mesmo do nascimento do bebê humano há uma expectativa da condição sexuada do nascituro. Ao observar a *condição corpórea* é confirmada a condição de menino ou menina, que não está dada, mas que se terá que fazê-la.

A *condição sexuada* não se restringe às diferenças biológicas. Cada ser humano, instalado biograficamente em seu respectivo sexo, interpretará as determinações históricas e sociais que constituem sua maneira única de ser, de dizer o que pensa, o que sente e o que vê.

⁸ Tese formulada em 1914 por Ortega y Gasset e utilizada por Marías: “eu sou eu e minha circunstância”, significa que circunstância é tudo o que me rodeia, tudo o que encontro ou posso encontrar. Minha realidade inclui o mundo como circunstância.

O homem e a mulher, o jovem e o velho, a freira e a esposa encontram-se igualmente instalados na *condição sexuada*, constituindo uma maneira singular de se expressar, representada por personagens. Essa representação é modulada em decorrência da situação em que se encontra, tendo em vista quando, como e com quem.

Dependendo da *forma de instalação*, ao se projetarem, parte-se do que é estabelecido pela *têmpera* que é influenciada, regulada, determinada de acordo com o aceitável na sociedade em que se vive. A *têmpera* dominante em cada circunstância pode ser superada pelo indivíduo a fim de se diferenciar e enfrentar o que é estabelecido socialmente. É a partir da *têmpera* na qual o homem encontra-se instalado que se podem lançar os projetos vitais.

É importante ressaltar que a *têmpera* decorre da vida humana, mas não se reduz às condições com as quais essa vida se faz; ela modula o que se está vivendo. Cada um, a partir da instalação, pode orientar e guiar sua vida pela importância atribuída às coisas que, ao serem escolhidas, têm uma significação individual.

Podemos sentir a *têmpera* da sociedade a que pertencemos como uma prisão ou como um desterro; podemos, ao contrário, sentir-nos perfeitamente “sintonizados” com ela, temperados em uníssono com nosso país e nossa época (MARÍAS, 1970/1971, p. 198, grifo do autor).

Dependendo das circunstâncias da vida humana, as *formas de instalação* podem ser mais ou menos favoráveis: a *condição sexuada*, a idade, que tem uma instalação variável e sucessiva, a raça, a classe social ou casta, a língua e outros exemplos de *formas de instalação*. Marías (1970/1971) diz que há possibilidades de outras formas de instalação tornarem-se relevantes em determinadas circunstâncias nas quais o homem se encontra, que não são escolhidas, embora condicionem e regulem a atividade.

A esse encontro, mediante situações que não foram escolhidas, previstas, Marías (1970/1971) denomina *acaso*, que, ao adentrar inesperadamente em minha vida, inova, evita o encarceramento, me mantém o homem em estado de alerta.

O acaso afeta de maneira distinta cada vida biográfica, que é modificada e personalizada de forma particular pelo homem que, no anseio por segurança, procura eliminá-lo para escapar da vulnerabilidade das pressões do dia-a-dia. Nesse

caso, pode ocorrer a passividade ou o movimento que consiste em retificar o projeto inicial, procurar outros caminhos e decidir pelo exercício da imaginação e da liberdade que permite ao homem projetar e realizar.

Há momentos em que, frente ao *acaso*, urge fazer o que é necessário, sem postergar; são *urgências vitais*, pois o que necessita ser feito *tem* que ser aqui e agora, o que caracteriza a urgência do fazer (Marías, 1947/1985).

Embora cada um possa estabelecer sua própria urgência mediante as pretensões, há condições objetivas que podem inviabilizar a escolha, é quando ocorre a renúncia e a pretensão é reformulada.

Frente a uma realidade que se mostra hostil, o homem pode escolher, pode mudar; para isso, é preciso criar e agir para transformar a possibilidade em realidade. Ao escolher, a atividade ganha sentido, contudo há circunstâncias favoráveis e desfavoráveis em que interesses e conveniências podem impedir a atividade que busca a transformação, ficando os sujeitos presos a um papel que os mantém naquilo que Ciampa (1998) denomina *mesmice*.

Há casos em que a pessoa não suporta a *mesmice*, não consegue construir uma nova personagem e no lugar da superação pode optar pela autodestruição. Há situações em que uma *mesmice* é substituída por outra mais conveniente; em outras situações a opção consiste em protelar a transformação.

Nesses casos, a identidade permanece na não-metamorfose, quando não traz a possibilidade de transformação, impossibilitando superar as contradições, mantendo-se aprisionada num círculo vicioso, em uma infinita re-posição da identidade pressuposta. Ao manter a *aparência de inalterabilidade* por algum tempo, com a intenção de conservar uma condição prévia, o homem mantém-se na *mesmice* (CIAMPA, 1998, p. 165).

A superação da identidade pressuposta consiste em reconhecer os fatores da realidade que o condicionam no presente em relação ao seu projeto. Ao agir para além da realidade presente, ocorre um movimento para o que ainda não é, mas poderá vir-a-ser.

Quando há transformação da personagem, em que se busca a superação da identidade pressuposta, ocorre a metamorfose. As mudanças ocorridas na identidade acontecem concomitantemente na consciência e na atividade, uma determinando a outra, pois não só as coisas ao redor do homem mudam, mas o próprio homem muda.

Nos casos em que o sujeito se percebe com dificuldades de superar a identidade pressuposta, mantém-se na re-posição, impossibilitado de “ser-para-si”, de buscar a autodeterminação, ocultando a verdadeira natureza da identidade como metamorfose, gerando a “identidade mito”. Ocorre, nesse processo, o que Ciampa (1998) denomina “fetichismo da personagem”.

Quando o sujeito busca e vive a superação promove a alteridade, que implica gradualmente, a partir do acúmulo de mudanças quantitativas, o desencadeamento de mudanças qualitativas. (CIAMPA, 1998)

Frente às circunstâncias encontradas, cada homem reage diferentemente, cada um interpreta a realidade com sua singularidade e subjetividade. Cada um faz seu próprio projeto, tendo em vista o que pretende ser. O ponto de partida do projeto é o que o motiva a agir aqui e agora e possibilita fazer a *sua vida* e continuar vivendo. Para que o projeto individual não seja apenas uma abstração dessa situação é necessário ultrapassar as limitações das circunstâncias dadas *a priori*.

A pretensão a uma outra vida, a um outro mundo, leva o homem a imaginar, inovar, transformar as circunstâncias. Quando não se tem clareza sobre a pretensão, a imaginação pode ficar prejudicada, o que pode ter como consequência a escolha e a decisão por possibilidades que não correspondam ao pretendido.

Se o homem fosse somente um ser perceptivo, atento à realidade presente, não seria possível projetar. Além da percepção que apreende o objeto humano, é preciso apreender-se a si mesmo como realidade que o afeta e é afetada por ele.

Esse é o acontecer da vida humana que sucessivamente se dá no entrelaçamento, na interpenetração de um momento no outro, na continuidade articulada e marcada por momentos de ruptura ou de superação; caso contrário, viveríamos a mera repetição, *a mesmice*. Viver é agir, movimentar-se para as realidades, para as expectativas. Vivendo é que a vida se descobre como acontecimento. A vida, no gerúndio, é o momento presente da pessoa, que é *estar fazendo*.

Quando dizemos que ‘se está fazendo’, facilmente podemos entender mal: ou no sentido de a pessoa ainda não estar feita, ou de que se procura seu “resultado”. Não é isso: a pessoa *já é*, está feita como pessoa, e por outro lado não interessa seu “acabamento” ou resultado. Seu ser atual é se estar fazendo, ou melhor, estar vindo. Toda relação estritamente pessoal, amizade, amor o prova: nela o *estar* é um “continuar estando”, feito de duração e primariamente de futuro, um constante estar *indo* e *vindo*; sobretudo, um “ir a estar” (MÁRIAS, 1970/1971, p. 36, grifos do autor).

A partir do que se estava fazendo, do momento prévio no qual se está *instalado* é que o homem pode imaginar o mundo como outra realidade desejada.

O tempo vivido é insubstituível, irrecuperável, no sentido de que cada etapa é única. O que não se fez na infância, na adolescência, não mais se fará; esse processo é o que Marías (1947) denomina *data biográfica*.

Tanto na infância quanto na adolescência, o viver implica fazer as coisas na direção do que serão no futuro. As crianças e os adolescentes, ao observarem o mundo dos adultos, podem percebê-los vivendo em realidade estável, já realizada.

O jovem⁹ sabe que tanto ele quanto o outro um dia morrerão, mas esse acontecimento está, em tese, distante de seu horizonte de possibilidades.

Com a chegada da idade adulta, depara-se com a instabilidade, com a limitação temporal dos dias contados, que finda com a morte, e a necessidade de reinventar cotidianamente a própria vida frente às possibilidades e impossibilidades presentes, tendo em vista o futuro.

Na fase adulta, ao incluir a morte ao tempo que lhe falta, o homem acrescenta o aspecto qualitativo; ao articular a limitação quantitativa com a qualitativa é que se organiza internamente para escolher seu futuro.

Em cada tempo de vida, a idade pode representar um acúmulo de experiências, que permite sentir, perceber a realidade de maneira diferenciada. Só o fazer humano pode realizar o futuro, pois não está feito, há de se fazer.

O futuro é o que se busca imaginar, antecipar, pois mesmo incerto e vago, conta-se com ele para fazer a vida. No presente, projeta-se para o futuro, como diz Marías (1970/1971, p. 20): “não sou o futuro, estou presente, atuante, sou *futuriço*”.

O futuro ainda não se tem, não é real; em alguns momentos, pela imposição dos limites da vida apresenta-se como inacessível, distante, impossível, improvável; é quando a ilusão afeta o futuro e impulsiona o projeto.

O futuro, antecipado e afetado pela ilusão, impulsiona estudos, descobertas, construções. A ilusão não se reduz à alegria, entusiasmo, é a raiz da dimensão humana. Desde cedo, as crianças têm ilusões que podem ou não se realizar; é quando requerem a colaboração de um adulto para que possam, com os recursos próprios de seu corpo, realizar seus próprios projetos.

⁹ Não o jovem do morro, criado nas circunstâncias do tráfico.

A vida, tanto da criança quanto do adulto, está tensionada, orientada para o futuro. Vive-se o presente, mas com olhos para o futuro, projetados. É na possibilidade de concretização dos projetos que se sente ilusão. A ilusão é característica do viver e refere-se a quem a pessoa pretende ser.

Do nascimento à morte, o homem interpreta a dramaticidade da vida humana, percebe as circunstâncias históricas, sociais e materiais que constituem as experiências e integram a vida biográfica que se manifesta e se faz presente na expectativa, no sonho, no desejo, no conflito, a partir das *formas de instalação* que se faz na singularidade e autenticidade.

É na convivência com esse mundo, no ir e vir entre o que se quer e o que é possível, que o homem imagina e decide *quem* e *o que* quer ser. Nas palavras de Marías (1970/1971, p. 255), “Tudo aquilo realmente querido, será. A isso nos condenamos: a sermos de verdade e para sempre o que quisermos”.

No transcorrer da vida biográfica há uma preocupação com uma expectativa indefinida de vida.

A primeira data, que corresponde ao nascimento, e a última, que se refere à interrogação da data da morte, limitam a vida humana. Enquanto a estrutura projetiva da vida biográfica é aberta, indefinida e ilimitada, a estrutura empírica da vida humana é fechada, isto é, tem uma *finitude*, a morte. Se por um lado o homem é mortal, *minha vida* tem a pretensão da eternidade.

Ao deparar com o fato de que um dia morrerá, o homem age em decorrência da limitação temporal. Caso vivesse um tempo de vida ilimitado, poderia escolher, errar, escolher novamente, mas a vida é finita.

Pela atividade o homem pode transformar e superar a circunstância; entretanto, há momentos que, dentre as trajetórias desejadas, é necessário escolher e realizar uma de cada vez, enquanto outras são postergadas ou se renuncia a elas.

O que num determinado momento é identificado como bom, em um instante seguinte pode ser rompido, o que pode afetar, alterar a liberdade, a escolha, o projeto de vida.

Ao realizar a escolha pretendida, a pessoa possivelmente sente-se feliz; por outro lado, quando não consegue alcançar a pretensão, pode ser acometida pela angústia.

Por mais que as ações busquem a minimização dos riscos, há momentos em que o homem pode ser atingido pela indefinição, pela privação da liberdade, pela

incerteza nos relacionamentos pessoais e profissionais, o que pode afetar a felicidade e consequentemente a *futurição*.

A *felicidade*, nos estudos de Marías (1985/1989), é uma *forma de instalação* da qual se projeta vetorialmente. Quando está feliz a pessoa sente-se incluída na felicidade. Vale lembrar que a vida é constituída pela instabilidade que vai de um momento a outro; portanto, o homem vai se *instalando* em momentos de *felicidade*. Nesse sentido, não dá para dizer “sou feliz”, pode-se dizer “estou sendo feliz”.

O homem, em determinados momentos da vida, quando se dedica a realizar um balanço vital, pode perceber o quanto realizou ou não a respeito de suas pretensões ao longo da trajetória de sua vida. Para Marías (1985/1989), o balanço vital possibilita ao homem perceber como se sente e como se sentiu nos momentos em que a pretensão foi ou não alcançada e as superações e frustrações decorrentes das escolhas e decisões contribuíram para que se sentisse mais ou menos feliz.

A felicidade ou infelicidade, vividas na infância, adolescência e juventude, perduram na vida biográfica, tanto que quando narradas por seu autor são expressas de forma emocionada.

Da formulação teórica de Marías (1970/1971) a respeito da vida humana com significação biográfica há a *condição amorosa*, para a qual as outras dimensões convergem.

A *condição amorosa* tem origem na realidade radical que é a *minha vida*. Ao viver em determinada circunstância, o homem necessita do que lhe falta e também do que já tem para continuar vivendo. É uma necessidade constante, não biológica, mas biográfica, pessoal; portanto, o modo de necessitar as coisas é individual, é com elas que se faz o próprio viver.

Instalados na condição sexuada, ao necessitar de outra pessoa, projeta-se em direção ao outro e estabelece-se uma *têmpera* que é modulada pela *condição amorosa*. Marías (1970/1971) alerta para o fato de que necessitar de algo é diferente de necessitar de alguém: “Este ‘algo’ pode me ser *dado*, ou preferindo-se, *está aí*; ao contrário, ‘alguém’ só pode ‘estar se dando’ e, pelo caráter ‘eveniente’ da pessoa, não está simplesmente ‘aí’ mas *está vindo*” (p.174).

A necessidade que uma pessoa tem de outra não está dada, ela acontece na circunstância. Ao necessitar de uma outra pessoa, a pergunta nesse caso seria: para que necessito de uma pessoa? A resposta, de acordo com Marías

(1970), implica uma narrativa da própria biografia. Pode-se necessitar a pessoa do mesmo sexo ou do sexo oposto. É a *condição sexuada* que possibilita ao homem e à mulher projetarem-se para o outro.

Instalados na condição amorosa, o homem projeta-se a partir da necessidade pessoal, que é vetorial; nas palavras de Marías (1970/1971, p. 183): “necessito uma pessoa com uma intensidade tal e com uma ‘inclinação’ ou orientação muito precisa”.

Ao enamorar-se, a pessoa amada constitui-se o projeto vital do enamorado; ao ocupar um lugar de destaque na *minha vida* converte-se em objeto para o qual são dirigidos os olhares, os gestos, os desejos.

Além de projetar-se para a pessoa amada, o enamorado projeta-se com ela e percebe-se como inseparável. Nas palavras de Marías (1970/1971, p. 184, grifo do autor), “sem ela, propriamente não *sou eu*”.

Há uma alteração da realidade de quem está se enamorando; ao pensar dia e noite no amado, pode-se chegar a atitudes obsessivas; projeta-se contando com a presença inseparável do outro, quando este se ausenta a vida biográfica é afetada por não conceber a vida sem o outro.

O relacionamento entre as pessoas é afetado pela *condição corpórea*; as pessoas vivem corporalmente, é pelo corpo que ela mostra-se e se faz presente.

A última *instalação* da vida biográfica é a velhice, quando o inevitável declínio físico de origem biológica convive com a ampliação das possibilidades pelo acúmulo da experiência da vida.

O sentido atribuído à velhice depende do significado que a morte tem para cada um. Quando ocorre a morte biológica, morre também o último momento da vida biográfica, morre a *instalação corpórea*. Aquele que morre, ao ser expulso da *instalação corpórea*, provoca uma alteração na *instalação mundana*, nas circunstâncias.

A morte é uma possibilidade que ameaça o homem em cada instante, ela está radicada na vida, na qual o homem a encontra como expectativa, como possibilidade, como conteúdo de *minha vida*.

Enquanto a estrutura projetiva da vida biográfica é aberta, indefinida e ilimitada, a estrutura empírica da vida humana é fechada, isto é, tem uma *finitude*, a morte. Se por um lado o homem é mortal, *minha vida* tem a pretensão da eternidade.

Em uma realidade, na qual existem homens com semelhanças e diferenças, cada um se constitui único e responsável pelas consequências das escolhas e ações em função do projeto que busca realizar.

O homem é forçado a escolher a cada instante quem vai ser, do que se segue a concepção de um homem que não é, mas vai-sendo.

Para investigar as articulações entre a constituição identitária e os projetos de vida, o conhecimento da biografia do sujeito e da sucessão de fatos são insuficientes; é preciso ir além, conhecer a realidade, desvelar as ações, identificar as metamorfoses, saber o que o motivou a agir, o que podia fazer e o que deixou de fazer, entender o que fez a partir das formas de instalação.

Nas histórias pessoais narradas pelo próprio sujeito, há fatos e personagens que ora se entrecruzam, ora se sucedem, ora coexistem, ora se contrapõem, ora se alteram e voltam sobre si no movimento de progressão e regressão. Na articulação desses vários personagens ocorre um movimento que constitui a identidade em uma dimensão temporal que passa, que flui e também se conserva e se acumula.

O movimento de uma situação a outra constitui o repertório histórico e social que possibilita compreender a expressão da identidade, que se faz pela atividade limitada pela dimensão temporal: presente, passado e futuro.

Embora as circunstâncias possam tornar a escolha difícil, com ousadia e coragem pode-se enfrentar o futuro, o desconhecido, o incerto, e continuar agindo para viver as metamorfoses e concretizar os projetos de vida.

CAPÍTULO II

A PESQUISA

PROBLEMA DE PESQUISA

Cotidianamente o diretor de escola pública vê-se envolvido em projetos pedagógicos e administrativos que são pensados e elaborados pelas instâncias oficiais da educação; há também projetos que emergem das necessidades e da realidade à qual a escola pertence, assim como há projetos pessoais, profissionais ou não, que são parte da vida desse sujeito e que são expressas e ao mesmo tempo constituintes de sua identidade. Este estudo ocupa-se das situações significativas da história de vida que contribuíram para a constituição identitária de duas diretoras de escola pública da educação básica de um município do estado São Paulo e as circunstâncias que envolveram seus projetos de vida.

OBJETIVO

A partir da observação participante, da escuta das narrativas de histórias de vida e da situação de análise de fotos significativas do arquivo pessoal de duas diretoras de escola pública, o presente estudo tem como objetivo investigar as articulações entre a constituição identitária e os projetos de vida das referidas diretoras.

OS SUJEITOS

Para este estudo, inicialmente foram selecionadas quatro diretoras de escolas públicas do Estado de São Paulo, com idade entre 40 e 50 anos, em média com 15 anos de carreira na educação.

Para selecioná-las considerou-se o fato que, dos cerca de 120 diretores que compõem a equipe gestora das escolas públicas da educação básica do município, as quatro foram identificadas, por assessores da Secretaria Municipal de Educação — SME, como aqueles que tinham características semelhantes às dos

diretores que investiguei no mestrado. No cotidiano escolar, além do bom relacionamento com a comunidade e com os demais profissionais da escola, do compromisso com a aprendizagem dos alunos, a gestão dessas diretoras se diferenciava por atuarem em um projeto de formação junto aos pais conselheiros das escolas da Rede de Ensino. A atuação transcendia os muros da escola.

Das quatro diretoras selecionadas, no momento em que a pesquisa teve início, uma estava em licença médica, outra estava em férias. Assim, na primeira fase para obtenção dos dados, quando foi utilizada a observação participante nas reuniões periódicas que aconteciam na Secretaria Municipal de Educação, coordenada pela assessora Cecília, para discutir projetos que envolviam a formação dos pais conselheiros, eleitos para o Conselho Escolar¹⁰, foram observados e registrados os dados a respeito da participação de duas diretoras, são elas: Deusa e Marta.

Com a proximidade do exame de qualificação, pelo fato de Deusa encontrar-se em férias, optou-se por continuar a observação participante somente das ações cotidianas de Marta no papel de diretora de escola pública.

Os dados obtidos foram organizados e apresentados à banca examinadora, que sugeriu mantê-la como sujeito deste estudo e ficar apenas com ela, mas, que também fosse solicitado que ela indicasse um diretor ou diretora que fora referência em sua vida profissional. Em caso de haver disponibilidade dessa outra pessoa de participar da pesquisa, dever-se-ia, então, ficar com ambas.

Ao lembrar de uma diretora de escola pública no período em que era aluna, no então curso ginásial, Marta relatou fatos que marcaram a convivência com Silvana, indicando-a como a diretora que se configurou como referencial em sua vida pessoal e profissional. Diz Marta:

A Silvana foi um referencial para o meu trabalho, ela e outras que eu tive, mas ela foi um referencial. Dela, trago lembranças maravilhosas, era excelente, porque era assim, ela se preocupava com os alunos, ela ia atrás, ela era amorosa, ela era ao mesmo tempo muito firme quando precisava. Ela foi modelo, sim, para mim. Ela foi diretora por uns 4 anos, enquanto eu cursava o ginásial. Silvana

¹⁰ Conselho Escolar é um grupo formado 9 pais ou responsáveis de alunos menores de 18 anos, por alunos maiores, professores, gestores e equipe de apoio da escola (9), totalizando 18 membros por escola, com a finalidade de dar sugestões, discutir, aconselhar, criticar, avaliar e ajudar na tomada de decisão que envolve o interesse da escola de forma democrática e participativa. Aos conselheiros também compete decisão sobre a forma de aplicação das verbas do colocadas para cada escola, de acordo com o plano de trabalho.

era uma mulher muito bonita, um carisma muito grande. Eu tinha admiração mesmo. Eu a conheci primeiro como professora de História, depois ela assumiu a direção. Foi na época em que eu tinha 11, 12 anos. Nessa fase, a gente vê o professor como modelo mesmo. Então, ela era um modelo de profissional, de pessoa, para mim, e até na questão mulher, ela era muito bonita, muito elegante e muito humana, extremamente humana.

Feito esse esclarecimento, os sujeitos deste estudo ficaram circunscritos a duas diretoras; são elas: Marta, 50 anos, há 16 anos diretora de escola pública na mesma rede de ensino, e Silvana, 61 anos, aposentada como diretora de escola pública estadual, atua como assessora na Secretaria Municipal de Educação.

Método

Neste estudo, os procedimentos utilizados para obtenção e análise dos dados estão fundamentados nos pressupostos da pesquisa qualitativa, na qual o pesquisador, ao interagir com os sujeitos, interpreta e atribui significados aos dados.

A intenção deste estudo é utilizar-se de procedimentos que possibilitem apreender a complexidade do fenômeno que se quer investigar; é nesse sentido que se contrapõe à mensuração e à suposta neutralidade do pesquisador.

O Método Progressivo-Regressivo

Para um estudo que tem como objetivo investigar as articulações entre a constituição identitária e os projetos de vida de diretores de escola pública, configurou-se como principal fonte de dados a narrativa da história de vida dos sujeitos.

Para compreender a expressão da atividade do sujeito que se faz e é feito na e pelas circunstâncias históricas e sociais em uma dimensão temporal tem se como sustentação a filosofia de Marías (1970/1971), que, embora diversa, é coerente com os pressupostos teóricos de Ciampa (1998).

Para compreender a biografia do sujeito, é preciso elucidar a singularidade do sujeito, que se dá no entrelaçamento dos fatos que ocorrem numa totalidade, que se alternam, se modificam e se tecem nas estruturas históricas e sociais que o determinam. Na intenção de transcender o que está dado, o homem movimenta-se em busca da superação da realidade em direção a um futuro possível e define os projetos de vida que emergem em diferentes momentos de sua história.

Sendo assim, fez-se necessário empregar um método que possibilitasse ir e vir na biografia para elucidar as circunstâncias que possibilitaram ao sujeito ter se tornado quem. Buscou-se no método progressivo-regressivo, formulado por Sartre (1973), a contribuição metodológica que possibilita ao pesquisador compreender a singularidade, o projeto vital nas circunstâncias das quais ele se faz e também faz a história humana, ou seja, do singular ao coletivo e vice-versa.

Trata-se do método heurístico, que é “regressivo e progressivo ao mesmo tempo”. Progressivo porque se busca o objetivo, com foco no futuro, e regressivo, porque interessam os determinantes, a origem das escolhas, com foco no passado. É o ir e vir sucessivo do processo de constituição identitária, ao mesmo tempo progressivo e regressivo.

Não há primazia de nenhuma fase da dimensão temporal, o que importa é a articulação dos acontecimentos, que contribui para apreender aspectos significativos da história de vida, que ocorrem em movimento lento e se desenvolve em “espirais”, isto é, ao se desenvolver passa-se “sempre pelos mesmos pontos, mas em níveis diferentes de integração e de complexidade” (SARTRE, 1973, p. 164).

Para compreender o movimento progressivo-regressivo, é necessário retroceder na história de vida do sujeito e percorrer os fatos, da infância à vida adulta, que caracterizam cada momento. Dentre as possibilidades e/ou impossibilidades, cabe ao pesquisador identificar o que motivou as escolhas individuais, a maneira singular como cada sujeito escolheu e o que fez dele de si próprio.

Ao caminhar o mais longe possível pode-se remontar progressivamente à biografia, a fim de identificar as metamorfoses, as contradições determinadas pelas circunstâncias, o que permite a reconstrução da existência do sujeito-histórico.

O sujeito histórico é um ser social, coletivo, universal e também é um ser único, singular; nele encontram-se as marcas da cultura, da classe social, das diferentes épocas e grupos.

Os mais distintos grupos que conviveram e ainda convivem definem o que Sartre (1973) denomina campos sociais; é a partir deles que o pesquisador compreende a maneira do sujeito lançar-se e agir no mundo, como apreende subjetivamente os determinantes sociais, morais, históricos, culturais, políticos e religiosos que definem sua existência e remetem ao projeto de vida.

É pela ação que ele pode superar e transformar a situação objetiva constituída pelas condições materiais de sua existência, que circunscrevem o campo dos possíveis que se estrutura na realidade social e histórica. Ao agir em direção ao campo dos possíveis, o homem busca superar os conflitos que podem alterar o rumo dos acontecimentos. Essa superação, essa transformação, só é concebível frente às possibilidades existente.

Os aspectos dos possíveis sociais são apreendidos quando o homem organiza mentalmente as ações, quando pensa no horizonte das possibilidades da existência e realiza escolhas.

O homem, em decorrência dos possíveis sociais, define-se como possibilidades e impossibilidades, entre o presente e o futuro, que se circunscreve em um momento “tenso entre as condições objetivas do meio e as estruturas objetivas do campo dos possíveis” (SARTRE, 1973, p. 160).

Compreender o campo dos possíveis permite ao pesquisador elucidar o entrelaçamento dos fatos para o sujeito tornar-se quem é; portanto, torna-se necessário investigar os projetos, as escolhas a partir das condições que os originou. Como diz Sartre (1973):

Rever o desenrolar da vida para examinar a evolução das escolhas e das ações, sua coerência ou incoerência aparente. Voltar à biografia permite identificar, confirmar ou revelar a curva da vida e sua continuidade (p. 182).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Considerando que o objetivo deste estudo é investigar as articulações entre a constituição identitária e os projetos de vida de diretores de escola pública, optou-se pela combinação de vários instrumentos para a obtenção ampla de dados, que pudesse enriquecer e permitir o aprofundamento da análise.

1ª etapa: observação participante na escola e em situações de trabalho

2ª etapa: entrevista não-diretiva com foco na história de vida

3ª etapa: análise de fotos significativas do arquivo pessoal dos sujeitos.

Na primeira etapa para obtenção dos dados, foi utilizada a **observação participante** nas reuniões periódicas que aconteciam na Secretaria Municipal de Educação, coordenada pela assessora Cecília, para discutir projetos que envolviam a formação dos pais conselheiros, eleitos para o Conselho Escolar de cada uma das unidades de ensino, da Rede de Ensino na qual as duas diretoras atuavam: Marta e Deusa.

Como pesquisadora, tornei-me parte da situação observada. Para interagir com as diretoras durante as reuniões, inicialmente foram esclarecidos os objetivos da pesquisa. Absolutamente necessária do ponto de vista ético, tal esclarecimento também pode contribuir para acessar informações, desde que o pesquisador considere o que o grupo permite tornar ou não público pela pesquisa.

As diretoras investigadas foram informadas a respeito do tempo provável de permanência da pesquisadora nas reuniões e que posteriormente a observação participante aconteceria na escola onde atuam. Também foi comunicada previamente a possibilidade de registrar a situação observada no momento em que os fatos ocorressem. Após consentimento de cada uma das diretoras e da assessora Cecília foi feito o registro escrito no caderno de campo, que os sujeitos podiam ler, acrescentar ou retirar informações.

Em momento posterior à permanência nos encontros periódicos realizados na Secretaria Municipal de Educação, foram observadas e registradas as ações que Deusa e Marta realizam cotidianamente na escola em que atuavam como diretoras.

Essa etapa da pesquisa, realizada em 2007, foi interrompida por 3 meses, decorrente à intervenção cirúrgica a qual foi submetida a pesquisadora.

Ao retornar ao campo de pesquisa, Deusa estava em férias; portanto, foram observados e registrados dados a respeito da ação cotidiana de Marta no papel de diretora de escola pública. Com a proximidade do exame de qualificação, optou-se por organizar e apresentar somente os dados relacionados a Marta.

A banca examinadora sugeriu que, além de mantê-la como sujeito, também fosse solicitado a Marta a indicação de um diretor ou diretora que fora referência em sua vida profissional. A banca sugeriu que apenas Marta e a diretora por ela indicada, se disponível para a pesquisa, fossem mantidas.

Ao indicar Silvana, que se tornara referência profissional em sua vida, Marta informou os números dos telefones para que a pesquisadora pudesse estabelecer o primeiro contato; em seguida apresentou-se, informou a respeito dos objetivos da pesquisa e disse que ela fora indicada a participar como sujeito deste estudo e o porquê da indicação. Prontamente Silvana aceitou, agradeceu o convite e assim foi agendado dia, horário e local de melhor conveniência para ela. Desta forma teve início a coleta de dados a respeito de sua história de vida.

Na segunda etapa para a obtenção de dados da **história de vida** dos sujeitos, optou-se pela entrevista, por ser um instrumento que permite apreender aspectos da singularidade do sujeito que contribui para responder às perguntas: Como me tornei o que sou? Como me transformei? O que será de mim? Quais foram as escolhas que fiz ao longo de *minha vida*?

O tipo de entrevista escolhida é a não-diretiva (Thiollent, 1982), que possibilita apreender a história de vida, por meio do relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, com ênfase nos acontecimentos que contribuíram para a constituição da identidade e que originou seu projeto de vida.

Antes de se proceder à entrevista que possibilitou o acesso à história de vida dos sujeitos estudados, fez-se necessário compreender as quatro condições que estruturam a carta da Association Internationale des Histoires de Vie em Formation (ASIHVIF), apresentadas por Pineau (2005) e Josso (2002), que apresentam um conjunto de princípios que explicitam as possibilidades e limitações que são estabelecidas contratualmente com os sujeitos das pesquisas.

1. ter feito sua própria história de vida antes de acompanhar os outros nessa tarefa.
2. estabelecer um contrato com a pessoa.
3. a produção permanece propriedade do produtor, embora não seja exclusiva, pode ser partilhada desde que seja a sua decisão.
4. a interpretação determina os sentidos do trabalho, deve ser abordada
5. em uma perspectiva prospectiva e retrospectiva (Pineau, 2005, p.56).

Para proceder à gravação das entrevistas, além de solicitar autorização, as entrevistadas foram informadas que a identificação seria mantida sob sigilo e que, após a transcrição, elas as receberiam, só sendo considerados os dados por elas liberados.

Em cada encontro buscou-se a reconstituição da trajetória individual das entrevistadas, que narraram acontecimentos, sob sua perspectiva, significativos e que se relacionavam com a família de origem, família constituída, processo de escolarização, vida sentimental, amigos, profissionalização e formação docente.

Nos momentos destinados à transcrição e organização dos dados percebeu-se que algumas informações eram ocultadas; foi necessário manter respeito ao tempo e disponibilidade do sujeito para evitar constrangimentos em revelar e esclarecer o que não ficou muito claro.

Desde o primeiro encontro dedicado à entrevista, o sujeito foi quem determinou o que narrar, estabelecendo sua própria sequência.

Para a pesquisadora, todo conteúdo narrado é importante; portanto, deve ser considerado tudo que se articula para expressar a identidade do sujeito. Neste sentido, até mesmo diálogos mantidos durante o contato telefônico para agendamento dos encontros e o que era dito nos cumprimentos de boas vindas e despedida nos encontros pessoais foram registrados no caderno de campo (e posteriormente submetidos a elas).

Além de manter-se atenta e aberta a todo conteúdo que emergia, as interferências durante os diálogos e entrevistas foram reduzidas, com a intenção de captar as informações possíveis originadas das falas e gestos das entrevistadas em sua própria perspectiva. É o que Thiollent (1982) denomina de “atitude flutuante”, que significa acompanhar o relato do entrevistado sem questionamento previamente estruturado.

Ao narrar, o sujeito pôde organizar as ideias, avançar, recuar, não seguir uma cronologia, reconstituir acontecimentos da história pessoal por meio de uma revisão, reconstrução livre do passado e do presente.

A versão narrada, baseada em fatos reais da própria vida, foi tecida em uma dimensão temporal: infância, juventude e idade adulta.

Na terceira etapa para obtenção dos dados foram solicitadas aos sujeitos **fotografias** de seu arquivo pessoal que lhes fossem significativas.

As fotos selecionadas pelas diretoras provocaram o desencadeamento de lembranças que contribuíram para apreender aspectos constituintes da história de vida, que foram incorporadas aos dados obtidos por meio da observação participante e da entrevista não-diretiva.

As fotografias trouxeram à lembrança pessoas, fatos que retratavam as vivências pessoais e profissionais nos mais distintos cenários e tempos da

convivência dos sujeitos deste estudo: reuniões familiares, comemorações de aniversários, casamentos, festas natalinas, eventos sociais, religiosos, políticos, acadêmicos, ambiente de trabalho, viagens, momentos de lazer.

Bogdan & Biklen (1994) ressaltam que a utilização das fotos em combinação com outras técnicas de coleta de dados além de acrescentar outros dados, pode revelar aspectos até então não percebidos pelo pesquisador ou que não foram expressos pelos sujeitos.

Relato autobiográfico

Durante o percurso para a realização desta pesquisa, dediquei-me às leituras das obras literárias de SARTRE: A náusea (1938), O muro (1939), A idade da razão (1944), Sursis (1945), Com a morte na alma (1949), Entre quatro paredes (1950), As palavras (1963); CAMUS: O estrangeiro (s/d); CALVINO: O castelo dos destinos cruzados (1973); DOSTOIEVSKI: Crime e castigo (1866); SARAMAGO: A bagagem do viajante (1973), A caverna (2000), A jangada de pedra (1986), As intermitências da morte (2005), Ensaio sobre a cegueira (1995), Todos os nomes, (1997); KAFKA: Carta ao pai (1919) e PIRANDELLO: Um, nenhum e cem mil (1926), que ilustram este estudo.

As obras literárias estudadas são permeadas por narrativas da vida cotidiana, aparentemente sem grandes acontecimentos extraordinários. No entanto, um fato, um acidente ou um incidente remetem o personagem a trajetórias não previstas, tampouco imaginadas, muito menos planejadas.

Nas narrativas, novos caminhos se desdobram, ocorrem reviravoltas inesperadas, os personagens tornam-se interessantes e detalhes requintados da realidade são narrados.

Perceber e refletir a respeito de quem somos, o que somos e o que fazemos de nós mesmos é uma “provocação” constante na obra de Camus, Sartre, Pirandello e Dostoiévski.

O pensamento sartriano afirma que o homem está condenado à liberdade. O que se projeta não é concebido externamente, o homem é livre, é o que faz de si próprio.

A obra desses autores remete àquilo no que estamos cotidianamente mergulhados. São abordadas questões nas quais o homem se vê implicado: liberdade, condenação, angústia, culpa, alienação, vida, morte, desejo, sexo, suicídio, impotência, doença, crime, vergonha, medo, prazer, felicidade, infelicidade, solidão, casamento, separação, agressão, homossexualismo, despedida.

Inevitavelmente, nas experiências diárias, alguns desses aspectos impulsionam ou paralisam, aprisionam ou libertam o viver humano.

O importante é reconhecer o quanto se está sujeito às situações súbitas que cotidianamente podem emergir e que podem provocar mudanças significativas. Por não perceber os indícios, pode-se ser acometido pelo medo, medo do que virá.

Em muitos momentos da vida o homem se pergunta: “Quem sou eu?”. As respostas são muitas e ao mesmo tempo insuficientes, são coerentes e incoerentes; são questões que levam a pensar sobre o sentido da existência ou da não existência.

Foram essas reflexões que me fizeram por um tempo interromper as leituras e me dedicar a um trabalho de recolhimento e introspecção para produzir a escrita autobiográfica. Esse procedimento refere-se ao primeiro princípio metodológico apresentado por Pineau (2005) e Josso (2002) aos pesquisadores que realizam estudos por meio de histórias de vida.

O registro configurou-se em um procedimento metodológico necessário para a pesquisadora ouvir-se e posteriormente ouvir o outro. Embora faça parte do processo de elaboração da pesquisa, não faz parte da exposição deste estudo.

Vivenciar a escrita autobiográfica possibilitou organizar as lembranças da infância, das primeiras experiências sociais, acadêmicas e profissionais, vivenciadas ao longo dos 43 anos vividos em circunstâncias constitutivas da identidade e dos projetos de vida.

Trata-se de um texto escrito na primeira pessoa, em que coexistem pessoas com as quais convivi e convivo em circunstâncias familiares, sociais e profissionais. Ao assumir a autoria e protagonismo da narrativa da própria vida, a escrita torna-se viva, dinâmica, na qual a emoção é presença constante, tanto para quem escreve quanto para quem lê.

Apesar de a escrita ocorrer em um momento individual, muitas vezes meus irmãos tiveram a função de auxiliar minha memória para lembrar o esquecido. Ao informar datas e idades em que alguns fatos aconteceram, relatavam um pouco

de si, um pouco de nós; portanto, considero-os co-autores, já que suas vozes e emoções foram incorporadas à escrita.

Em uma escrita autobiográfica, apesar da tentativa de manter-se fiel às lembranças das situações e das pessoas, há, além do esquecimento, assuntos que são omitidos, o que faz com que ocorram lacunas no registro escrito.

Além do diálogo com meus irmãos, as lembranças das experiências, boas e ruins, foram desencadeadas pela leitura dos sete diários escritos durante a adolescência e a juventude.

Frente ao que foi rememorado, muitas vezes fui acometida pela inquietação, pelo desassossego, ao lembrar das pessoas e fatos que desempenharam papel importante no itinerário percorrido.

Esse processo possibilitou reviver cenários, pessoas apresentadas em monotonia; ora parecia tudo igual, uma repetição sem fim. Para Sartre (2005), viver é isso, a sucessão diária, monótona e interminável; no entanto, quando se propõe a realizar a narrativa da vida ocorrem mudanças, embora não necessariamente se perceba.

Ao rememorar, foram eleitas experiências vividas em circunstâncias que influenciaram as escolhas que ao longo da vida se configuraram em projetos de vida.

Em 2001, enquanto analisava as histórias de vida dos sujeitos da pesquisa de mestrado, senti a necessidade de refletir sobre minha trajetória de vida pessoal, acadêmica e profissional. Dessa reflexão organizei álbuns temáticos com fotografias. Foi um trabalho cansativo, pois as rememorações por vezes mobilizavam sentimentos que desencadeavam alegrias e tristezas. O resultado dessa atividade introspectiva está guardado, não foi socializado.

No momento em que me dedico à escrita da tese de doutorado, considero necessário o registro autobiográfico que foi desencadeado após a leitura do livro “Carta ao Pai”, de Franz Kafka, quando me senti instigada a escrever uma carta aos meus irmãos.

Foi o caminho encontrado para a aproximação do passado com o presente. Não se pode esquecer, muito menos ignorar o passado; é preciso organizá-lo por meio das lembranças e das recordações contidas nas fotos, bilhetes, cartas, cartões de aniversário, de natal etc. Como diz Sartre (2005, p. 157), “é aproveitar o adquirido e capitalizar a experiência, o presente se enriquece com todo o passado”.

Ao pensar em meus familiares, seguindo a ordem cronológica de meus irmãos, um a um foi apresentado, ressaltando os momentos significativos. Dia a dia essas lembranças tornavam-se vivas e saltitantes. É possível que eles nem tenham lembranças dos momentos relatados ou os percebam diferentemente.

Lembrei-me do que ouvi e vi de cada um deles: irmãos, pai e mãe. Foi um entrelaçamento de vozes, gestos, cheiros, risos, lágrimas, alegrias, tristezas e muita saudade. Concorro com Sartre (1944/1963, p. 116), quando diz: “Ah!, a família é como a varíola, a gente tem quando criança e fica marcado para o resto da vida”.

Por se tratar de um texto constituído por um mosaico das histórias familiares, procurei ser cautelosa, pensei o contexto de cada palavra para que as particularidades das vidas relatadas não fossem expostas.

Entreguei a carta a cada um dos meus irmãos. Era visível a emoção; cada um sabia o que encontraria naquela carta, nossos olhos marejados se entreolharam e nada precisou ser dito. Estavam apreensivos e curiosos, foi quando me perguntaram: “Por que você escreveu isso?”, expliquei que é um momento importante para a escrita da tese e que a leitura e aprovação deles também era importante, para além da tese.

Informei que o conteúdo da carta apresentava minhas impressões sobre tudo o que ouvi, vi e senti a partir do meu ponto de vista; eles poderiam não concordar, poderiam interferir no texto, poderiam escrever uma carta-resposta.

Aguardei apreensivamente pelo próximo encontro; foi necessário distanciar-me para que diminuísse a ansiedade e que eles tivessem o tempo necessário para a realização das leituras. Aprovaram o conteúdo da carta e até sugeriram que fossem incluídas informações que preferi evitar, dado que sua exposição traz situações carregadas de sentimentos.

Cada um de nós, apesar de convivermos sob as mesmas circunstâncias, percebemos e apreendemos as situações vivenciadas a partir da singularidade e da subjetividade, o que faz com que atribuamos valores distintos ao que o outro fala e faz. É essa maneira singular e subjetiva de interpretar as falas e ações que pode expressar a identidade e, de certa maneira, também participar de sua constituição.

Em uma escrita autobiográfica narra-se o que se apreendeu das relações estabelecidas na trajetória de vida de um sujeito localizado em espaços: temporais, geográficos, sociais, culturais e históricos, que revela a singularidade do narrador. Nas palavras de Benjamin (1935/1985, p. 69), “a narrativa revelará sempre a marca

do narrador, assim como a mão do artista é percebida, por exemplo, na obra de cerâmica”.

A narração, nesse caso autobiográfica, é um momento que proporciona uma reflexão individual marcada pelo entrelaçamento das histórias ouvidas e faladas, que remetem ao passado, ao presente, ao futuro e suscita interrogações sobre a maneira singular de viver e de realizar livremente as escolhas frente às circunstâncias que possibilitaram ou não a concretização dos projetos de vida.

Fios entrecruzados no labirinto das narrativas

Um estudo que tem como intenção a construção do conhecimento científico, mediatizado pelo referencial teórico que guia a análise e a interpretação dos dados requer procedimentos criteriosamente estabelecidos. Enquanto observa e obtém depoimentos dos sujeitos, o pesquisador entrecruza a teoria por meio de um método.

Considerou-se necessário, portanto, relatar o caminho percorrido para superar a explicação não sistematizada que temos da realidade observada no cotidiano.

Durante os anos de 2007 e 2008, os dados obtidos foram organizados com base na sucessão lógica e cronológica dos fatos ocorridos na família de origem, família constituída, escola, trabalho, relações sociais durante a infância, adolescência e fase adulta, na vida sentimental e profissionalização.

Muitas vezes os fatos narrados configuravam-se como encruzilhadas que dificultavam encontrar a saída; é o que justifica, metaforicamente, recorrer à idéia do labirinto.

A primeira versão mitológica apresentada por Brandão (1926/1991), Teseu, jovem herói de Atenas foi lançado no Labirinto para lutar com o insaciável Minotauro, que com cabeça de touro e corpo de homem se alimentava de carne humana de sete moças e sete rapazes sacrificados como pagamento da dívida de tributos a Creta.

Se não bastasse enfrentar o terrível monstro, havia a dificuldade do percurso formado por caminhos que se entrecruzavam constituindo-se em um labirinto. Muitos dos que o enfrentaram não encontraram a saída, foram derrotados pela fera ou se perderam nas armadilhas do caminho.

Ariadne, filha de Minos e Pasífae, enamorada por Teseu, temendo pela vida do amado, com a ajuda de Dédalo, criativo arquiteto e cúmplice no amor de Ariadne e Teseu, pensaram em uma forma de ajudá-lo a chegar ao centro do labirinto, enfrentar o Minotauro e retornar pelo mesmo caminho.

Foi quando Ariadne entregou-lhe um novelo de fios para que ao adentrar o labirinto pudesse desenrolá-lo, demarcar o percurso e retomar o caminho de volta. Ao derrotar o monstro, Teseu enrolou o fio e, em companhia dos outros treze jovens, libertaram-se da encruzilhada. Acompanhado por Ariadne, velejaram até à Grécia. O navio fez escala na ilha de Naxos, onde Teseu a abandonou.

Bem como no mito de Ariadne, desde o primeiro contato com os sujeitos deste estudo, foi a pesquisadora quem ofereceu o fio, já o caminho, o percurso narrado foi de cada uma das entrevistadas.

O vínculo, a amizade, a parceria estabelecida com os sujeitos facilitou acessar depoimentos, inclusive confidências que possibilitaram desenrolar o fio da narrativa que se desenvolve na dimensão temporal; no presente, dirige-se aos momentos vividos no passado, retorna ao presente com vistas ao futuro. Concorro com Bosi (2003, p. 60), quando diz:

A entrevista ideal é aquela que permite a formação de laços de amizade; tenhamos sempre na lembrança que a relação não deveria ser efêmera. Ela envolve responsabilidade pelo outro e deve durar quanto dura uma amizade. Da qualidade do vínculo vai depender a qualidade da entrevista.

A vivência interacional nos momentos em que a narrativa foi relatada, tanto durante a entrevista não-diretiva quanto no relato a partir das fotografias, não foi ignorada; contudo, quando a relação entrevistadora e entrevistada apresentava indícios de que poderia converter-se em situação terapêutica, coube à pesquisadora perceber a demanda do sujeito e com atitude de respeito e cordialidade, manter certo distanciamento, que se configurou em pausas silenciosas sem que o sujeito se sentisse abandonado.

Os fatos narrados constituem um mosaico de histórias e personagens que se entrelaçam e revelam a identidade e os projetos de vida dos sujeitos investigados; neste caso, diretoras de escolas públicas da educação básica.

Compreender o sujeito-narrador é mais que ouvir o que diz e reflete sobre si, é descrever as ações cotidianas ao longo da trajetória de vida que não ocorrem

de forma isolada. O conjunto de fatos dos diferentes campos sociais transcorre ao longo da biografia, imbricados um ao outro, que, se alterando se modificando, se entrecruzam tecendo-se.

Com os dados em mãos, coube à pesquisadora dedicar tempo para sistematizar e interpretar o caminho temporal do sujeito.

Foram muitas idas e vindas, pois no depoimento oral o sujeito move-se no tempo, em uma ordem que alterna o passado e o presente. Fez-se necessário organizar a sequência lógica e cronológica para reconstruir sucessivamente os fatos que conduziram à singularidade do sujeito desde a passagem da infância vivida em família, o ingresso na escola, a vida juvenil, o namoro, casamento, nascimento e a perda de pessoas queridas e a profissionalização.

Cada expressão, cada gesto, constituíram-se em dados relevantes e significativos para identificar e compreender as articulações entre a constituição identitária e os projetos de vida de diretores de escola pública.

Entre o encontro dedicado à gravação do relato oral dos sujeitos, transcrição e sistematização dos dados foi necessário tempo e concentração para que não ocorressem equívocos na interpretação dos dados. A necessária distância temporal foi dialogada com as entrevistadas que compreenderam o caminho metodológico de um estudo científico.

Nos encontros individuais destinados à devolutiva do depoimento transcrito, os sujeitos dedicaram-se à leitura silenciosa e introspectiva, quando puderam concordar, discordar e até mesmo modificar o conteúdo narrado. Ao transcrever, por mais que houvesse esforço em manter-se fiel a cada palavra, ainda ocorrem interferências que podem comprometer a clareza do relato oral do sujeito.

As leituras possibilitaram a aproximação compreensiva dos fatos que se constituíram para os sujeitos num momento de reflexão a respeito da sua própria vida. Bem como no mito de Ariadne, a pesquisadora ofereceu o novelo de fios que possibilitou ao sujeito ir e vir na própria história, ver sua vida. No presente, eram evocadas experiências que transcorreram da infância até o momento do relato oral. Cada palavra, cada gesto, demonstrava carinho e respeito pela complexidade do fato narrado.

A devolutiva do depoimento ao seu autor gradativamente fez com que o sujeito assumisse a autoria da própria história, em especial quando se tornou inevitável a reflexão a respeito das questões: Quem sou? O que fiz da minha vida?

Ao olhar para si, o sujeito voltou-se ao próprio passado e reconstituiu fatos que contribuíram para a construção de sua vida. Quando deparou-se com a própria imagem, que refletia sua maneira única de ser, ver e viver, tomou consciência do estar-no-mundo.

Marta, no momento presente, ao olhar retrospectivamente sua trajetória com vistas ao futuro, disse para si: “*essa vida eu não quero mais viver*”, foi quando escolheu e decidiu por separar-se do marido.

Acho que foi, foi tudo junto, não sei explicar para você. Eu te conheci um pouco antes, meses antes. Parecia que eu precisava falar mesmo alguma coisa. Esse trabalho que a gente está fazendo eu acho que não deve ser mesmo por acaso. Quando você falou da gente fazer esse trabalho junto, pode ter sido uma das fontes que ajudaram nisso também, nessa decisão. Quando você trouxe o meu relato, eu já tinha tomado a atitude, acho que só reafirmou.

Silvana disse:

Quer saber uma coisa, estou começando a ver que a minha vida tem valor. Comecei a ver que realmente eu fiz muita coisa na vida, boa, bonita e eu fiquei emocionada, eu quase chorei. Este estudo foi muito importante para mim, eu sou feliz, mas aprendi a valorizar a minha vida e você [refere-se à pesquisadora] ajudou pela forma que viu a minha vida.

Ao ler a própria narrativa, Marta e Silvana retrospectivamente olham para a própria ação, para as próprias escolhas, cada uma assume a autoria da própria história, da própria vida.

Neste estudo, entrevistadas e entrevistadora aprenderam um pouco de si e um pouco do “outro”. Juntas, em parceria, agradecem pela transformação provocada em cada encontro; é como diz Bosi (2003):

Narrador e ouvinte irão participar de uma aventura comum e provarão, no final, um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte, pelo que aprendeu; o narrador, pelo justo orgulho de ter um passado tão digno de rememorar quanto o das pessoas ditas importantes. Ambos sairão transformados pela convivência, dotada de uma qualidade única de atenção (p. 61).

As Ensinações da Vida

Tive um chão (mas já faz tempo)
todo feito de certezas
tão duras como lajedos.

Agora (o tempo é que o fez)
tenho um caminho de barro
umedecido de dúvidas.

Mas nele (devagar vou)
me cresce funda a certeza
de que vale a pena o amor.

Thiago de Mello

A NARRATIVA

Marta A primeira de três irmãos, nasceu no ano de 1958, em uma cidade do interior do estado de São Paulo. Seus pais, ele delegado de polícia e comerciante, ela, dona de casa. Do Curso Primário ao 2º grau, a trajetória acadêmica deu-se em escolas públicas. Concluiu o curso de Contabilidade e iniciou a formação docente no 3º ano do Magistério. Posteriormente prestou vestibular e deu continuidade à formação docente no curso de Pedagogia, seguida pelas complementações pedagógicas em Supervisão de Ensino, Orientação Educacional e especialização em Psicopedagogia. Em 1990 prestou concurso público para diretor de escola municipal e em 1991 assumiu o cargo. Por 13 anos, dedicou-se às atividades como diretora na mesma escola pública municipal de uma cidade do estado de São Paulo.

FAMÍLIA DE ORIGEM

Para se apresentar, Marta inicia sua narrativa referindo-se à posição de filha mais velha que ocupa em sua família de origem; em seguida o lugar onde nasceu e a condição econômica de seu pai.

Sou a primeira filha, a mais velha dos três irmãos. Nascemos e fomos criados numa cidade do interior do estado de São Paulo. Meu pai, além de ser um comerciante abastado, ocupava também a posição de delegado da cidade. Morei nesta cidade até os 10 anos de idade, quando nos mudamos para São Paulo, devido à situação financeira: os negócios não estavam muito bons. Ele veio a São Paulo porque conhecia algumas empresas. Trabalhou como vendedor mesmo, e um ótimo vendedor; logo depois, ele já tinha seu próprio negócio.

Do repertório social encontrado na família de origem, relata a interpretação que fez da educação materna:

Minha mãe nos criou dentro de uma educação rígida, talvez por ela ter sido criada e educada em colégio de freiras. A nossa educação foi bem tradicional, tanto que, ao chegarmos à adolescência, esses hábitos recebidos permaneceram. Para minha mãe, moça educada e de família não podia dar gargalhadas em público. Tivemos uma criação considerada de maneira muito certinha, correta. Sentia que minha mãe tinha um forte domínio sobre todos nós, talvez um pouco mais sobre mim por ser a mais concordata entre os irmãos, mas, hoje, sinto que ela ainda tem essa força, porém, já falo o que penso e faço da forma que eu acredito ser correta; mas se deixar, ela é capaz de retornar ao passado usando o domínio de “matriarca”, em que o seu temperamento e gênio fortes falam mais alto.

Das relações familiares vividas na infância, narra fatos significativos de sua biografia. Do pai, logo ao se apresentar, menciona apenas as atividades profissionais: comerciante abastado e delegado. Da mãe, ressalta o quanto excedia nos cuidados relativos às brincadeiras infantis e momentos dedicados à higiene pessoal dos filhos. Se ao pai cabia o papel de provedor, à mãe atribui o papel de cuidadora, zelosa e preocupada.

Depois das brincadeiras de criança, ela nos dava banho, colocava roupas limpas e não nos deixava mais sair para brincar com os amiguinhos para que não nos sujássemos de novo e, com isso, ela só nos permitia que ficássemos sentados no alpendre assistindo as outras crianças brincarem livremente na rua ou no quintal. Não sei se ela agia assim para que não nos sujássemos ou por preconceito; aliás, nunca ficou muito claro na minha cabeça esse tipo de atitude dela; mas, infelizmente, isso ficou gravado na minha memória, uma lembrança muito forte. Nessa época, eu tinha entre 6 e 7 anos. Penso que deva ter sido, talvez, por excesso de cuidado, zelo ou preocupação. Hoje, provavelmente, eu e meus irmãos poderíamos pensar no fator preconceito, mas naquela época, a maneira que mamãe nos conduzia talvez não fosse. Pirulitos, sorvetes ela nos dava somente para experimentar e em seguida tirava da nossa boca, que, segundo ela, era para que não ficássemos com vontade.

Para compreender a trajetória de vida de Marta, é preciso investigar suas escolhas e o que decidiu fazer com as situações encontradas, que contribuíram para fazer a própria vida, no dizer de Marías (1947/1985), a *minha vida*, a única vida acessível, presente, que possibilita entender o que quer dizer vida.

Ao contar *minha vida*, ela narra que por escolher ajudar, acolher e cuidar das pessoas, sua mãe a chamava de “boa samaritana”.

Minha mãe brincava muito comigo, me chamando de “boa samaritana”. Eu sentia que ela falava isso com uma certa ironia. Às vezes eu não entendia aquela maneira de me chamar ou de me comparar e ainda dizia que eu queria ajudar todo mundo, e, diante dessas palavras, não conseguia entender bem o que ouvia e, outras vezes, achava que ela estava me debochando. Hoje penso diferente. Não me importo se aquela frase era irônica ou não, mas enquanto precisarem de mim, com certeza, eu abrirei meus braços para acolhê-los, pois tudo isso é bom e me faz sentir muito bem. Estou sempre buscando, sempre cuidando, me envolvendo na vida de outras pessoas, indicando o caminho mais fácil, não sei se isso é bom, mas alivia o meu coração.

Percebe-se que a personagem “boa samaritana”, a ela atribuída pela mãe, mesmo que num possível tom irônico, é incorporado e permanece até hoje, assumida e justificada como uma opção da qual tem clara consciência.

Marta é um nome fictício, procedimento necessário para preservar a identidade do sujeito. No momento em que foi sugerido assim denominá-la, disse:

Marta Maria ou Maria Marta, assim era para eu ser chamada. Minha mãe foi criada em colégio de freiras na intenção de se tornar uma delas, e nessa intenção, estaria certo de que, quando a Madre Superiora morresse, deixaria o seu nome para a freira que assumisse o seu lugar. Mas como a minha mãe conheceu o meu pai, ela desistiu da ideia de se tornar uma religiosa, mas mesmo assim, o nome Marta passaria para mim.

Esse relato confirma os pressupostos teóricos de Ciampa (1989), que é coerente com os estudos de Marías (1970/1971), quando dizem que antes do nascimento, há um lugar determinado para o bebê como membro da família.

Quando lançada ao mundo, encontrou-se com a realidade constituída pelas relações familiares recoberta pelas interpretações. Gradativamente reconheceu, identificou, interpretou e apreendeu as relações que foram confirmadas pelo lugar previamente determinado por sua mãe; a religiosa, a madre que ela não foi por ter decidido pelo casamento.

Juntam-se, assim, duas figuras bíblicas: o bom samaritano e Marta, aquela que está sempre disponível para todos com seu trabalho. Duas figuras que, de expectativas, tornam-se personagens incorporadas à biografia de Marta.

ESCOLARIZAÇÃO

Das experiências escolares vividas na infância, menciona que a atitude de uma professora durante a chamada oral de leitura deixou marcas fortes em *minha vida*. Essa professora constituiu-se como uma referência em sua atuação profissional, tanto que no papel de diretora diz preocupar-se com a maneira que os professores falam com os alunos.

Quando eu era criança tinha chamada oral de leitura, não podia errar uma palavra, uma vírgula. A cidade era pequena; quando eu errava, o pai de uma amiga contava para o meu pai: "Hoje sua filha não foi bem na escola". Foi uma situação muito marcante na minha vida. Hoje tenho receio de falar em público por ter medo de errar, mesmo tendo tudo gravado na minha cabeça, mas na hora "h" dá um branco. Dependendo da intervenção que faz na infância, fica marca para o resto da vida, seja ela positiva ou negativa. Por conta disso, carrego esse medo de errar, o medo da culpa, da negligência. Eu sei o quanto o professor contribui para que não ocorram essas marcas e minha preocupação para que dê tudo certo é constante. Por isso é que eu insisto com os meus professores sobre como falar com os alunos.

Da relação mestre-educando vivenciada quando cursava o então curso ginásial, lembra-se de uma professora que afirma ter se constituído como um dos referenciais para sua vida pessoal e profissional. Da convivência com essa

professora identificou a atitude de preocupação e amorosidade em relação aos alunos:

A Silvana foi um referencial para o meu trabalho, ela e outras que eu tive, mas ela foi um referencial. Dela, trago lembranças maravilhosas, era excelente, porque era assim, ela se preocupava com os alunos, ela ia atrás, ela era amorosa, ela era ao mesmo tempo muito firme quando precisava. Eu a conheci primeiro como professora de História; na época eu tinha 11, 12 anos. Nessa fase, a gente vê o professor como modelo mesmo. Ela era um modelo de profissional, de pessoa, para mim, e até na questão mulher, ela era muito bonita, muito elegante e muito humana, extremamente humana. Depois ela assumiu a direção. Ela foi diretora por uns quatro anos, enquanto eu cursava o ginásio. Silvana era uma mulher muito bonita, um carisma muito grande. Eu tinha admiração mesmo.

Até o 2º grau, estudou em escolas públicas. Nessa fase havia uma diretora de escola que também tornou-se referência em *minha vida*. Dessa professora focaliza a preocupação com o bem estar do aluno, a mesma atitude identificada na convivência com a professora de História.

Até o Ensino Médio eu sempre estudei em escolas públicas. No Ensino Médio, eu também tive uma pessoa encantadora, que foi a Cláudia, extremamente humana, profissional, maravilhosa, preocupada com o aluno, com o bem estar. Eu tive excelentes referências de direção de escola. Foram as duas pessoas mais marcantes; foram importantes na minha vida: a Silvana e a Cláudia.

Do encontro com as professoras Silvana e Claudia no processo de escolarização configurou um repertório social no qual apreendeu a relação amorosa, cuidadosa e preocupada com o Outro. O repertório, no dizer de Marias (1947/1985), pertence à *minha* circunstância; portanto, refere-se a tudo o que o homem encontra ao seu redor. Frente às circunstâncias encontradas, é que Marta escolheu e assumiu desde a infância o personagem atribuído por sua mãe: “boa samaritana”.

VIDA SENTIMENTAL

Enquanto cursava o então 2º grau, instalada na *condição amorosa* menciona ter se apaixonado “perdidamente” por um rapaz doze anos mais velho. Ela dirigia-se vetorialmente ao enamorado que ao ocupar um lugar de destaque em *minha vida*, constituiu-se como seu projeto vital. No momento em que o enamorado decidiu romper o relacionamento, sua vida biográfica foi afetada, não concebia viver sem ele, como ela diz: “*esse foi o grande amor da minha vida*”.

Foi em 1974, aos 16 anos, que me apaixonei perdidamente por um jovem 12 anos mais velho que eu. Para mim, esse foi o grande amor da minha vida; para ele, eu não fui a mesma coisa. Nosso namoro durou apenas 8 meses e terminamos de repente. Ele alegou que a diferença de idade que existia entre nós era muito grande e que não daria certo o nosso relacionamento. Essa foi a marca de um amor não correspondido que ficou na minha vida. Sempre achei que o amor é tudo e muito importante para o desenvolvimento natural do homem, mas nem sempre acontece o que desejamos. Baseada nesse acontecimento, passei a ter medo de amar e voltar a sofrer. Não faltaram paqueras e pretendentes, mas entre todos fui gostar da pessoa errada, que não correspondeu ao meu amor. O amor é uma coisa linda que queria ter e viver, mesmo tendo passado por experiência não boa, uma situação que infelizmente ficou mal resolvida e mal acabada.

Em 1976, aos dezoito anos, diz que mesmo enamorada pelo “grande amor” de sua vida, conheceu um outro rapaz, de quem, em sete meses de namoro, tornou-se noiva e esposa.

Por volta dos dezoito anos conheci um rapaz e num espaço curto de namoro, de apenas sete meses, nos casamos. Procurei não esconder nada dele com relação aos meus sentimentos por outro rapaz. Fui aberta e sincera nas minhas palavras. Ele aceitou, me respeitou e ainda me disse que tudo aquilo não tinha importância.

Dos sete meses de namoro, lembra a atitude cuidadosa e atenciosa do noivo para com ela.

Lembro-me que, na época de namoro, ele me cercava em todos os lugares, me buscava na escola, passando a ocupar todos os espaços por onde eu andava, e diante desses cuidados e atenção, achei que estava gostando dele.

Desde a infância, das circunstâncias narradas, é possível perceber o que selecionou e interpretou das relações sociais junto à família de origem, escolarização e vida sentimental. É a própria Marta quem confere importância e atribui sentido às observações que fez das ações da mãe, quando na infância, após os cuidados relativos ao banho dos filhos, não permitia que brincassem com outras crianças para que não se sujassem. Embora não diferencie se a mãe agia por zelo ou preconceito, narra que deixou marcas. Das mestras, recorda as atitudes de preocupação e amorosidade com os alunos. Do noivo, cuidado nos momentos em que estavam juntos.

FAMÍLIA CONSTITUÍDA: do casamento ao nascimento da filha

A família de origem de Marta expressava o conceito de casamento no contexto da época, prevalecia o projeto de que os filhos deveriam se casar e ter filhos. Contraditoriamente seu pai se opôs ao seu casamento.

O primeiro projeto na família que eu cresci era casar e ter filhos. A visão que minha mãe tinha, meu pai acho que nem tanto, mas minha mãe tinha, talvez, é que casamento é para sempre, deve ser duradouro. Eu tinha essa formação, todas as moças da minha época eram assim, tinha uma certa idade que deveriam se casar. Meu pai não queria o casamento porque ele era muito preconceituoso, achava que o meu noivo morava em um bairro que não era legal. Coisas que pai implica, eu acho mesmo é que meu pai não queria que nenhum filho se casasse. Sabe aquelas coisas de pai que quer o filho para si?

Instalada na *condição sexuada*, ao mencionar a *têmpera* que regulava o que era aceitável na sociedade em que vivia: “*todas as moças da minha época eram assim, tinha uma certa idade que deveriam se casar*”, decidiu rebelar-se, enfrentar a oposição paterna e agir vetorialmente em direção ao que queria para si: casar-se.

Naquela época eu achava que era bom casar mesmo, eu não tive dúvidas se devia ou não me casar, ele era muito bacana, muito bom. Meu pai disse que não ia deixar a gente casar, até um dia em que fui à escola e meu noivo me levou para a casa do tio dele. De lá, o seu tio telefonou para o meu pai e disse que teríamos que casar, mas nem tivemos contato, era para forçar um casamento. Foi uma rebeldia, porque eu era muito obediente.

No primeiro mês de casamento, quando relata que pensou em voltar à casa dos seus pais, pode-se dizer que mais uma vez poderia ter decidido por si mesma e se rebelado em relação à determinação de sua família de origem, em especial de sua mãe, que dizia que o casamento deveria ser duradouro, para sempre.

Nos primeiros anos, aliás, já no primeiro mês, quis voltar para a casa dos meus pais, porque achava que eu era imatura, embora pensasse que fosse madura.

O casamento foi mantido; contudo, das circunstâncias relatadas a respeito dos primeiros anos de vida conjugal, percebem-se as ações diárias que consistiam em, após cuidar da sua casa e da filha, almoçar na casa de sua mãe e lá permanecer até a noite, quando ela e o marido iam à escola. Nos finais de semana, permaneciam na casa de sua mãe. Pouco é relatado a respeito da convivência matrimonial. Como ela mesma diz: “*Eu não tive muito uma vivência mesmo de casamento*”.

Quando engravidei, eu estava no 2º ano de contabilidade, parei de estudar. Eu ia fazer 19 anos, minha filha nasceu e a gente foi levando a vida, vivendo um dia após o outro. Depois que a Soraia nasceu, minha mãe ficou com ela e eu continuei a estudar. De manhã eu cuidava da casa, depois

almoçava com a minha mãe porque era próximo da minha casa. Ficava lá um pouco porque a Soraia era pequena, minha mãe adorava, era a única neta. Enquanto eu ficava na casa da minha mãe, nada fazia, ficava conversando com a minha mãe, porque minha mãe não deixava a gente fazer muita coisa, era tudo pronto. Por volta das 18h, eu voltava para a minha casa, tomava banho, ia à escola e a Soraia ficava com a minha mãe. O marido também estudava à noite. A Soraia dormia em casa todas as noites, salvo algum dia ou outro de muito frio, aí ela ficava lá. Finais de semana ficávamos na casa da minha mãe. Eu não tive muito uma vivência mesmo de casamento.

Ao encontrar-se *instalada corporalmente*, pode-se pensar que nos limites dessa circunstância pudesse não se perceber com possibilidades de agir em direção à transformação. Contudo, não foi o que aconteceu, ao buscar superar a realidade presente tendo em vista o que pretendia ser, sentiu-se motivada a agir para concretizar as próprias escolhas, ela queria trabalhar, como diz:

Eu tomava conta da casa, mas não era bem isso que eu gostava de fazer, eu fazia porque tinha que fazer, mas não era bem isso que eu gostava. Eu sabia que eu poderia render muito mais trabalhando, que era isso que eu queria.

Constitui uma família, mas permanece vivendo no cotidiano com e na família de origem, parece não ser um casamento, pois é desprovido de vida conjugal/amorosa.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL E PROFISSIONALIZAÇÃO

Marta queria trabalhar, mas ao concluir o curso de Contabilidade, declara que essa não era a profissão que havia escolhido para si, foi quando decidiu iniciar a formação docente no curso do Magistério.

Terminei o curso de Contabilidade. Eu falei: “Puxa! Eu cursei Contabilidade, mas não é bem isso; eu gosto, eu vou ser professora mesmo”. Como eu já tinha o 2º grau,

ingressei no 3º ano do Magistério, fiz especialização para a pré-escola.

Para Marías (1970/1971), quando a pessoa tem clareza em relação à pretensão, ela pode imaginar e transformar as circunstâncias. Foi o que fez quando escolheu e decidiu concretizar o seu projeto: tornar-se professora.

Essa decisão provocou mudanças em sua rotina. Dos cuidados com a casa e com a filha, concomitante às aulas do Magistério, começou a trabalhar como professora-eventual em escolas estaduais. Vejamos o que diz:

Quando eu cursei o Magistério, no primeiro semestre eu já fui dar aula, eu era aluna/professora. Fui dar aula longe e o marido ficava com a menina [filha]. Eu dava aula como professora-eventual em escolas estaduais, fiquei 6 meses numa escola mais afastada. Depois me inscrevi como eventual em uma escola que ficava perto da minha casa.

Em 1982, além da docência na rede de ensino estadual, por indicação política, menciona que ingressou como professora na Educação Infantil na rede municipal.

Em 1982, o ingresso na prefeitura como professora era por indicação, não havia seleção por meio de concurso. Eu ingressei na prefeitura com indicação política, não posso negar porque era, era assim que funcionava, ingressei no ensino municipal como professora na pré-escola, fiquei por 9 anos.

No momento em que ingressa como professora na rede municipal de ensino, não havia estabelecido como projeto de vida ingressar no ensino superior. Motivada por uma amiga, frente à possibilidade de cursar Pedagogia e continuar a formação profissional, decidiu participar do vestibular e fazer, nas palavras de Marías (1970/1971), *minha vida*.

Eu não ia nem fazer naquele momento, então uma amiga minha falou: “Vamos fazer o vestibular?” Eu falei: “Ah! Não estão nos meus planos vestibular agora”. “Ah!

Vamos tentar”, disse a minha amiga. Pensei: “Ah! Mas será que a gente está preparada para isso?” Achávamos a faculdade uma coisa tão distante, difícil de passar, mas resolvemos tentar e fomos fazer. Só que ela não foi, só eu fui. Engraçado, nós fizemos a inscrição juntas e só eu fui fazer, optei pela Pedagogia por ter feito Magistério, achei que ia me aprimorar; para mim era uma continuidade com um pouco mais de base. Não sei, mas era o pensamento da época.

Aos 22 anos, cursando Pedagogia, narra que enquanto suas amigas passeavam e se divertiam ela precisava retornar à casa e cuidar da filha. Nesse momento, a constatação dessa situação contribuiu para que fizesse um balanço vital. Recorremos a Marías (1970/1971) para ampliar essa reflexão; ele esclarece que com a chegada da idade adulta, ao se deparar com a limitação temporal, a pessoa sente a necessidade em reinventar a própria vida em direção ao futuro. Nessa fase da vida, quando Marta articula o aspecto quantitativo de sua vida com o qualitativo, assim se percebe na realidade:

Aos 22 anos fazia faculdade; quando todo mundo estava passeando, se divertindo, eu tinha que ir para casa cuidar da minha filha que tinha 4 anos. Eu sentia falta dessa juventude que estava indo. Eu fazia tudo, mas pesava. Eu senti que perdi muitas coisas na juventude e comparo com a alfabetização, se você pula etapas do aluno isso vai refletir. Tudo eu faço uma relação com o meu trabalho. Tinha vontade de sair com as minhas amigas, tinha só 22 anos. Dentro de mim ficava uma coisa ruim.

Em 1986, ao concluir o curso de Pedagogia, fez escolhas conscientes, planejadas, articuladas à vida profissional. Segundo Marías (1947/1985), o fazer tem como ponto de partida a *minha vida*, de onde o sujeito decide o que vai ser a cada momento. Além de decidir, é preciso colocar-se em movimento para fazer e refazer a própria vida, tendo em vista a concretização dos projetos. Para fazer a própria vida, escolheu fazer as complementações pedagógicas em Supervisão de Ensino e Orientação Educacional.

Concluí a Pedagogia em 1986, depois complementei com o curso de Supervisão de Ensino e Orientação Educacional;

as complementações foram feitas em outra faculdade. Eu me senti assim: eu fiz Pedagogia, que tem outras ramificações, eu quero fazer tudo. Porque eu gosto de fazer tudo, não gosto de deixar as coisas muito pela metade, incompletas. Às vezes até pode acontecer isso na minha vida, mas são coisas que fazem muito mal se eu não faço por completo. Não posso deixar as coisas no meio do caminho. Eu fui fazer também por conhecimento.

Desde o momento em que, ao concluir o curso de Contabilidade, escolheu tornar-se professora, acompanhamos em seu relato as ações que possibilitaram fazer o seu viver em direção ao projeto vital: cursou o magistério, atuou como professora eventual na rede estadual de ensino, como professora indicada assumiu aulas na Educação Infantil da rede municipal de ensino, cursou Pedagogia e as complementações pedagógicas em Supervisão de Ensino e Orientação Educacional.

Em 1990, escolheu participar do concurso para diretor de escola da educação básica na rede municipal em que já trabalhava.

Em 1990, houve a oportunidade do primeiro concurso público. Tinha pretensão, mas tinha o pé no chão que poderia passar ou não no concurso, e eu passei bem, fui a 26ª colocada, fiquei muito feliz por isso. Falei: “Vou ver como é que é, eu quero sentir como é que é isso”. Não tive preparação nenhuma, nem de apostila, nem nada, o que eu li mesmo foi LDB e a Lei Orgânica do Município naquilo que se referia à educação, só. O preparo que eu tinha, acho que era mais a experiência de sala de aula mesmo.

Em 1991, aprovada no concurso, frente à possibilidade de manter-se como professora e ao mesmo tempo assumir o cargo de diretora, foi necessário analisar a situação e decidir por uma atividade em detrimento da outra. Ao escolher a direção de escola deixou de atuar como professora. Essa decisão levou em conta seus próprios motivos em vista do que pretendia para sua vida: “Eu era muito jovem, eu queria, achava que poderia fazer mais se estivesse na direção da escola. Era um desafio novo”. Instalada na *dimensão temporal*, percebia-se com perspectiva vital para lançar-se, projetar-se.

Assumi o cargo de diretora em 1991. Eu gostava muito da sala de aula, adorava. Eu era muito jovem, eu queria, achava que poderia fazer mais se estivesse na direção da escola. Era um desafio novo. Acho que o educador gosta sempre disso, de coisas novas. Eu gosto de coisas novas. Só saí da escola estadual quando eu falei: “não, não quero mais dar aula porque passei no concurso de diretor da prefeitura e a aula que eu pudesse dar talvez não fosse uma aula como eu gostaria que um professor desse na minha escola”. Eu gostaria de elaborar melhor as aulas e o tempo era muito curto; então, a Cláudia [diretora] não queria, queria me deixar com uma aula para que eu não perdesse o vínculo, mas eu achei que não era correto. Fiquei só na prefeitura.

Marta continuava a encontrar motivos para complementar a formação docente. Em 2000, decidiu matricular-se no curso de especialização em Psicopedagogia. Veja o que diz:

Em 2000, minha cunhada falou: “Vamos fazer Psicopedagogia?” Eu falei: “Ah, não sei”. Então ela insistiu: “Vamos lá, vamos, vamos fazer, vamos reciclar”. Resolvi fazer porque achei que minha formação estava incompleta.

O olhar retrospectivo para as próprias escolhas contribuiu para que narrasse os papéis assumidos - professora e diretora - que possibilitaram concretizar seu projeto de vida: tornar-se educadora.

Ser educadora sempre foi um projeto de vida. Foram 14 anos como professora no ensino público. Sentia-me em casa, acolhida, muito bem. Trabalhava com muita satisfação como professora, foi muito bom. Cursar a faculdade também foi um dos projetos. Trabalhar também. Depois prestei concurso para direção de escolas. E foi assim, uma coisa era consequência de outra.

As escolhas relatadas por Marta - casamento, magistério, professora, pedagogia, direção de escola e psicopedagogia – foram de sua autoria. Marías (1970/1971) diz que a escolha é sempre do sujeito, pois quando decide não

escolher, escolheu não escolher. Ao assumir a responsabilidade das ações, ela se fez e escolheu agir em direção da concretização do que queria para si: assumir o cargo de direção de uma escola pública. Suas escolhas são claras, conscientes e articuladas a um projeto de vida profissional. Projeto este que parece tomar os demais espaços de sua vida.

MARTA-DIRETORA

A escola

Há 13 anos atua como diretora em uma escola que atende 1500 alunos nos níveis de ensino: Educação Infantil (dos 4 aos 5 anos), Ensino Fundamental (dos 7 aos 10 anos), Educação de Jovens e Adultos (dos 15 aos 70 anos) e Educação Especial.

Em 1930, no mesmo prédio que hoje atende 1500 alunos, funcionava uma granja. Em 1993, um dos herdeiros da granja idealizou para aquele prédio o funcionamento de uma escola pública municipal. A respeito da infra-estrutura do prédio, na ocasião da inauguração da escola, que aconteceu em 1994, ela diz o seguinte:

Já era sabido que as características do prédio não atendiam as necessidades para funcionamento de uma escola, mesmo assim iniciaram as aulas e a cada ano aconteciam adaptações para melhoria das condições estruturais e pedagógicas, tanto para os alunos quanto para os professores.

Embora desde a inauguração tenham ocorrido melhorias nas dependências da escola, ressalta que não foram suficientes, ainda é necessário reformar o prédio.

Apesar das melhorias ocorridas desde a inauguração da escola, ainda está muito longe do ideal, tanto é que, há um projeto para reformar as dependências da escola. Uma escola que quando chove, molha todas as salas de aula e os banheiros, por conta das condições do telhado, precisa sim de melhorias, de um pouco mais de conforto.

Na etapa da pesquisa dedicada à observação das ações de Marta-diretora no cotidiano escolar, enquanto caminhávamos pelas dependências da escola que no momento passava por reforma estrutural, ela não descuidava dos detalhes e reclamava da demora dos pedreiros que trabalhavam para raspar as paredes do prédio, o que acabava atrasando a obra.

Ela mesma justifica que a melhoria do espaço físico não faz a qualidade do ensino, mas oferecer melhores condições de acomodação ao aluno é sinal de respeito.

Eu acredito que não é o espaço físico que faz a qualidade do ensino, mas ele é importante para que a criança tenha um lugar mais digno, adequado. As melhorias nas dependências escolares implicam respeitar o aluno e oferecer melhores condições de acomodação. Eu acredito que tenha que ser assim, acredito não, é o mínimo, pois se tira uma criança da casa dela, você tem que dar condição melhor ou igual ao que ela tem, muitas vezes o que ela tem é inferior ao que a escola oferece.

Enquanto comenta as condições físicas da escola, chega a se emocionar ao dizer o quanto ama e valoriza o trabalho realizado na escola, que tem como foco a comunidade.

Por mais que eu ame, que eu adore essa escola, eu sei que precisa melhorar muito o espaço físico, isso é importante também. Por que eu acho que é tão importante? Porque valorizo o nosso trabalho que é voltado para a comunidade. Ao tirar um aluno da casa dele para ir à escola, esse lugar tem de ser agradável, aprazível.

Embora os problemas colocados pelas condições estruturais da escola, pudessem constituir-se em obstáculos para sua atuação, no lugar de utilizá-los como justificativas para problemas que porventura ocorressem na escola, ela criou possibilidades e procurou realizá-las uma a uma. Vamos acompanhar a rotina de Marta-diretora no cotidiano escolar.

A rotina

Na etapa destinada à observação da ação de Marta-diretora no cotidiano escolar, embora tenha sido identificado que o espaço físico não era mesmo bonito, com atitudes de carinho, respeito e atenção com alunos, pais, professores e funcionários ela tornava-o agradável e aprazível.

Nos momentos de acolhida, nome dado à recepção aos pais e alunos tanto no início quanto no término das aulas, foi observado que ela os recebia com atitudes que demonstravam respeito e carinho. Em relação à situação observada, ela disse: *“Isso eu acho que é muito bom, eles estão estreitando os laços, porque na verdade ficamos mais próximos”*. Eis, portanto, as atitudes da Marta cuidadora e zelosa, que aparece reiteradamente em sua narrativa: carinho, preocupação, respeito e acolhimento, e que é observado em suas relações com as pessoas no cotidiano escolar.

Certo dia, após a acolhida no início das aulas, foi observado que ela permaneceu por mais um tempo no portão da escola; ao perguntar-lhe por que não adentrava a escola, assim justificou sua ação: *“Sempre há um aluno que chega atrasado”*.

Marta-diretora mencionou que só não fazia a acolhida quando estava envolvida em outras ações pedagógicas ou administrativas, contudo, havia alguém da equipe da escola para acolhê-los. Para ela é importante a aproximação dos alunos com os profissionais da escola: *“Nunca as crianças entram sem ter alguém da escola, precisa sempre estar próximo, se não é a diretora, sempre tem alguém para que se eles tiverem algum problema possam ter um entendimento”*.

Após dedicar-se à acolhida dos alunos, dirigiu-se à secretaria para dedicar-se às atividades administrativas. É pertinente descrever a localização da secretaria, que se encontrava no meio de um dos corredores, separada apenas por uma divisória que, através de uma das duas janelas existentes, ela podia observar todo o movimento de alunos, professores, funcionários, pais e demais pessoas da comunidade que transitavam livremente na outra parte do corredor.

Quando alguém se aproximava da janela para pedir alguma informação, os atendia prontamente. Vejamos o que diz a respeito da situação observada.

Mesmo quando estou redigindo um memorando, realizando ações burocráticas, quando chega um pai para conversar ou uma mãe ou qualquer outra pessoa que chega da comunidade, paro para atendê-los. Além do trabalho diretamente com o aluno, com a família dele, nós temos, nós conquistamos, não sei nem de que jeito as pessoas olham isso, um trabalho muito estreito com a comunidade, eles nos procuram na escola para conversar sobre “n” coisas, de “n” situações.

Nos momentos em que não estava na secretaria envolvida com atividades administrativas ou atendendo a comunidade, enquanto caminhava pelas dependências da escola, foi possível observar o quanto se mantinha atenta ao que acontecia.

Ao acompanhar o horário da merenda, deparou-se com os alunos no bebedouro fazendo algazarra, observei que ela, com um jeito carinhoso, chamou a atenção dos pequenos sem ofendê-los. A respeito da situação observada, teceu o seguinte comentário: *“Quando não estou envolvida com muita coisa na secretaria da escola, converso um pouco com as crianças, observo-os na merenda, falo da comida, converso com os professores. Aqui estou em casa”.*

A partir da expressão *“Aqui estou em casa”*, vale esclarecer a jornada de trabalho diária que com frequência ultrapassava o horário estabelecido. Veja o que diz sobre sua rotina durante anos:

Trabalhava o dia todo, mas eu nunca ia embora muito cedo, eu sempre estava envolvida em alguma coisa. Eu trabalhava até tarde, sempre depois do expediente, sempre passava do expediente. Tinha turma de alunos da Suplência que estudava até 23h. Eu tinha uma Assistente de Direção com quem eu revezava os horários. Eu nunca ia embora antes das 20, 21h, nunca antes disso, nunca ia embora antes disso. Saía de casa antes das 7h, sempre. Chegava à escola antes das 7h e iniciava todo o procedimento, a rotina normal de uma escola, atendia aos pais, aos professores.

Até mesmo no horário do almoço permanecia na escola. Em seguida retornava ao trabalho: ora atendia aos pais, ora ficava com alunos enquanto aguardavam a chegada das mães, ora acompanhava a hora-atividade, reunião diária com os professores e coordenadora com duração de uma hora.

Almoçava na escola, sempre almocei aqui, tudo aqui. Após o almoço, atendia aos pais, ficava com as crianças após o horário de aulas porque algumas mães as buscavam mais tarde. Sempre ficava com as crianças que permaneciam após o horário. Depois ia sentar para ver alguma coisa. Também acompanho a hora-atividade.

Instalada corporalmente nas situações que circunscreviam o cotidiano da realidade escolar, não permanecia aprisionada às atividades administrativas; ela movimentava-se em várias direções, procurava outras possibilidades e escolhia envolver-se e buscar soluções para os problemas que emergiam da realidade observada. Ao sentir-se livre para imaginar e movimentar-se, ela fez e inovou a realidade escolar; ao decidir dedicar-se o dia todo ao trabalho, abdicou da convivência familiar em detrimento das atividades no papel de diretora.

Em certo dia dedicado à observação de suas ações no cotidiano escolar, após almoçarmos em uma das três cozinhas da escola, dirigimo-nos a sala dos professores para participar da hora-atividade, quando foram observadas situações que os professores além de solicitarem ventiladores para à sala de aula, aproximaram-se dela para mostrar músicas do telefone móvel e também para conversar a respeito de assuntos pessoais. Em outro momento, enquanto a coordenadora lia o documento a respeito da hora-extra para professores interessados em trabalhar na Plenária de Recadastramento do Programa Bolsa-Família, Marta-diretora, ao sair do banheiro, participou da conversa como se estivesse presente durante a leitura do documento e manteve-se atenta ao que acontecia. Ela mencionou que nem sempre participava da hora-atividade com os professores, sua atuação acontecia em momentos distintos quando, junto à coordenadora e assistente de direção, discutiam assuntos pertinentes aos aspectos pedagógicos e relacionamento entre o pessoal da escola.

O relato a seguir esclarece o que fez mediante os problemas que pudessem interferir no convívio entre professores, alunos, diretora, coordenadora,

assistente de direção e funcionários da escola. Na sua atuação, o diálogo é o ponto de partida para minimizar conflitos.

O que fazemos sempre? Os gestores têm que ter um “jogo de cintura” para administrar os conflitos. Assistente de direção, a coordenadora e eu, após a hora-atividade, final de período ou no final do dia, sentamos um pouco para ver o que o professor colocou que o atinge. É quando se torna necessária nossa interferência. Paramos tudo e fazemos uma reunião, vamos rever as coisas: O que está acontecendo? O que está interferindo que estamos sentindo um clima muito diferente na escola? Muitas vezes não tem como evitar, temos que administrar isso, conversar para que o problema não seja reproduzido na sala de aula. Quando existe uma situação de conflito entre os funcionários, entre as pessoas, acaba interferindo no trabalho. Conversamos sempre sobre isso, no que a equipe gestora não está bem, desestabiliza os professores, eles não sentem o equilíbrio e a confiança. Quando os professores não estão bem, a criança, o aluno também percebe. Às vezes a sala de aula está uma bagunça, as crianças estão muito rebeldes, com mais dificuldade, não é só pelos conflitos que podem trazer de casa, muitas vezes também é nosso. Acho que é importante, quase sempre uma vez por semana, nós sentarmos para conversar sobre o nosso lado pessoal que interfere muito no trabalho, interfere na vida de todo mundo.

É muito interessante o modo como ela assume a direção da escola, sempre de forma compartilhada, coletiva, cumprindo as tarefas administrativas, mas não reduzindo a ação gestora a essa dimensão. É possível afirmar que ela imprime uma forma de gestão humanizada, que reconhece e acolhe todos os que estão na escola e, sobretudo, sem nunca perder a perspectiva pedagógica, atividade esta que é a finalidade última da escola. Muito mais do que um projeto de gestão, é a realização dele no cotidiano escolar.

A comunidade

É pertinente observar que sua atividade é permeada pelo carinho e respeito aos interesses e necessidades da comunidade em seu direito de ir e vir à escola para expressar opinião ou colaborar.

Fazemos um trabalho muito sério com a comunidade. Há anos a respeitamos muito. A comunidade tem toda, inteira liberdade de ir à escola no momento que desejar. Não tem aquela coisa de marcar entrevista para falar com a diretora, isso não existe, na minha opinião isso é um absurdo. A mãe pode entrar sim, sempre vir à escola, pode ir à secretaria. Se quiser falar com uma professora, nós chamamos e propiciamos esse momento sim. Eu acho que não é nada demais, tem que ser assim mesmo, coloco à disposição se elas quiserem participar de uma aula. Quando fazemos esse convite, a mãe vem colaborar mesmo.

A relação com os pais é orientada pela igualdade e carinho. Ela os vê como sujeitos humanos e mostra o quanto a escola a eles pertence.

Para trazer os pais para a escola trato-os de igual para igual. É um pai, é uma mãe, é um ser humano que tem dificuldades, que tem problemas, mas que também tem coisas muito boas para trazer. Eu sempre os tratei com muito carinho, sempre fiz com que eles entendessem que a escola é deles. Nós estamos administrando, trabalhando como docentes, mas tudo passa, eles não. Muitos deles ficarão sempre morando nessa comunidade.

Os pais são acolhidos e estimulados a participar do cotidiano escolar. Nas parcerias estabelecidas com as famílias as responsabilidades são divididas.

Percebi no início do ano que as mães tinham uma curiosidade muito grande em saber o que acontece dentro da escola e a gente, de uma maneira errônea, nós educadores, tínhamos a ideia de que mãe deixava a criança na escola, ia embora porque aqui é conosco. É mesmo, mas só que nada impede que a mãe venha à escola

e participe. Afinal, não é isso que estamos construindo? Nós não queremos as famílias mais próximas? A gente não chama tanto os pais para que venham à escola, para saber dos seus filhos, para saber se estão com algum problema ou não? Por que não chamar para participar e opinar? Esse trabalho a gente faz mesmo. Com isso nós conseguimos dividir a responsabilidade, que eles participem, opinem e que na verdade a gente faça uma escola muito próxima daquilo que eles querem. Tenho certeza que fica muito melhor trabalhar.

O acolhimento, a ajuda e a convivência favoreceram o estreitamento de vínculos com as famílias dos alunos, com a comunidade, o que reitera suas atitudes na infância que levaram sua mãe a chamá-la “boa samaritana”.

Como diretora, o que me realiza muito são os encaminhamentos para as pessoas que me procuram; isso me faz grande, alivia algumas coisas no meu coração. Penso, puxa, pude fazer alguma coisa por alguém. Ajudar o outro me faz bem. Adoro estar no meio do povo, é uma coisa que não sei como explicar, não quero ser política, gosto da política, mas não é minha pretensão, mas adoro estar no meio do povo.

Para auxiliar as pessoas que a procuram em busca de ajuda, quando há uma situação que não consegue resolver, menciona que solicita colaboração de outros órgãos da prefeitura existentes no mesmo bairro onde está localizada a escola. Verifica-se que sua atividade se dá na parceria com o outro, na criação de possibilidades frente às situações postas pela comunidade.

Temos um vínculo muito grande com a Regional, que é uma sub-prefeitura do município. No bairro tem o centro de assistência social; muitas vezes os pais nos procuram com uma situação que, lógico, não posso resolver, mas como nós somos órgão da prefeitura, a gente telefona porque é também uma prestação de serviço. Não sei se estou errada, mas escola não é só isso, não é só pelos pais e alunos, aquela coisa só do acadêmico, é muito mais que isso.

A relação entre pais e filhos é valorizada em sua atividade. Ela menciona o que fez para que pai e filho pudessem, com mais proximidade, compartilhar momentos dedicados às brincadeiras, pintura e desenho no ambiente escolar.

Há 16 anos fazemos a festa dos pais no segundo sábado do mês de agosto. Antes nós fazíamos em apenas um período único, à tarde. Depois nós fizemos um levantamento e verificamos que muitos pais trabalham de manhã e à tarde ou meio período. Resolvemos que a festa aconteceria em 3 períodos: manhã, tarde e intermediário. Nesse dia têm palestras com médicos, enfermeiros, delegado para alertar, orientar pais sobre como observar os filhos em alguma situação que ele esteja diferente para ver se ele não está sendo usuário de drogas. Trazemos também a questão espiritual, convidamos representantes da igreja evangélica e católica. Falamos um pouco sobre a espiritualidade, sobre a importância da família. As crianças fazem uma homenagem aos pais. Propomos trabalho que pais e filhos possam fazer juntos, pintura, desenho, brinquedos com sucata, momento para que eles estejam mais próximos. É muito importante, é gratificante, pode parecer radical, mas eu não abro mão que ele conheça o trabalho do filho dele e veja como é realizado.

Da mesma maneira que relata ações que visam melhor convívio e proximidade entre pai e filho, há outra atividade, o acantonamento. Em parceria com os pais, funcionários da escola e também com o setor de merenda, criaram condições para que os alunos, sem os pais, pudessem dormir na escola e participar de brincadeiras.

Em 1994 fizemos o acantonamento e não percebi muita adesão. Em dezembro de 2007, fizemos acantonamento com as crianças do 1º estágio do Ensino Fundamental, foi muito gratificante. Essas crianças tinham 7 anos. Só vieram à tarde, às 18h, chegaram e logo lancharam. Arrumamos as salas de aula como quartos para dormir, tiveram atividades, filmes. Antes de dormir tomaram chá com bolacha e foram dormir. No domingo tiveram mais atividades, almoçaram e os pais vieram buscá-los. Nessas atividades estiveram envolvidos os professores, a coordenadora, a assistente de direção. Os funcionários da

escola ajudaram na limpeza, na merenda. Pedimos autorização para o setor de merenda para utilizar fora do período destinado às aulas, apresentamos uma proposta. Foi muito bom, cria uma certa autonomia nas crianças. Os colchonetes, tínhamos alguns, pedimos aos pais que trouxeram colchões. Foi muito bom vê-los se despedindo dos pais. Experiência muito boa que eu quero fazer novamente.

O respeito e acolhimento dedicado aos pais e alunos também é demonstrado em sua atividade quando, preocupada com a qualidade do atendimento dedicado às crianças e adolescentes com deficiência que frequentavam as aulas da turma da Educação Especial¹¹, decidiu estabelecer parcerias com as mães.

Na Educação Especial, que às vezes dá um pouco mais de trabalho, a mãe vem, não só a mãe e uma turma à tarde. No máximo são 12 alunos em cada daquela criança com deficiência, mas a mãe que tem um tempo e gosta de ir à escola tem inteira liberdade. Há uma turma de manhã turma, com uma professora especialista em Educação Especial e uma estagiária que dá auxílio à professora. Há muito tempo estávamos sozinhas, há 2 anos sensibilizou sobre isso, que é importante ter alguém para auxiliar o professor. Algumas crianças são muito dependentes ainda para ir ao banheiro, algumas têm surto, comportamentos que necessitam de mais de uma pessoa para ajudar, para acompanhar o aluno até o banheiro. Sozinho às vezes fica uma situação muito difícil, um pouco complicada.

Na escola onde atua como diretora, o atendimento às pessoas com deficiência acontece desde 1995. Se por um lado ela diz que alguns professores demonstram certa resistência em conviver com os alunos da Educação Especial, por outro, Marta-diretora conta que defende a inclusão e respeita os alunos em suas diferenças.

¹¹ Nessa rede de ensino há um amplo programa de Educação Inclusiva, sendo que a maioria dos alunos com deficiência está em classes regulares; entretanto, aqueles que possuem um comprometimento que impede o aproveitamento em classes regulares são encaminhados para classes especiais, com professor especialista e em caráter transitório. Todos os alunos com deficiência são atendidos por uma Rede Apoio que tem profissionais de várias áreas, como Psicologia, Fonoaudiologia etc.

Nosso carro-chefe nessa escola é a inclusão. A escola foi inaugurada em 1994, funcionava a Educação Infantil. Em 1995 foi inaugurada a Educação Especial, tudo no mesmo espaço. Sempre tivemos esse contato direto; para nós é uma questão de bandeira, de defesa mesmo. Às vezes o professor chega na escola e tem um pouco de resistência, com o tempo vamos trabalhando para que ele entenda que é um aluno, uma criança que está precisando de atendimento e ele tem algumas diferenças, mas quem não tem? A diferença não é só da Educação Especial, nós somos diferentes uns dos outros.

A coerência em sua atividade é identificada no respeito às diferenças e nas ações inclusivas das pessoas com deficiência, tanto que pleiteia a ampliação e o aprimoramento de programas institucionais da prefeitura para garantir a continuidade do processo ensino-aprendizagem dos alunos que aos 15 anos deixam de frequentar as aulas da Educação Especial da Rede de Ensino Municipal.

Muitos alunos, aos 15 anos, quando saem da Educação Especial não têm outra instituição para frequentar. Tem instituição que é distante do bairro e por ser muito concorrida não há vagas, tem que tomar condução, fica difícil e muitas vezes as mães até desistem. Ao se desligar do ensino público municipal, não tem uma sequência nos estudos, é isso o que a gente pleiteia muito, que a prefeitura tenha uma sequência dos estudos dos alunos da Educação Especial. É muito bom ter tudo isso, mas a gente quer mais, é preciso sempre aprimorar.

Ela deseja a inclusão desses alunos que comumente são excluídos; nesse sentido menciona a realidade dos alunos egressos da Educação Especial que são acolhidos na Educação de Jovens e Adultos.

Na Educação Especial e na Educação de Jovens e Adultos teria que mudar um pouco, está muito parado. Na escola, os alunos que aos 15 anos são desligados da Educação Especial dão continuidade aos estudos na Educação de Jovens e Adultos porque não tem outro lugar para ir. Nesse momento, a gente acolhe, mas não é o ideal. É acolhimento mesmo, a auto-estima fica melhor, o

convívio social fica melhor, mas, além disso, é preciso mais. Precisaria de algo mais específico; os outros alunos da Educação de Jovens e Adultos são senhoras, rapazes com uma certa dificuldade para aprender. Acabou se tornando uma sala de inclusão, por um lado fico feliz porque eles ao menos têm um lugar, mas é só isso? É preciso mais, mais direcionado aos interesses deles, não só a questão acadêmica, mas mais do que isso, uma oficina que determinasse mais a aptidão de cada um para o futuro desses alunos, principalmente da Educação Especial. Se acontece alguma coisa com os pais desses alunos, o que eles irão fazer? Nem todo mundo acolhe tão bem quanto uma mãe e um pai, eles precisam ter uma independência, mínima, básica, ao menos para continuar a viver melhor.

Conselho Escolar

Além de valorizar a parceria, o diálogo, o trabalho coletivo que se concretiza em sua atividade, Marta-diretora reúne os membros do Conselho Escolar para discutir e, coletivamente, decidir e dividir a responsabilidade a respeito dos assuntos que envolvem o cotidiano escolar.

Na reunião do Conselho Escolar, todos votam, apontam o que acham interessante e o que não acham tão interessante no ano que passou. Desde a acolhida no portão, se tem que sair por aquele portão ou por outro. Eles opinam em tudo porque nós queremos uma coisa bem coletiva, é muito dividida a responsabilidade, de uma certa forma facilita para todo mundo, que é dividido tudo. Procuramos decidir coletivamente, pode até parecer uma situação cômoda da minha parte, mas é importante, acho que tem que dividir responsabilidade.

A força de sua atividade está na parceria com a comunidade, como ela mesma diz: *"Meu trabalho é esse, minha comunidade é essa"*. No relato a seguir percebe-se o quanto valoriza a parceria, a ação coletiva que envolve representantes dos segmentos da escola para a reunião do Conselho Escolar.

Eu adoro, é uma parceria muito boa, nós fazemos tudo juntos, decidimos tudo, festas, como vai ser, se vai ter miss caipirinha, qual vai ser a linha? Às vezes há pessoas que não gostam, então eu falo: “mas foi decidido no Conselho Escolar, tinha representante de todos os segmentos da escola e foi essa a decisão”. Principalmente as decisões que envolvem lucro, é uma decisão da comunidade porque também nós não podemos infringir a lei. Meu trabalho é esse, minha comunidade é essa. Nosso trabalho aqui na escola é feito com muita simplicidade, bem pé no chão, uma grande parceria com a comunidade.

Uma das situações decididas no Conselho Escolar referiu-se à utilização gratuita do transporte escolar. Um dos critérios é que todos os alunos com deficiência, de classes regulares ou especiais, têm direito ao transporte escolar, independentemente do local onde moram. Outro critério é a distância; são atendidos pelo transporte escolar todos os alunos que moram há mais de 2km da escola. A seguir, há o relato a respeito de um aluno que por não atender a esses critérios, o Conselho Escolar lhe concedeu o direito ao uso do referido transporte.

A prefeitura tem procurado oferecer escola mais próxima, construiu muitas escolas, mesmo assim em alguns casos não são contemplados, às vezes não tem escola onde as crianças estão morando, é raro, agora é bem menos. Ainda tem muitos pais que querem determinada escola. Têm algumas crianças que não moram há mais de 2km, porém têm problemas de saúde muito sério, da própria mãe ou avó que cuida, comprovado por laudo médico. Nesse caso não tem condições de levá-lo à escola, isso, às vezes também é considerado. Nós nos reunimos com o Conselho Escolar, colocamos a situação daquela família, daquela criança, mesmo não sendo “especial” e também não morando há mais de 2km da escola têm dificuldades muito sérias que podem impedir que ela venha à escola, nós decidimos em conjunto.

O cotidiano de uma escola pública é permeado por situações burocráticas, administrativas, pedagógicas que, em dado momento, podem se configurar em obstáculos para a aproximação da escola com as necessidades da comunidade. Marta, no papel de diretora, encontrou-se em situações semelhantes as que

permeiam o cotidiano de outras escolas públicas, mas foi pela atividade que ela se fez e fez a diferença. Na expressão de Ciampa (1998) e também de Marías (1947/1985), é pela atividade no mundo que o homem se transforma e torna-se autor da própria vida. A atividade de Marta-diretora não se restringiu ao espaço escolar, ela agiu em situações que ultrapassavam os muros escolares. Veja o que diz a respeito do que viu e sentiu ao visitar uma família de aluno que residia na periferia e a observação que fez das circunstâncias que viviam essas pessoas:

Visitei uma criança muito pobre, que comia em prato plástico azul. Fomos lá para saber onde as crianças moravam e por que chegavam machucadas e com marcas de mordida de cachorro. Tenho muitos alunos que moram nesse mesmo bairro, em condições precárias. No bairro não tem saneamento básico.

Quando se encontrou em uma realidade que se constituiu, nas palavras de Marías (1947/1985), a *minha* circunstância, ela tomou consciência do seu estar no mundo. Ao questionar a própria *condição de felicidade*, percebeu o quanto se sentia excluída da *felicidade*. Nos estudos de Marías (1985/1989), a vida é constituída por momentos de instabilidade que alterna entre sentir-se feliz ou infeliz. Nesse momento, Marta-diretora “estava sendo infeliz”. Vamos acompanhar seu próprio relato:

Havia algumas mulheres sentadas em frente ao barraco, tomando sol, que pareciam estar felizes. Diante disso, pensei comigo: “Muitas vezes reclamamos da vida, mesmo vivendo em casas confortáveis, e essas pessoas, numa vida de pobreza, parecem ser felizes”. Essa foi a cena que presenciei e que jamais vou esquecer. Apesar da sujeira, o que não significa que o fato de ser pobre não deve ter higiene, elas demonstravam estar bem, talvez mais felizes do que eu.

Por considerar que se encontrava *instalada* em momentos de infelicidade, questionou a possível *condição de felicidade* das pessoas que viviam em precárias condições sociais e econômicas:

Mas será que realmente estavam felizes? A pobreza, a sujeira, as mulheres, após o almoço, todas sentadas em frente ao barraco tomando sol, me fizeram pensar e me perguntar: “Será que essas pessoas são mais felizes do que eu?”. Com certeza, sim.”. Elas estavam sentadas enquanto nós estávamos trabalhando, mas pareciam muito felizes.

Instalada corporalmente, encontrou-se com e na realidade das pessoas que viviam em condições muito precárias. Nesse encontro, ao interpretar o mundo exterior em convergência com seu mundo interior, pensou a situação de *minha vida* no momento presente. Ao perceber-se em uma situação de incomodidade, sofreu a *crise da instalação corpórea*, expressão cunhada por Marías (1970/1971). Vamos voltar à palavra de Marta.

Parece que eu estava falando comigo mesmo. “Olha, está vendo, elas com tão pouco são tão felizes”. Não sei te dizer, é como se a cena falasse, um chamado para dizer: “Olha, modifica essa vida, modifica”. Precisa muito pouco para estar melhor. Agora eu vejo isso, parece que é uma comparação, uma análise da pessoa olhar aquilo e falar: “Nossa, é preciso fazer alguma coisa”. A gente não valoriza essas coisas, o que está a nossa volta, como a mulher sentada ali, cuidando dos filhos. Ser feliz ou não ser feliz não é só ter; elas, com muito pouco, me pareciam tranquilas, tomando um sol após o almoço e nós estávamos correndo para visitar outra criança que estava doente. Havia quatro crianças comendo num prato de plástico azul claro bem suquinho, uma cena que não dá para esquecer, o prato estava bem suquinho. A gente trabalha tanto e elas tranquilas. Pode ser que elas já fizeram o que tinham para fazer e agora estão apreciando o que têm, olhando as crianças. Estas pessoas têm tão menos e sorriem com facilidade e eu não sabia o que era felicidade. O pai é drogado e mesmo assim a mãe ama esse homem. Eu tinha tantas coisas e não era feliz.

A circunstância na qual se encontrou não foi planejada, escolhida; nas palavras de Marías (1970/1971), foi o acaso que ao adentrar a *minha vida* colocou-a em estado de alerta a respeito da sua própria *condição de felicidade*.

Quando o acaso adentrou *minha vida*, Marta-diretora se perguntou: “*Que vida é essa?*” Frente à própria indagação, escolheu o movimento e agiu em direção ao que considerou necessário fazer para ser feliz, é o que Marías (1947/1985) denomina de *urgência vital*, que torna urgente o fazer. Quando livremente escolheu o movimento, relata que decidiu por caminhos que possibilitaram a superação da situação que vivia no casamento naquele momento, porém pensada há mais de 10 anos. Essa tomada de consciência é expressa e justificada pela necessidade imposta pela condição de educadora, que deve pautar-se na integridade e na verdade; toma uma decisão relativa a sua vida pessoal como condição, segundo ela, de manter-se coerente. Vamos acompanhar os motivos que contribuíram por decidir separar-se do marido:

A separação é uma coisa pensada há mais de 10 anos. O relacionamento foi se deteriorando, foi ocorrendo o afastamento. Foi uma decisão que eu tive que tomar porque eu senti assim: olha só como é interessante, eu como pessoa que me julgo cristã, sou uma educadora, como é que eu, convivendo com os pais dos alunos dou conselhos, como aconselhar se eu não vivi o casamento da forma que deveria ter vivido? Ser educadora me cobrou uma postura de ser uma pessoa íntegra, verdadeira, de viver uma situação verdadeira. Eu pregava tanto que tínhamos que ser verdadeiros. Ser educador é ser exemplo sim, não é perfeito, claro, ninguém é, mas é o exemplo. Eu conversava com os casais e depois pensava sobre como eu estava vivendo. Que vida é essa? Não era um casamento de traição, mas não tinha vida, não era bom, achei que tinha chegado a hora de separar o joio do trigo para que eu possa ser mais feliz no meu trabalho, para que eu possa realizar mais coisas com alegria, para me realizar como pessoa, como mulher, e automaticamente serei uma educadora melhor, uma pessoa melhor.

As situações vividas na vida profissional, os princípios assumidos, a coerência com seu projeto nesse âmbito, faz com que questione sua vida como mulher. Ao ter clareza em relação às próprias pretensões, ao que a condicionava no momento presente, inovou provocando mudanças na consciência e na atividade. Vejamos o que diz:

Não sei se é essa separação que vai me fazer melhor, mas eu sinto que foi uma decisão que talvez eu precisasse ter tomado antes e me posicionar mais, eu nunca me posicionei tanto. Nesse momento da minha vida [refere-se à separação conjugal] em nenhum momento deixei de realizar o meu trabalho, somente as pessoas que me conhecem muito podem sentir isso. Tenho procurado me descobrir, estou me sentindo mais gente, mais mulher, mais vista, não só a Marta-educadora. Eu acho ótimo quando alguém diz: “a Marta é uma ótima educadora”. Não é vaidade, é orgulho.

Instalada temporalmente no momento presente, retrospectivamente traz à lembrança situações vivenciadas junto à família de origem, e relata as duas rebeldias que fez na vida: “primeiro ter casado e a segunda ter descasado”.

Voltando um pouco... a minha irmã, às vezes eu respondia a minha mãe, alguma coisa que ela falava e eu não concordava e minha irmã não respondia, ela ficava quietinha e fazia. Ela dizia: “Você é boba, você chora e faz tudo o que a mamãe quer”. Talvez as duas rebeldias que eu fiz, primeiro ter casado e a segunda ter descasado, eu sinto isso, duas decisões muito fortes que eu tive de tomar. Às vezes penso: será que posso me arrepender? Mas neste momento não. Nunca esperava que pudesse romper, mas gostei muito da minha atitude, foi a que me deu mais orgulho. Eu me amei naquele dia. Foi a coisa mais politicamente correta que eu fiz.

No momento em que olha retrospectivamente para os 31 anos de casada, realiza um balanço vital e relata: “o trabalho foi o apoio para tudo”. A escolha e decisão por dedicar-se a vida profissional trouxe consequência. A relação conjugal ficava circunscrita ao horário do jantar, nos finais de semana (quando também se dedicava às atividades realizadas na escola), na igreja ou na casa da mãe.

Eu inventava muito, além de gostar de fazer coisas novas na escola eu fazia porque também gostava, isso me ajudava muito, porque eu tinha uma boa desculpa que era

o trabalho. Nessa época, quando eu chegava em casa tinha ainda algum diálogo, muito pouco, mas tinha um diálogo restrito com o marido. Como eu sempre tive alguém para me ajudar, porque eu trabalhava o dia inteiro, já estava pronto o jantar. Nós jantávamos, algumas vezes via um pouco de televisão com a Soraia e ele, depois tomava banho e ia dormir. Nos finais de semana ficava sempre na minha mãe. Continuava da mesma forma quando a Soraia era pequena. Às vezes até íamos almoçar fora, ou trabalhávamos nos movimentos da Igreja no final de semana, mas não era muito mais que isso, não, era isso mesmo. Na escola aumentava muito o trabalho e em casa o relacionamento caía cada vez mais. Vivemos 31 anos desse jeito. Acabei criando um grande problema, isso é muito sério. Veja só quantas coisas aconteceram em 31 anos de casada, o trabalho foi o apoio para tudo, por isso me dediquei tanto. Primeiro porque eu gosto, depois porque ele era de certa forma um suporte muito grande para a minha vida. Ele quase que substituiu a vida pessoal.

No passado, quando Marta era jovem, instalada na condição sexuada, interpretou, apreendeu e decidiu pelo casamento a partir do que foi estabelecido pela têmpera dominante em sua família de origem: casamento duradouro, para a vida inteira. No momento presente, ao escolher seu próprio caminho, decidiu retificar o projeto inicial de casamento duradouro e superou o estabelecido socialmente para lançar-se em direção ao futuro. Veja o que diz:

Se casamento era para a vida inteira, como eu poderia me separar dele? Eu também achei que meu casamento pudesse ser duradouro. A família me amarrava muito, o que a família ia pensar, o que a sociedade ia pensar? Então, essas coisas prendem muito, a sociedade, a família, trabalho. Meus tios gostam muito dele. Ele era tão bom, todo mundo o achava uma pessoa tão boa! E ele é uma pessoa muito boa mesmo, dava a impressão que eu era uma pessoa mais difícil e como eu teria coragem de chegar para um homem tão bom e dizer: “Olha não quero mais?” Eu comecei a pensar: será que por ser separada os professores vão me respeitar? Aquele conceito que a gente

tem de muito tempo atrás. Ao contrário, acho que eles até gostam mais de mim hoje, me disseram que eu estou mais leve, que eu estou mais, sei lá, mais tranquila.

Ao descrever-se como uma esposa que poderia ter se dedicado mais ao lar, revê suas escolhas, seu projeto de vida.

Eu poderia ter sido uma esposa mais dedicada ao lar, dedicada ao lar, ao lar [relata enfaticamente ao lar]. Talvez eu tivesse esse projeto, mas talvez meu projeto realmente não fosse esse. Talvez meu projeto fosse não ter casado, trabalhar muito com as crianças, com as obras sociais, que é uma coisa que eu gosto, mas não ter casado. Eu já tenho uma grande família, a escola, as crianças para mim são uma grande família. Às vezes me questiono se não é esse mesmo o meu projeto de vida? Se eu não tivesse me precipitado tanto talvez não tivesse me casado. O casamento seria com a educação. Uma coisa pesava mais que a outra e a educação foi falando mais. Quando se está casada, você acaba tendo que ter os compromissos todos do lar e de vez em quando isto é cobrado tanto pela família como por você mesmo. Às vezes existiam conflitos. Um dos projetos foi isso.

Marta, instalada temporalmente no momento presente, olha para si e para sua filha e diz:

Agora sou eu e minha filha em casa. Acho que nós duas juntas, será uma experiência boa, já que quando ela era pequena trabalhei tanto e não pude ficar perto dela.

A identidade de Marta se transforma, se concretiza na relação com o outro, no movimento em busca da realização do futuro que está por fazer. Ela não só relata como o outro percebe a sua transformação, mas diz: *“Existe uma mudança na minha postura”*.

Desde a infância, sua narrativa expressa a identidade pressuposta de “boa samaritana” preocupada, cuidadosa, dedicado ao outro. No momento presente, instalada na condição sexuada, é ela quem, ao falar de si, busca sinalizar o que a

torna semelhante às demais mulheres. É o depoimento de quem tem consciência da própria metamorfose.

Existe uma mudança na minha postura. Tenho recebido muitos elogios. As pessoas estão me enxergando de outra forma, além do trabalho, não só a educadora. Eu também estou me achando melhor. Vejo-me como mulher, não que eu tivesse dúvida da minha feminilidade, mas eu tinha dúvidas, eu achava que poderia superar a ausência de carinho, de sentimentos, de abraço, pelo trabalho, mas agora me percebo diferente. Acho que sou mais percebida por todas as pessoas que dizem: “você está mais bonita, está irradiando alegria, está mais leve para trabalhar, mais tranquila, mais leve para lidar”. A gente procura sempre ser, mas é que agora está mais fácil ainda. Parece que a visão de mundo também mudou. Sou uma mulher que gosta do que todas as mulheres gostam, de ser elogiada, de ser tocada, de ser homenageada com uma flor, com elogio, com versos, coisas bonitas que parece que não vivi. Um telefonema pela manhã para saber se estou bem.

A separação conjugal configurou-se em uma atitude, como ela mesma diz, “*honesto e corajoso*”. Ao responsabilizar-se por suas escolhas decidiu pelo que queria.

Foi a primeira vez que senti que tomei atitude por mim, para mim. Quando estava casada, eu não tinha vontade de voltar para casa, eu amava ficar trabalhando na escola até tarde. Eu tinha uma boa desculpa, não voltava por causa do trabalho. Não tinha coragem de dizer que não queria mais, achava que ele [ex-marido] faria isso. Pela vida que estávamos tendo eu achava que ele não aguentaria e pediria a separação. Para mim seria mais tranquilo. A separação foi a coisa mais honesta que fiz porque não estava feliz, falei claramente para ele. Não quis me separar para ter liberdade. Mas vou continuar sendo a trabalhadora que sempre fui.

Após a separação conjugal, diz que o trabalho continua sendo importante em sua vida, contudo emerge a necessidade de reinventar a própria vida, em suas

palavras: “*minha vida nova*”. Instalada na condição sexuada, projeta-se para o outro, sente a necessidade de estabelecer um relacionamento amoroso.

O foco é esse agora, eu, minha vida nova e o trabalho que sempre foi importante e não vai deixar de ser agora. Eu achava que o trabalho era assim, me supria de tudo, até dos relacionamentos fracassados, que era o casamento. E depois que eu me separei ou na fase do processo de separação, eu comecei a entender que não, dá para fazer um excelente trabalho, amar o trabalho de jeito que eu gosto, mas posso também ter um relacionamento. O trabalho, ele não pode suprir tudo. Ele supre muita coisa, mas há alguma coisa que fica mesmo, tanto ficou que eu senti a necessidade de separação e de encontrar alguém para estar partilhando.

Quando constata que escolheu dedicar-se ao trabalho, instalada corporalmente menciona o espaço ocupado pelo trabalho em sua vida.

A vida toda o trabalho foi a grande fonte de amor. Precisava estar muito bem no trabalho para dar conta da família, das questões afetivas. O trabalho me fortalecia e me ajudava a suportar outras coisas. Do trabalho emanava luz. Eu já gostava da educação, é uma coisa que eu amo de paixão. O trabalho passou a ocupar um lugar muito forte, muito especial na minha vida, uma dedicação que fazia mais bem a mim do que às outras pessoas. Até hoje é assim, mesmo estando mais tranquila, a minha vida é isso aqui [refere-se à escola em que atua como diretora há 13 anos], me fortalece, me faz bem.

A atividade ao longo da trajetória de sua vida demonstra o quanto foi dedicada ao trabalho, à comunidade da escola onde atuou como diretora, tanto que na etapa da obtenção dos dados destinada à fotobiografia, das vinte fotos selecionadas de sua coleção pessoal, dezessete retratavam situações da vida profissional. Ao finalizar a narrativa a partir das fotos, concluiu: “*Todas as fotos são muito significativas para mim, mas todas se resumem muito ao trabalho, à escola*”.

As imagens fotográficas auxiliaram a trazer à lembrança o cenário e as pessoas que participaram da inauguração da escola e das festas realizadas ao longo do ano letivo.

Os cinco relatos a seguir referem-se à festa junina, festa de final de ano e formatura que aconteceram na escola de Educação Infantil onde Marta atuou como professora:

FESTA JUNINA

A primeira festa junina, em 1982. Até minha filha está junto, que eu tirei com as crianças, com as menininhas.

Foi a última festa junina que eu fiz como professora. Depois eu fui chamada para ser diretora. Veja, eu estava com cara de choro. É significativa por isso, pela despedida, eu queria muito ir para a direção, mas tinha aquela coisa presa também.

FORMATURA

Aqui é a formatura que a gente fazia da pré-escola. É significativa porque era um momento para mim muito especial, chegávamos ao fim do mundo para fazer essa festa de formatura para as crianças. Era como uma avaliação do trabalho, era um momento de festa da família na escola, das crianças na escola. Eles também ansiavam por isso, concluir alguma coisa. Foi muito importante isso sim.

Quando eu passei no concurso de diretora eu fiquei uns meses em uma escola, foi em 1991. Foi também uma formatura na pré-escola.

FESTA DO FIM DO ANO

Festa do fim do ano. Quando eu saí dessa escola para ir para a escola onde atuei como diretora. Encerramento, desfecho de um ciclo.

Da atuação no papel de diretora, selecionou treze fotos que remetem à festa de boas vindas, festa de aniversário, formatura, inauguração da sala de Educação Especial e eventos ocorridos na escola.

FESTA DE BOAS VINDAS

Foi uma festa de boas vindas que os comerciantes deram e me convidaram, sabendo que eu seria a diretora daquela escola. Eu estava passeando com a esposa do presidente da Associação de moradores do bairro, ela estava me mostrando todo o espaço. Aqui é a nossa supervisora, também trabalhava na Secretaria Municipal de Educação, estava lá e foi convidada para almoçar com a gente nessa festa, que hoje é minha comadre.

FORMATURA

Primeira festa de formatura da escola em que atuei como diretora. Foi a primeira turma de educação infantil que se formou na nossa escola. É um momento muito importante para nós. É muito significativo.

Última festa de formatura em que ele foi paraninfo, a pessoa que doou o terreno para a construção da escola. Estava agradecendo aos pais por terminar essa parte da escola.

INAUGURAÇÃO DA ESCOLA

É a inauguração da sala de Educação Especial dentro da escola. Foi uma luta também conseguir implantar a Educação Especial. Uma conquista muito legal da comunidade, das pessoas que realmente tinham essa necessidade, das crianças. Facilitou bastante para os pais.

Das fotos que trouxeram à lembrança as festas, uma retrata a comemoração de seu aniversário, a segunda celebra o aniversário de uma das crianças da turma de Educação Especial. A terceira foto faz referência à festa de aniversário da pessoa que doou o terreno para construção da escola onde Marta atuou como diretora.

FESTA DO ANIVERSÁRIO DE MARTA

Foi meu aniversário comemorado na escola junto com as crianças especiais. Ah! gostei muito de comemorar meu aniversário na escola. Eu não gosto muito de comemoração de aniversário, sendo na escola para mim transcorre mais normalmente, mais tranquilamente. Eu não gosto porque quando eu era criança e fazia festa de aniversário, eu tinha o cabelo muito liso e minha mãe fazia aqueles cachinhos e aquelas roupas de seda que pegava e me incomodava. Eu não gosto que cante parabéns. Lembro muito aquilo, eu era criança, mas eu tinha que ficar que nem um repolho, todo cheio de babado. E isso não me era confortável, eu não gostava. Eu não sei, me deixa muito depressiva. Engraçado.

FESTA DO ANIVERSÁRIO DO ALUNO

Uma festa de aniversário de uma das crianças especiais. É significativa pelo trabalho, porque as crianças são muito importantes também para nós, para o nosso trabalho. Para mim, eu tenho uma aceitação, sensação grata muito grande em trabalhar com a inclusão. Eu acho que fui muito feliz em ter essa concepção, de ter essa, vamos dizer, aceitação. Para mim é tranquilo isso. É algo tranquilo.

FESTA DO ANIVERSÁRIO DE JEAN

Quando eu fui para a escola onde atuei como diretora, antes da escola ser inaugurada, nós ficávamos em um salãozinho fazendo matrículas, inscrições dos alunos. E essa é a pessoa que cedeu o espaço para construção da escola. Esse era o secretário de educação na época e esse era o chefe de divisão da época. Era aniversário do Jean [pessoa que cedeu o terreno], 22 de fevereiro. Nós comemoramos juntos o aniversário dele com o pessoal que estava trabalhando naquela salinha para montar a escola. É significativa por isso, pela festa, pela junção, pelo momento que nós estávamos passando juntos construindo uma escola. Estávamos em uma sala, e por coincidência foi aniversário dele.

Foi a partir da narrativa das fotos por ela selecionadas que se tornou possível compreender o que a motivou decidir por manter-se por 13 anos como

diretora na mesma escola, em uma rotina que ultrapassava o horário de trabalho e a mantinha distante do convívio familiar. Importante destacar de sua própria narrativa, os momentos em que relata o tempo dedicado às atividades na escola.

(...)

Trabalhava o dia todo, mas eu nunca ia embora muito cedo, eu sempre estava envolvida em alguma coisa. Eu trabalhava até tarde, sempre depois do expediente, sempre passava do expediente.

(...)

Aqui estou em casa.

(...)

Almoçava na escola, sempre almocei aqui, tudo aqui. Sempre ficava com as crianças que permaneciam após o horário. Eu inventava muito, além de gostar de fazer coisas novas na escola eu fazia porque também gostava, isso me ajudava muito, porque eu tinha uma boa desculpa que era o trabalho.

(...)

Veja só quantas coisas aconteceram em 31 anos de casada, o trabalho foi o apoio para tudo, por isso me dediquei tanto. Primeiro porque eu gosto, depois porque ele era de certa forma um suporte muito grande para a minha vida. Ele quase que substituiu a vida pessoal.

(...)

Eu já tenho uma grande família, a escola, as crianças para mim são uma grande família.

(...)

O casamento seria com a educação.

Ao ler a própria narrativa, deparou-se com o fato de que grande parte de sua vida foi dedicada ao trabalho, é quando relata que não quer passar ao leitor deste estudo a imagem de uma pessoa que não amou e solicitou que fosse incluída a seguinte fala:

Por dedicar-me muito ao trabalho, dá impressão até que eu não tive amor, amores, mas eu tive alguns, mas foram

muito fortes e não eram histórias muito simples. Parece uma coisa que atrai mesmo e conviver com isso, trabalhar e conviver com o amor e ao mesmo tempo um desamor, porque você nem sempre pode estar com esse amor, era também uma grande prova. Eu quero que você [pesquisadora] coloque: os amores foram intensos, todos, intensos, meio platônicos, mas intensos.

Nas circunstâncias em que se tornou diretora na convivência com o “*amor que ao mesmo tempo era desamor*”, projetou sua vida pessoal e profissional instalada na *condição amorosa*. Entretanto, manteve-se presa ao papel de diretora, o que a impediu de viver metamorfoses. Na reposição da identidade de diretora conviveu com a impossibilidade de superação e manteve-se, no dizer de Ciampa (1998), na *mesmice*.

Das lembranças da rotina mantida por mais de 30 anos ***Projetos de Vida*** durante o casamento, narra as diferenças na maneira de ser e de agir entre ela e o ex-marido.

Foi uma vida muito morna, eu sempre à frente, não que ele não fosse um homem trabalhador e inteligente, mas sempre fui à frente. Sempre gostei de política, sempre gostei de me interessar pelas coisas da vida, ele [ex-marido] também, de um jeito diferente do meu. Nisso aí não estávamos nos casando muito bem. As coisas que eu fazia ele não achava importante, as coisas que ele fazia eu também não achava importante. Eu fazia o que achava importante e ele também. O que a gente fazia juntos, eram as férias. Ultimamente eu estava fazendo tudo muito sozinha porque ele não gostava de política, da escola ou de qualquer coisa e eu já estava me sentindo muito só.

Movida pela ilusão, Marta se escolheu e decidiu *quem* pretendia ser. No momento presente, com olhos no futuro, vive em busca da paz, da calma, da superação dos obstáculos para que possa continuar decidindo por *minha vida*,

expressão utilizada por Marías (1947/1985), para se referir à única vida acessível, presente, que possibilita entender o que quer dizer vida. Diz ela:

Quero encontrar meu eixo, continuar decidindo a minha vida e procurar não sofrer. Se eu tiver que sofrer, que eu tenha estrutura, que eu me alicerce, que eu me fortaleça para superar os obstáculos que virão por aí. Hoje, quero encontrar minha paz, minha calma. Quero fazer tudo o que quero de uma forma mais tranquila. Trabalhar com equilíbrio, não de uma forma exagerada, que estava me consumindo. Hoje, quero encontrar minha paz, minha calma.

Aos 49 anos, imagina o seu futuro, projeta a vida contando encontrar uma pessoa com quem possa relacionar-se amorosamente sem deixar de lado as atividades profissionais; em suas próprias palavras: “*Trabalho e relacionamento, um não pode ficar longe do outro*”.

Fora o trabalho? O trabalho será eternamente meu projeto de vida, o que virá desse trabalho, não sei. Meu projeto de vida é encontrar alguém sim, por que não? Alguém que queira reconstruir. Casei, mas parece que não senti o casamento. Sabe como é que eu penso em um casamento? Voltar para casa, ter alguém me esperando, dividir algumas coisas. Hoje gostaria de dividir coisa que nunca dividi, sempre fiz tudo muito sozinha. Dividir decisões, arrumar uma casa, fazer comida, coisa que eu nem sei fazer direito, escolher alguma coisa, dividir como foi o seu dia. Ter tempo para isso, fazer o meu trabalho, mas ter tempo para um relacionamento de amor, de convivência, de pele, de cumplicidade. Não sei se vou conseguir, mas gostaria, gostaria muito. Trabalho e relacionamento, um não pode ficar longe do outro. Eu já vivi muito tempo com um longe do outro, mas agora eu gostaria, porque é muito difícil, é muito triste, causam depressões. Mas o projeto é esse, trabalhar, talvez até fazer algum outro curso, não é uma coisa prioritária agora, mas pode ser que lá na frente isso possa vir a acontecer. O trabalho ainda é uma coisa muito forte.

No momento presente, o sentido e a importância atribuídos ao casamento distinguem-se da concepção familiar interpretada e apreendida na infância e adolescência de que casamento deve ser para a vida inteira. Veja o que diz:

Eu estou tentando viver um relacionamento que está sendo muito bom por enquanto. Eu tenho o pé no chão que pode não ser esse o relacionamento para a vida inteira, como também pode ser. Antes a gente não tinha essa visão, achava que casamento era para a vida inteira. Hoje, a visão é outra. Eu gostaria que fosse, eu quero muito que seja, mas também eu tenho consciência que pode não ser.

Ao projetar um relacionamento amoroso, traz à lembrança a experiência amorosa frustrada vivida na adolescência que a deixa com receio de amar e sofrer. Sobre esse assunto faz o seguinte relato:

Quando a gente começa um novo relacionamento acho que volta também um pouco aquilo de antes, pelo menos a priori, de que tudo tem que ser duradouro. Volta a tônica de novo, principalmente alguém que tem a formação que eu tive de que o casamento deveria ser duradouro. Agora, mais madura, vendo tudo isso, embora a gente queira que seja uma coisa duradoura, a gente sabe que pode não ser. Pode ser e pode não ser. Nesse momento, está sendo bom. Mas a gente fica meio prevenida. Acho que é essa questão da minha formação mesmo, de personalidade, sabe aquela coisa de estar sempre com o pé no chão? Na questão amorosa, eu tenho essa coisa. Está sendo maravilhoso, estou vivendo momentos muito bons, com certeza. Mas eu sempre tive isso comigo. Desde aquele namoro, da adolescência para cá tive que ficar na retaguarda, vamos dizer assim. Está muito bom, maravilhoso, mas de repente pode não ser tão maravilhoso em algum momento. E aí? Vamos passar tudo de novo, vou sofrer de novo, igual ao que já aconteceu naquele namoro de adolescência? Uma coisa que foi muito forte naquela época para mim, por isso acho que também nunca me entreguei mais a nada no amor.

Embora com receio de amar e sofrer, Marta fala que sentiu “desamarrar” algo dentro de si.

Decerto agora eu senti que eu desamarrei algumas coisas de mim, como mulher. Até que evolui, das coisas que pensava jamais fazer. Eu não havia descoberto a felicidade, interiormente não percebia a felicidade nas coisas simples. Eu, sempre pé no chão, preocupada com coisas materiais e atitudes sem exigir tanto de mim. Ser feliz não requer coisas grandes. Há momentos que são mais marcantes na vida de uma pessoa. As coisas muito grandes ficam tão distantes, quando você as tem talvez não seja tudo aquilo que você imaginou. Eu sempre tive muito trabalho para conseguir o que queria.

Ao encontrar-se instalada na condição amorosa, narra coisas simples e boas que se constituem em momentos de felicidade vividos ao lado do enamorado.

Hoje me sinto feliz quando como algodão doce, sento em um banco da praça. Coisas simples e boas. Ficar ao lado de uma pessoa bacana, ir ao shopping, conversar sobre assuntos diversos. São passeios simples. Têm coisas pequenas que estou fazendo agora e que estão sendo muito boas, como andar, caminhar conversando com uma outra pessoa, participar de uma reunião política, compartilhar com pessoas que têm a mesma visão que a minha. Dançar, jantar em algum lugar que tenha música ao vivo. Hoje até tenho vontade de dançar, coisa que eu não sentia mais vontade. É tão gostoso dançar, ouvir música. Mesmo diante de tantos acontecimentos desagradáveis, não vejo perigo em caminhar e poder sentar em um banco da praça. Tudo dependia de uma alegria e satisfação pessoal que eu não tinha. Hoje estou sorrindo mais, o que antes eu não fazia. Para conseguir rir, tinha que haver algo de muito engraçado para que eu achasse graça.

Num movimento regressivo em relação aos fatos narrados por Marta, quando identificamos que se apropriou da profissão como algo que a absorvia quase em tempo integral, percebe-se que ao desdenhar o papel de esposa e dona de casa

manteve-se encerrada fora da própria casa. Após a separação conjugal, instalada na *condição amorosa*, sente-se incluída em momentos de *felicidade*, é quando escolhe como possibilidade conciliar os papéis que se alternam, ora diretora de escola pública, ora esposa, ora dona de casa, ora mãe, ora militante política.

No presente, o trabalho continua sendo importante, mas hoje vejo que tenho a vida pessoal que eu havia deixado de lado. Hoje, há uma junção entre a vida pessoal e profissional, quer dizer, estou tentando construir uma vida pessoal. Hoje minha rotina é vir trabalhar cedo, ele [namorado] vem me buscar todos os dias no horário que eu devo sair e não mais após o expediente. No dia que eu saio às 16h, 17h e pouco ele está por aqui. Ele sai às 17h e vem direto para cá, espera e a gente vai embora. Agora eu tenho vontade que termine logo o expediente para ir embora para casa. Ao chegar à casa, a moça que trabalha deixa o jantar mais ou menos preparado, a gente termina de fazer o jantar juntos. Ele lava a louça, ele participa de tudo. Participamos juntos de tudo, desde a questão política, porque ele também gosta como eu. Hoje, nos finais de semana saímos para jantar, para almoçar, vamos ao supermercado, coisa que eu detestava, eu não ia ao supermercado. Participamos do movimento político e quando nós não estamos em reunião vamos passear, vamos almoçar fora, vamos ao zoológico, vamos ao bosque. Fazemos coisas que eu não fazia quando estava casada. Saímos bastante sim, vamos jantar, vamos dançar. Como eu já te falei, mudou bastante. Às vezes ficamos até em casa. Temos uma vida que um casal normalmente tem mesmo, que eu não tinha, era a coisa mais natural do mundo, só que eu não participava. E tem sido bom. Têm dias que a gente está mais aborrecido, têm dias que a gente está chato porque o ser humano, de vez em quando, tem essa coisa de humor. A gente está tentando acertar essas arestas: hoje eu respeito, você não está muito bem e eu também. Nós estamos vivendo isso, construindo isso. Tem sido bom e eu espero que seja duradouro. Se não for, lógico que vai ser triste, mas... A gente tem de estar preparado para essas coisas.

É a partir da *condição amorosa*, da necessidade que tem em relação a alguém e não a algo que, a partir de dada circunstância, pôde imaginar e viver o enamoramento. A necessidade, nas palavras de Marías (1970/1971, p. 183), é

vetorial, ou seja “necessito uma pessoa com uma intensidade tal e com uma ‘inclinação’ ou orientação muito precisa”. Ela conta com o enamorado para suas projeções. No relato a seguir, descreve as circunstâncias que contribuíram para que decidissem morar juntos:

Estamos construindo para que haja futuro, tudo é construção. Estamos começando um relacionamento, conversando sobre o que cada um pode fazer para que o relacionamento fique melhor. Estamos morando juntos desde o dia 1º de maio. Fomos à praia, quando voltamos ele perguntou se podia dormir na minha casa. Eu falei: “Fale com a Soraia”. Ela fez um carinho de tanto faz. Fiquei meio preocupada, mas ele ficou esse dia, e foi ficando, ficando, até que no dia das mães eu ganhei essa aliança aqui. É um compromisso que nós temos um com o outro. Ele também está se separando, como eu. Ele queria, assim como eu, construir alguma coisa, reconstruir, quando ele disse isso, me interessei um pouco por ele. Eu senti que era difícil um homem dizer que quer reconstruir. O homem quando está muito livre ele quer mesmo se divertir com uma e outra. Quando ele disse que gostaria de reconstruir uma vida, isso me impressionou muito. E a gente está fazendo isso, a gente está tentando viver isso. A gente está construindo isso todo dia. Aquilo que eu te falei, vendo uma coisa ou outra, acertando ali e aqui. Parando para fazer isso, coisa que a gente não parava, no outro relacionamento.

Marta se fez pela atividade, pela livre escolha dentre as possibilidades e impossibilidades presentes em determinada circunstância que contribuíram para a constituição da sua identidade. Ela escolheu, decidiu e assumiu as consequências. Quando decidiu continuar agindo para concretizar seu projeto de vida, escolheu por viver a metamorfose. Vamos acompanhar em suas próprias palavras o que fez para que conseguisse se transformar.

Eu acho que a maturidade, a visão de vida, a visão de conceitos morais que eu tinha era muito forte. Eu era muito, embora eu lutasse com isso, eu tinha muitos tabus, muito preconceito sim. Talvez até essa atitude que eu tomei [separação conjugal], eu criticasse em alguém há algum tempo atrás. Mas eu aprendi uma lição, que a

gente não pode julgar nada porque nada é definitivo. Não vou dizer: “Não vou fazer, eu não faço isso nunca na minha vida. Isso eu aprendi”. E vejo com mais naturalidade certas coisas que eu abominava: “Nossa, que absurdo!” Eu aprendi mais um pouco da simplicidade das coisas. Eu acho que isso mudou na minha vida. Os conceitos morais, a compreensão do mundo, a compreensão das coisas. Eu acho que um pouquinho mais, não digo que totalmente, tem algumas coisas que eu ainda me reservo. Mas eu acho que a maturidade me ensinou muita coisa. E até essa vivência que eu estou tendo hoje, o fim do casamento. Tudo isso acrescentou coisas na minha vida.

Hoje não se vê só, vê em outras mulheres a Marta que trabalha, que ama, que sofre, que percebe, que se sente só, que se rebela e se transforma.

Há muitas mulheres que vivem como a Marta. Grandes profissionais, grandes mulheres, não só as que têm formação acadêmica, mas que se destacam na sociedade, que lutam pelas coisas. Elas estão em busca para preencher algo que falta na vida delas, mesmo assim não deixa de ser uma boa profissional, não deixa de cumprir com o seu papel. Acho que elas se sentem como a Marta se sente. Elas não tiveram a sorte de alguém conversar com ela para colocarem tudo o que sentem [refere-se à pesquisadora]. Nem todas elas têm essa oportunidade. Algumas têm a coragem da Marta e diz: “Essa vida eu não quero mais viver”. A Marta demorou muito tempo, demorou 30 anos para fazer isso. Talvez algumas vivam o resto da vida assim, amargurada, sempre fazendo alguma coisa pelo outro. A única maneira de fazer alguma coisa boa para o seu ego é fazer alguma coisa pelo outro como a Marta fazia. Eu gostaria que todas tivessem a oportunidade de se rebelar. Percebi que se eu estiver feliz posso fazer muito mais pelo outro. Há muitas Martas: Marta-política, Marta-advogada, Marta-agricultora, Marta-lavradora. Para mim, todas elas são grandes, que passam por tudo isso e não deixam ninguém perceber e ainda há dias que têm que aconselhar, isso é o que me dava conflito. Aconselhar coisas que eu não vivia. Há muitas pessoas, colegas, que ficam até doente. Eu mesma tive muito problema de pressão alta, hoje está sob controle. Gostaria muito que elas conseguissem. Mas em

nenhum momento as Martas deixam de ser profissionais, trabalhadoras. Não é fácil não. Há momentos em que eu ouço uma música, abaixo a cabeça, dá uma nostalgia, começo a pensar na vida, na adolescência. Que estrago, não é?

Orientada ao futuro, Marta diz: *“As pessoas falam e eu me pergunto: Para onde vou? Por muito tempo tentei correr de mim mesma”*. Ao se deparar com essa indagação ela pôde inovar, inventar, criar as próprias possibilidades e viver a *minha vida*. É nisso que consiste o viver humano, ao encontrar-se *instalado temporalmente*, num movimento progressivo e regressivo, sentir-se livre para realizar as escolhas.

Parecia que eu tinha outra coisa que focava, não que não fosse importante, pois o trabalho é importante, mas eu deixava de pensar em mim e de me cuidar enquanto pessoa, enquanto ser, e tudo isso mexeu profundamente comigo, me fazendo refletir. Eu acho que eu deixei muito tempo da minha vida, eu anulei muita coisa da minha vida por conta, até mesmo, dos valores morais que eu tinha, de conceito de família. De verdade, talvez, eu nem saiba te explicar porquê. Porque eu era uma educadora, tinha que ter uma posição e isso não mudou nada por eu estar separada. As pessoas me respeitam do mesmo jeito, muitas nem perceberam nada de diferente. Os meus professores [da escola qual é diretora], todos sabem que eu me separei, porque acho assim, como a gente tem uma relação muito boa, eles sabem; eu acho que eles tinham que saber da minha vida também, que tinha mudado algo na minha vida e eu coloquei isso para todos e aos poucos eu estou colocando até em reuniões na SME e em outros lugares públicos, porque estamos aparecendo sempre juntos nos lugares sem estar escondendo nada de ninguém. Isso também é uma coisa que eu quebrei, porque eu teria vergonha. Se fosse em outra época, eu diria para ele [namorado]: “não, lá, onde a gente estiver em público, a gente não vai nem se manifestar”. Mas ele também é mais tranquilo com isso e ele foi me ensinando, que não tinha nada demais que nós estivéssemos juntos. Também aprendi algumas coisas com ele. Às vezes ele chegava no final do período para me buscar, me dava um beijo, eu ficava perto das professoras, eu ficava muito envergonhada. Achava que elas iriam me desrespeitar por

isso, quando na verdade não é isso que desrespeita alguém, são outras atitudes.

Neste estudo embora sem ter optado por intervenção, a pesquisa causou intervenção sobre o sujeito. Vejamos o que diz:

Perfeito, você [a pesquisadora] “pegou” a minha alma! Eu estou podendo falar de mim e me auto-conhecer. Acho que foi, foi tudo junto, não sei explicar para você. Foi a separação. Eu te conheci um pouco antes, meses antes. E parecia que eu precisava falar mesmo alguma coisa. Eu acho que nada é por acaso. Esse trabalho que a gente está fazendo eu acho que não deve ser mesmo por acaso. Eu acho que até mesmo essa questão, de quando você falou da gente fazer esse trabalho junto, pode ter sido uma das fontes que ajudaram nisso também, nessa decisão. Eu acho que sim, porque eu era, como eu te falei, educadora. Educadora tem que ser a mais íntegra possível, mais verdadeira possível e eu não estava sendo verdadeira, totalmente. Eu estava sendo verdadeira em algumas coisas que eu acreditava, mas eu estava vivendo também uma vida que era uma vida de mentira, só de aparência. Quando você trouxe o meu relato, eu já tinha tomado a atitude, acho que só reafirmou. Foi a primeira vez que eu falei de mim, desnudando minha vida mesmo, sem ser julgada. Você me ouvindo, me ouvindo, me ouvindo, me ouvindo, aí eu li como eu era, como eu poderia ser, como eu gostaria de ser, o que não fui, o que eu precisava ser.

Marta, a mais velha, a mais obediente de três irmãos. Da infância, pouco mencionou a respeito das brincadeiras, das relações sociais vividas nessa fase da vida com os irmãos e amigos; contudo, vê-se como alguém que se tornou acolhedora e cuidadora, a partir das atitudes observadas e identificadas pela mãe, pelo noivo e pelas mestras, que perduram em sua vida biográfica, em especial no papel de diretora.

A personagem “boa samaritana”, ironicamente atribuída por sua mãe ainda na infância, é incorporada e expressa no papel de professora e posteriormente diretora.

Foi cuidando e ajudando o outro que escolheu dedicar-se a uma rotina diária de atividades que envolvia a comunidade escolar. Por outro lado, manteve-se distante da convivência familiar e da possibilidade de efetivamente assumir o papel de esposa e mãe. Ela vê no trabalho uma saída, a “salvação”, para os problemas decorrentes da decisão de casar-se, que constituiu sua primeira rebeldia.

O trabalho constitui-se como seu projeto, disso ela não tem dúvidas. A Marta-diretora acolhe, ajuda, envolve a comunidade escolar, de maneira coletiva compartilha opiniões e decisões, encaminha soluções para as pessoas que a procuram.

Em uma dessas ações cotidianas, quando o acaso adentra *minha vida*, é que toma consciência de sua situação conjugal e toma a atitude de separar-se do marido para manter-se coerente com sua ação profissional. Ela reflete: “*É como se a cena falasse; olha, modifica essa vida, modifica. Nossa, é preciso fazer alguma coisa*”.

É quando a Marta-obediente escolhe fazer a segunda rebeldia: decide-se pela separação conjugal. Ao separar-se, Marta não se vê apenas no papel de educadora, diretora, mas se vê mulher, se vê melhor, percebe mudanças em suas atitudes, percebe-se e é percebida diferente, como ela diz: “*mais bonita, mais leve, mais tranquila*”.

Marta não só escolheu, ela se responsabilizou por suas escolhas. Assume a autoria da própria vida, de seu projeto de vida. Ela sabe o que quer. E o que ela quer? Vamos devolver a palavra a ela:

Quero...

Encontrar meu eixo...

Decidir a minha vida...

Procurar não sofrer...

Encontrar minha paz...

Encontrar minha calma...

Fazer tudo o que quero de uma forma mais tranquila...

Trabalhar com equilíbrio...

Marta mantém a vida profissional como aspecto importante de seu projeto de vida; por outro lado, sente necessidade de estabelecer um novo “relacionamento de amor”.

Aos 50 anos, os projetos de vida incluem a vida profissional e o relacionamento amoroso. *Instalada na condição amorosa*, ao lado do enamorado, vive momentos felizes. Descobriu a felicidade nas coisas simples:

Ficar ao lado da pessoa...
Comer algodão doce...
Sentar em um banco da praça ao lado de uma pessoa bacana...
Ir ao shopping...
Conversar sobre assuntos diversos...
Andar, caminhar...
Participar de reunião política...
Dançar...
Jantar em algum lugar que tenha música ao vivo...
Fazer o jantar juntos...
Lavar a louça...
Fazer supermercado...
Passear juntos...
Almoçar fora...
Ir ao zoológico...
Ir ao bosque...

Marta está se transformando, vivendo muitas metamorfoses; para ela, a maturidade contribuiu para uma outra forma de ver a vida. Ela não se vê só, se vê em outras mulheres que também podem estar em busca dos próprios projetos de vida.

Cantiga quase de roda

Na roda da vida
lá vai o menino
trazendo contente
um canto no peito
na frente de uma estrela.

Mal chega e descobre
que o mundo é feroz
e o tempo é de sombras.
Os homens caminham
calados, sozinhos,
com medo de amar.

De pena, o menino
começa a cantar.
(Cantigas afastam
as coisas escuras.)

Porquanto ele sabe
que os homens, embora
se façam de fortes,
se façam de grandes,

no mundo carecem
de aurora e de infância

Na roda do mundo,
ao lado dos homens,
lá vai o menino
rodando e cantando
seu canto de amor.

Um canto que faça
o mundo mais manso,
cantigas que tornem
a vida mais limpa,
um canto que faça
os homens mais crianças.

O menino entrega ao mundo
o dom da sabedoria
que nasce do coração.
Porque é de amor e de infância
que o mundo tem precisão.

Thiago de Mello

A NARRATIVA

Silvana

Filha de pai libanês e mãe descendente de italianos, nasceu no dia 15 de março de 1947, no interior do estado de São Paulo, região pecuária onde na infância brincava nas fazendas e sítios com seis irmãs. Seu pai, comerciante; sua mãe ajudava o marido que tinha um armazém e cuidava dos afazeres domésticos. A escolarização deu-se em escolas públicas. Aos 13 anos, concluiu o então curso ginasial e ficou sem estudar; durante esse tempo fez cursos de datilografia, bordado e corte e costura. Para acompanhar a irmã mais velha, escolheu cursar o Clássico. Aprovada no vestibular, em 1996 ingressou no curso de História. Entre 19/20 anos ministrava aulas em escolas da rede particular e estadual. Em 1970 aos 23 anos foi aprovada no concurso público para direção de escola estadual. De 1970 a 1973 manteve-se no cargo de diretora-designada. De 1973 a 1976, atuou como diretora-titular. De 1977 a 1985 assumiu o cargo de Assistente Técnica de Planejamento, participou do projeto de implantação de cadastramento de alunos do CIE – Centro de Informações Educacionais. De 1986 a 1994 retornou ao cargo de diretora titular. Em 1994, aposentou-se e disse: *“eu me aposentei e nunca mais queria saber da Educação”*. Após um ano de aposentadoria, Silvana com 45/46 anos, cansada da rotina doméstica, sentiu falta do trabalho e retornou às atividades educacionais na Secretaria Municipal de Educação de um município do estado de São Paulo. Em 2009, como funcionária adaptada, aguarda a segunda aposentadoria.

FAMÍLIA DE ORIGEM

Para dizer quem é, inicialmente informa seu nome próprio, em seguida recorre à origem do pai e avós. Ao situar-se no tempo, menciona dia e local do seu nascimento. Com essas informações verificam-se as condições geográficas e históricas que encontrou desde o nascimento.

Sou Silvana, filha de libanês e neta de italiano. Nasci em 15 de março de 1947 no interior do estado de São Paulo em uma cidade ao norte do estado, região pecuária.

Do primeiro grupo social constituído pela família de origem, menciona que o pai era comerciante e sonhava ter um filho; contudo do casamento com sua mãe nasceram sete filhas. O único do sexo masculino nascera morto.

Ele tinha bronca porque queria um filho homem. O primeiro filho da minha mãe foi natimorto, era um homem, mas foi natimorto; depois só mulheres, mulheres, mulheres. Ele sempre dizia que se ele tivesse um filho homem, o filho homem ia ajudá-lo no armazém, ia ajudá-lo no comércio.

Da mãe, narra que cuidava das filhas, preparava o almoço e ajudava o marido no armazém.

Na minha casa tinha três empregadas, a minha mãe só fazia almoço e dava banho, isso ela fazia questão e ajudava meu pai no armazém, ela ficava o dia todo lá.

Ao descrever as relações sociais vividas na infância junto à família de origem, instalada em momentos felizes, fala de uma realidade constituída por brincadeiras na rua e bonecas por elas confeccionadas com pano e espiga de milho.

Tive uma infância muito feliz, muito natural, vivenciada nas fazendas e sítios dos meus tios. Eu sempre digo que nasci em uma época privilegiada, conheci muita coisa do campo, de fogão a lenha, de banheiro e privada no fundo do quintal. A gente brincava o dia inteiro na rua, que ainda era de terra, andava de bicicleta. Tudo que podia, criança fazia. Nós brincávamos com boneca, eram bonequinhas de pano, bonequinhas de espiga de milho. Quando tinha milho para colher fazíamos as bonecas com a espiga de milho. A gente brincava muito de casinha, fazia essas brincadeiras que eu considero muito saudável para as crianças que hoje elas não fazem isso.

Frente aos limites históricos, geográficos e sociais da realidade que não estava feita, mas estava por fazer, colocou-se em movimento, imaginou, interpretou e se apropriou das coisas que já se encontravam interpretadas e em movimento antes mesmo do seu nascimento. Quando brincava com as seis irmãs, imaginavam e criavam os próprios brinquedos a partir do que encontravam na realidade em que viviam: latas, ferros, barro, árvores, estrada de ferro.

Na época não havia tanto brinquedo, ao menos para nós [ela e as seis irmãs] não. Brincávamos com coisas da natureza. Nossa brincadeira era subir em árvores, era bicicleta, isso a gente sempre teve. Brincávamos de casinha com a panelinha de latinha, fazíamos um buraco no chão, colocava uns ferrinhos e punha fogo, cozinhava, fazia “arrozinho”, depois comia. Brincávamos muito de barro, a cidade ainda era de terra, brincávamos muito. Árvore subia direto, tinha a casinha, a cama, o quarto. Na esquina da rua onde eu morava tinha uma árvore muito grande, a gente falava “arvinha”: “Vamos brincar na arvinha”? Outra coisa que brincávamos muito é que atrás da minha casa passava uma estrada de ferro e a gente punha prego no trilho, hoje eu sei o perigo que é isso, mas na época era natural para nós. Esses eram os tipos de brincadeiras, não me lembro de outras, era mais no grupo de amiguinhos e irmãs que brincávamos.

O grupo social com quem brincava na infância era constituído, além das irmãs, mais seis irmãos de uma família japonesa. Com uma das amigas, que tinha aproximadamente a mesma idade, relata que brincava de casinha, imaginavam, criavam e faziam apresentações de teatro às outras crianças.

Eu me dava bem, fazia amizade fácil, sempre fui ativa, brincava, eu gostava de passear, ir ao clube, sempre com muitos amigos. Brincava sempre na casa de uma amiga mais próxima. Nós éramos em 7 irmãs e eles em 6. Uma família de japoneses que eram os nossos melhores amigos, com quem eu convivia mais, inclusive na escola. Eu e a minha amiga tínhamos mais ou menos a mesma idade, a gente se dava melhor e brincávamos muito de casinha, no quintal, nas árvores. A minha irmã mais velha tinha a mesma idade que uma irmã dela. A gente convidava as outras crianças para irem em casa fazer o cirquinho, o

teatrinho e assistirem as nossas apresentações. Uma convivência normal de criança feliz e de uma ótima convivência.

Além das brincadeiras na rua, menciona que ia ao clube com as irmãs. Era o pai quem as levava ao passeio apreciado por todas.

Outra coisa que a gente fazia era ir à piscina. Tinha um clube na minha cidade onde meu pai levava a gente todo dia à tarde, todas as filhas. Ele cortava uma cebola em quatro, colocava sal e dava para a gente comer, $\frac{1}{4}$ para cada uma; ele dizia que era bom para os pulmões. Era um passeio que a gente gostava, era uma cidade muito quente, não tinha tempo frio não. Toda tarde tinha passeio com meu pai.

Na infância, a família de Silvana não tinha televisão, ela conta que à noite mãe e filhas acompanhavam a transmissão de novelas pelo rádio.

À noite, na época ainda não tinha televisão. Antes de termos televisão ouvíamos novela pelo rádio. A minha mãe sentava as filhas todas em volta dela que nem a galinha com os pintinhos, ouvindo rádio.

Dessa fase da vida, conta que raramente a família viajava. De vez em quando visitavam o avô que residia em outra cidade. Nas férias passavam alguns dias nas fazendas dos tios. Em São Paulo, faziam compras de mercadorias para o armazém do seu pai.

Não viajava, era muito raro. De vez em quando a minha mãe alugava um táxi e a gente ia à cidade do meu avô, cidade vizinha, passava o dia lá. Nas férias ia às fazendas dos meus tios, passava uns dias lá. Nas férias ele sempre pegava duas filhas e levava para ficar uma semana inteira em São Paulo, onde fazia compras de mercadoria para o armazém. Isso para nós era o maior orgulho porque éramos as únicas que íamos a São Paulo.

No armazém eram vendidos brinquedos. Ela traz à lembrança a época do Natal, em que os pais compravam brinquedos para os filhos; também narra que foi nessa época que seu pai lhe deu a primeira boneca de louça.

Na época de Natal eu trabalhava, porque meu pai vendia brinquedos, era representante da Estrela. Quando terminava a Missa do Galo as pessoas voltavam, passavam no armazém e pegavam os brinquedos das crianças. Foi nessa época que meu pai me deu a minha primeira boneca de louça, eu tinha 7 anos. Ela toda com cabelo, com olho que piscava, com boquinha, com vestidinho, era uma boneca chique, muito bonita por sinal que hoje eu me arrependo de tê-la jogado fora há pouco tempo atrás, infelizmente.

Nas manhãs dominicais, Silvana, no papel da irmã cuidadora, comenta que ia à missa, à tarde levava as duas irmãs menores à sessão matinê do cinema, quando retornavam, o tema do filme que haviam assistido motivava as brincadeiras de faz-de-conta.

No domingo, de manhã ia à missa, almoçava e depois ia à matinê. Sempre ia à matinê, todos os domingos. Eu tinha minhas irmãs pequenininhas, eu levava as duas na matinê. Matinê era filme, cinema à tarde para criança. Eu levava as duas irmãs, quando voltava, se era um filme de cauboi nós tínhamos nossos revólveres e íamos brincar de cauboi. Se era um filme de índio a gente tinha as roupas, arco e flecha e brincávamos de índio com elas. A gente trazia a história do cinema para dentro de casa.

Da convivência com a família de origem e amigos, Silvana interpretou e apreendeu as circunstâncias que constituíram suas ações na infância e integraram a vida biográfica. Na relação com o outro, constituiu sua identidade, quando, a partir da realidade observada, se igualou às suas irmãs, sendo as sete do mesmo sexo, filhas do mesmo pai, da mesma mãe e avós, a mesma origem libanesa e italiana, a mesma condição histórica, social e geográfica. A diferenciação é identificada na posição que ocupa na família, o que não é suficiente para dizer quem é; portanto, é preciso buscar em sua própria narrativa, o que fez para constituir a sua

singularidade, a sua identidade. No dizer de Marías (1947/1985), como se colocou em movimento para fazer a *minha vida*, que é individual, insubstituível e única.

Bem como na infância, quando as relações sociais eram mantidas junto à família de origem, na juventude manteve a convivência com a família e também com os cunhados, quando viajavam e acampavam nos campos e praias.

Eu viajava e acampava muito. Tenho um cunhado, casado com minha irmã mais velha, foi o primeiro da família a comprar uma barraca, aí começou a ir a família inteira. Este foi um período muito bom para nós. Nós viajamos o Brasil inteiro acampando com minhas irmãs e minha mãe. Elas tinham comprado um trailer, íamos com as barracas. Foi uma vida assim de uns 5/6 anos, talvez mais. A gente não passava feriado prolongado sem acampar, era praia, era campo. Meu cunhado, mais novo, era o irmão do casado com a irmã mais velha; eram dois irmãos, o mais velho casou com minha irmã mais velha e o mais novo com minha irmã mais nova; ele foi também, depois nós fomos até o Sul do país, numa outra viagem. Na época ainda tinha a Sete Quedas, ainda eram as cachoeiras, não era usina. Foz do Iguaçu, Porto Alegre, fizemos todo o Sul, também acampando.

Durante as viagens, mãe e filhas se encontravam frente às mesmas circunstâncias, apreciavam as belezas naturais e as diferenças culturais das regiões brasileiras; contudo, Silvana ressalta que sua ação se diferenciava das irmãs, pois além de apreciar a beleza natural do lugar visitado, procurava conhecer as pessoas, os hábitos, a culinária da região. Nesse movimento de diferenciação podemos perceber o processo de constituição de sua identidade.

Era a maior delícia do mundo, era uma maravilha por estarmos conhecendo e formando uma paixão nossa, minha pelo menos. Conhecer novas pessoas, conhecer costumes das pessoas onde a gente estivesse acampando. Além de conhecer de ver a beleza da região, eu procurava, eu ia muito atrás da comida daquela região, de conversar com as pessoas, de conhecer os hábitos das pessoas. Eu cheguei a me oferecer para entrar na casa de gente de lá para ver como era uma casa de alguns lugares diferentes.

As brincadeiras na infância, as viagens na juventude e toda circunstância que Silvana relata ter encontrado ao seu redor contribuíram para a constituição de sua identidade, do estabelecimento de papéis e das personagens que assumiu.

Na fase adulta, apoiada na *instalação mundana*, enquanto narra a maneira singular de ver o mundo, ressalta a condição que contribuiu para que se tornasse semelhante às suas irmãs: “*Elas são humildes, são simples, têm a mesma formação que eu*”. A seguir, podemos acompanhar em suas próprias palavras a diferenciação produzida pela ampliação da consciência social e política.

Bem, não sei te expor direito, uma coisa que a gente sente. Elas são humildes, são simples, têm a mesma formação que eu, não são metidas, como a gente dizia no interior. Por exemplo, eu gostaria demais de viajar um pouco mais pelo Brasil, já nenhuma delas fala: “Ah! Eu gostaria de ir a Fortaleza”. Não, elas viajam só para a Europa e Estados Unidos, só. Quer dizer, participar, ter uma vida social, não! Não tem uma luta política, não discute uma política social, elas odeiam o Partido dos Trabalhadores. Odeiam pobres, vamos dizer assim, não tratam mal, fazem caridade. Fico sem graça de explicar porque parece que eu estou colocando uma posição delas horrível no mundo e não é. Elas são pessoas boníssimas, tem uma que chora se está dentro do carro e vê um velhinho, uma criança pedindo alguma coisa e faz questão de colaborar. Nesse sentido todas são iguais, mas ninguém faz uma luta política, ninguém participa de um movimento, muito pelo contrário, metem o pau nessa luta em prol da sociedade. Odeiam o Lula, detestam o Lula, acham que é uma política horrível, mas por quê? Porque o ex-presidente da República, Fernando Henrique Cardoso era um Deus para elas. Não sei se você está entendendo, é tão difícil. Nem se discute política, não se fala em movimentos sociais quando a gente se reúne. Fala sim em viagem para a Europa, viagem aos Estados Unidos.

No momento presente, além da diferenciação em relação às irmãs em relação à consciência social e política, relata que, enquanto as irmãs estão casadas, aposentadas e mantidas economicamente pelos maridos; *instalada corporalmente*

encontra-se em uma situação econômica diferenciada, mas sente-se feliz, pois tudo o que conquistou resultou da própria atividade profissional.

Financeiramente vivem muito bem, não tem nem dúvidas, só que isso daí eu também vivo bem. Elas ficaram tranquilas na vida. Trabalharam? Trabalharam, mas chegaram a se aposentar sem época, sem nada, porque têm marido rico que sustenta, que ajuda. Elas têm uma outra forma de vida. Muito legais, honestas, tudo certinho, não estou nem comentando mal, mas é uma outra forma de vida. Eu não, eu sempre tive de batalhar. Sou muito feliz com a vida que eu tenho e acho até que me dou mais valor porque tudo que tenho é à custa do meu trabalho, não dependi de um marido para ter isso. Casei com um professor mais pobre do que eu, com outros pensamentos, valores, não era ambicioso. Eu ainda tinha um pouco de ambição, mas ele não.

Ao narrar a realidade econômica favorável das irmãs, diz sentir-se feliz com sua vida, contudo lembra que nem sempre foi assim; *instalada temporalmente*, traz à lembrança que no passado, quando as irmãs eram menores, ela as ajudou; no momento presente, quando elas têm melhores condições econômicas, pensa que deveriam ajudá-la. Silvana afirma não sentir inveja das irmãs, já sentiu, hoje não mais.

Elas têm mais dinheiro do que eu, têm mais passeios, mas eu estou feliz com a minha vida. Já tive épocas que eu ficava furiosa com isso. Achava que elas tinham muito e que como eu sempre tinha feito muito por elas, por todas elas, quando eram menores que agora era hora delas fazerem por mim. Já pensei muito assim. Depois a gente cresce e vê que as coisas não são assim. Gosto muito delas, não gosto de falar disso, porque parece que eu estou criticando e com uma certa inveja e não é. Já tive muita inveja, hoje não.

Mantém bom relacionamento com as irmãs, mas se comenta com elas que está com dificuldades financeiras, com problemas, conta que se sente criticada, foi o que a motivou a evitar o convívio com as irmãs; sente-se sozinha, sem amparo.

A gente se dá um pouco bem, muito bem até, mas não posso chegar para elas e reclamar ou falar alguma coisa; “eu estou com dificuldade, estou com um problema”, se eu falo que não estou muito bem, elas dizem: “Ah! Mas também você fuma, você não pára”. Sabe, estão sempre com o lado crítico, prefiro me afastar e evitar. É por isso que eu me sinto hoje uma pessoa sozinha, sem um amparo.

A relação social com a família de origem foi a base para a constituição de sua identidade. Os estudos Ciampa (1998) esclarecem que é pela dialética igualdade/diferença que a pessoa se movimenta em direção à concretização de si e se constitui como pessoa. Silvana reiteradamente narrou as circunstâncias encontradas no convívio familiar e o que fez nos limites dessa realidade, da qual sente-se distante e diferente: “Como eu já falei aqui, eu sou à parte da família, sei lá o que é essa diferença”. Embora se perceba diferente, à parte da família, busca a convivência, tanto que, em julho de 2008, viajou com a filha e irmãs para a Europa.

Sinceramente, eu gosto muito das minhas irmãs, tanto é que agora [julho de 2008] fui viajar para a Europa com elas. Deram esse presente para minha filha, oportunidade para eu ir também junto porque sozinha acho que eu não iria.

Durante a viagem pela Europa, conta que brigou com sua filha, Wilma, que por preocupar-se com o que Silvana pudesse falar, e consequentemente receber críticas das irmãs, pedia à mãe que ficasse quieta.

Agora eu viajei com ela durante 30 dias, nós brigamos bastante porque a preocupação dela por mim é tão grande que se eu falasse qualquer coisa que ela achasse que eu não deveria falar e que iria me colocar em uma situação de crítica em relação às minhas irmãs, ela me cutucava. Eu sentia naquele cutucão: “cala a boca mãe, fica na tua, fica quieta”. Me policiou demais, pela preocupação. Já sentamos, já tivemos uma conversa e acredito que as coisas entraram nos eixos.

Explicitadas as circunstâncias em que Silvana, da infância à fase adulta, conviveu com sua família de origem, é pertinente relacionar sua narrativa obtida pela entrevista não-diretiva com a narrativa a partir das fotos selecionadas de sua coleção pessoal consideradas significativas para ela. Foi ela quem decidiu a sequência para apresentá-las.

Das vinte fotos, nove referem-se a sua família. Ao apresentar a primeira foto, mostrou seu pai, sua mãe, suas irmãs, a casa e a cidade onde nasceu e viveu na infância, mencionou também a árvore na qual brincavam a qual denominava “arvinha”.

É pertinente ressaltar que a sequência das fotos apresentadas a seguir reitera a sequência narrada quando iniciamos a entrevista: família de origem, descrição da localidade onde nasceu e viveu, a infância e as viagens.

As lembranças da cidade onde nasceu vêm acompanhadas de alegria.

Meu pai, minha mãe, minhas irmãs e um casal que são padrinhos do nenezinho. À frente da minha casa na cidade onde nasci. Sempre que olho essa foto eu me lembro da casa, da minha cidade, da minha infância; eu sinto como se eu estivesse nesse dia, que foi em um domingo.

Uma das minhas paixões; circo. Meu pai trabalhava com eles, eles compravam no armazém do meu pai, nós fazíamos amizade com eles.

É uma árvore acácia imperial, aqui atrás é o coreto que tinha na praça onde íamos passear no domingo, essa é a árvore da minha infância, que é o que recorda a minha cidade.

Aponta o quanto gosta e se orgulha de sua família.

Minha família hoje, só que não tem mais o meu pai e não tem a minha irmã que já faleceu. Todos os meus cunhados e sobrinha, eu e minha filha. Eu gosto muito de família, acho bonita essa recordação com todo mundo junto. Olhar e ver todo mundo sempre sorrindo, feliz, eu gosto, eu tenho orgulho de apresentar: “Essa é a minha família”.

Essa foto eu gosto demais! São todas as irmãs. A minha irmã falecida era viva ainda. Junto com a minha mãe e

meu pai. Nós queríamos uma foto no modelo antigo. Meu pai usava um boné, mas na hora nós demos um chapéu para ele, os homens de antigamente sempre tiravam a foto segurando um chapéu. Na minha mãe colocamos um ramo de flores, foi tão de improviso que você pode ver que no ramo de flores tem um saco plástico.

Tem um monte de fotos de festas em família, mas essa representa a fartura que sempre tive em casa e mais uma festa: Natal. Para nós é sagrado que o Natal seja comemorado com a família toda. Acredito que seja em função da minha descendência árabe, que sempre fez muita questão de fartura para a família e festas.

Esse daí era da minha irmã que faleceu, ela está aqui na direção do carro.

VIAGENS E ACAMPAMENTOS

Só uma recordação dos meus acampamentos. Este daqui em especial, em Ouro Preto/MG, que representa todos os meus acampamentos, todas as minhas viagens que foram demais prazerosas.

Fomos a Iacanga/SP participar do 1º festival hippie. Hoje quando falo que fui ao festival de Iacanga/SP as pessoas não conseguem me imaginar lá por que era droga livre e nós não tínhamos nada a ver com isso, fomos atrás de música, acampamento. Fica até uma imagem que assusta quando sabem que eu fui ao festival.

As lembranças evocadas da convivência com a família de origem a partir das fotografias foram narradas de maneira afetuosa e emocionada, bem como durante a entrevista não diretiva quando foram trazidas à lembrança os momentos felizes vividos na infância junto à família de origem, quando com as irmãs e amigos brincavam na rua, na praça e no clube. Do relacionamento com as irmãs na juventude, das viagens e acampamentos, procura individualizar-se pela diferenciação na maneira de ver o mundo. Ao escolher diferenciar-se, sua atividade levou à ampliação da consciência social e política e consequentemente sua própria transformação.

ESCOLARIZAÇÃO

Por volta dos 6/7 anos, ao iniciar o processo de escolarização, ainda sem domínio do conhecimento matemático, narra que, ao lado do pai, trabalhava no armazém, ora no caixa, ora fazendo entregas de mercadorias aos fregueses.

Quando eu entrei na escola, eu ia sempre de manhã. Com 6 para 7 anos, mais ou menos, eu já comecei a trabalhar, meu pai tinha um comércio. Uma coisa que eu lembro muito é de quando à tarde eu ficava no armazém do meu pai, sem nem saber números já ficava no caixa e depois trabalhava no balcão, levava mercadorias, encomendas na casa dos fregueses. Aos sábados também trabalhava no armazém, era o dia que a gente mais corria.

Havia uma outra atividade, embora denominada por ela como “obrigação”, que não considerava ruim, ela levava lanche às irmãs menores que estudavam à tarde.

Quando eu era criança, também tinha como obrigação levar o lanche para as minhas irmãs na hora do recreio. Isso fazia parte da rotina, mas eu não achava ruim. Eu levava o lanche, adorava, levava vitamina, o suco para as irmãs menores que estudavam à tarde.

Das experiências vivenciadas no então Jardim de Infância houve um fato que contribuiu para que, ainda hoje, sinta vergonha quando se vê em situação que é necessário falar em público.

No Jardim de Infância, me lembro que teve uma festa na escola e eu fui recitar uma poesia do coelhinho que fala: “comi uma cenoura com casca e tudo, tão grande ela era fiquei barrigudo”. Com isso a molecada deu risada. Depois de muito tempo é que eu entendi por que eles riram: “comi uma cenoura e... fiquei barriguda”, mas eu não maliciei nada, eu nem sabia disso. Quase morri de vergonha pelo fato deles rirem. Acho que isso interferiu muito na minha

vida, para falar usando o microfone. Toda vez que tive que me apresentar em público e falar ao microfone eu ficava gelada. Quando começava a trabalhar na escola, no início do ano eu já pensava no final do ano, na formatura que eu teria que falar ao microfone. Quando eu tomei consciência desse dia, quando eu me recordei, eu falei: “acho que é daí a origem”.

Dos primeiros anos de escolarização, relata que “nunca” faltou às aulas por dois motivos: adorava ir à escola e obedecia sua mãe que não permitia falta às aulas.

Na escola eu ia todos os dias, nunca faltei, os quatro primeiros anos de ensino primário da época, só um dia que saí mais cedo. Nunca faltei, primeiro porque minha mãe não deixava mesmo e segundo porque eu adorava ir à escola.

Nos momentos em que não estava na escola, ora assumia o papel da filha ajudante do pai, ora a irmã que ajudava levando lanche às irmãs menores. Na sala de aula, era a aluna que se sentia orgulhosa em ajudar a professora. Veja o que diz:

Sempre gostei muito de estudar, ia com muito gosto. Eu me lembro, quando estava no 4º ano Primário eu conhecia, sabia muito, era boa aluna, então a professora pediu para ajudá-la. Eu ia atrás da porta da sala de aula tomar verbos dos colegas. A lição de casa era decorar verbo, ela me punha lá para tomar verbo, eu ficava toda orgulhosa, toda importante em fazer isso.

Silvana, diz que não consegue esquecer o dia em que a referida professora, por uma única vez, puxou sua orelha.

A primeira e única vez que eu tomei um puxão de orelha dessa professora foi quando estávamos em uma fila esperando para ela dar visto no caderno, estava todo mundo conversando. Eu tenho certeza que eu não estava conversando, estava esperando a minha vez. Ela nem olhou, ela esticou o braço e a primeira orelha que ela viu

foi a minha. Estou te falando porque eu não consigo esquecer isso, tomei um puxão de orelha numa 4ª série e sem culpa, inocente.

Embora essa situação tenha deixado marcas negativas, das vivências escolares menciona uma situação apreciada por ela: o cinema mudo.

Outra coisa que eu gostava muito de fazer na infância é que na escola tinha cinema mudo; de vez em quando a gente ia até lá, pagava um pouquinho, porque éramos da Caixa Escolar e assistia ao cinema mudo. Era Charles Chaplin, o Gordo e o Magro, eu adorava esse passeio.

Na adolescência, mantinha as brincadeiras da infância, estudava, continuava a trabalhar com seu pai no armazém e quando necessário participava nas reuniões de pais e mestres das irmãs menores.

Quando eu fiquei adolescente, estudava, ia à escola, voltava, fazia a lição e trabalhava no armazém com meu pai. Quando tinha reunião de pais e mestres das minhas irmãs menores, era eu quem ia. Eu ia ao jardim que era na praça, brincava na praça de piques, de passar anel, de amarelinha, todas essas brincadeiras de criança nós ainda brincávamos.

Das situações por ela vivida na infância no processo inicial de escolarização, instalada nas circunstâncias aqui relatadas, constata-se que Silvana escolheu representar a personagem de boa aluna, obediente e ajudante, o que reitera a personagem de boa filha, obediente e também ajudante.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL E PROFISSIONALIZAÇÃO

Aos 13 anos, ao concluir o então curso ginásial, a filha obediente decidiu não atender ao pedido da mãe, que queria que ela participasse do processo seletivo

para o curso Normal nível médio; por desobedecer à determinação de sua mãe ficou um ano sem estudar no ensino regular.

Se, por um lado, a Silvana-obediente escolheu desobedecer, por outro lado, obedeceu à decisão da mãe que decidiu que ela ficaria sem estudar no ensino regular e determinou que ela cursasse datilografia, bordado e corte-costura. Veja o que diz:

Aos 13 anos, após concluir a 8ª série, eu fiquei um ano sem estudar. Minha mãe queria que eu fizesse o curso Normal nível Médio e falou: Eu fiquei um ano sem estudar, foi quando fiz corte e costura, fiz datilografia, curso para aprender bordado. Minha mãe fez com que eu fizesse esses cursos durante este ano.

Em 1961, a Silvana-obediente aceitou a vontade de sua mãe, que queria que ela fizesse o curso Normal nível médio. Ao participar do processo seletivo, no momento do exame classificatório decidiu contrariar a decisão materna e não completou as questões de matemática. Veja o que diz:

No ano seguinte eu quis voltar a estudar. Eu aceitei a vontade da minha mãe que era fazer o curso Normal nível médio, mas eu não queria, mesmo assim prestei o vestibular. Na época tinha vestibular, tinha um exame de classificação. Não completei questões nenhuma de matemática, fui chamada pelo diretor da escola, falei que agi assim porque eu não queria passar, porque eu não queria ser professora.

Tornar-se professora não era seu projeto vital, mas de sua mãe, o que ela menciona como própria escolha é a Engenharia Naval, opção profissional não aprovada por seu pai.

Magistério não era um projeto de vida para mim. O meu projeto era fazer Engenharia Naval, mas meu pai não autorizou na época, disse que era uma profissão para homem e não aceitou.

Do então Curso Primário ao Clássico estudou em escolas públicas. Silvana relata que decidiu cursar o ensino Clássico para, posteriormente, cursar Engenharia Naval e também porque sua irmã mais velha já cursava o Clássico; juntas se deslocavam de trem para a escola que ficava em outra cidade, a 30 km de onde moravam. Ao se apropriar de seu projeto, frente às circunstâncias, criou as próprias possibilidades para concretizar seu projeto e fazer a própria vida, no dizer de MARÍAS (1970/1971), *a minha vida*.

Cursei o Clássico para depois cursar Engenharia, era o que eu tinha vontade de estudar. Minha irmã mais velha cursava o Clássico, íamos juntas à escola que ficava em outra cidade a 30 km da cidade onde morávamos. Íamos de trem, a saída era 13h30, chegando lá ficávamos em uma pensão. Após o jantar íamos para a aula que começava às 18h30 e terminava às 22h50, só que nós saíamos todos os dias às 21h10, o trem de volta para nossa cidade passava às 21h30. Na verdade, a gente saía às 21h e ficávamos no footing até 21h30 e saíamos correndo; quando o chefe do trem nos via, dava o apito na porta da estação e nos esperava.

No trajeto percorrido de trem conhecia e conversava com pessoas que se sentavam ao seu lado ou com o cobrador. Das amizades estabelecidas nessa fase de sua vida, conta lembranças da amiga Cristiane.

Eu sempre fui de conversar com todo mundo. No trem conversava, conhecia muitas pessoas que tomavam o mesmo trem no mesmo horário, ia fazendo amizade com elas. Conversava com o cobrador, conversava com quem sentasse ao meu lado. Eu também fiz algumas amizades, especialmente com uma mocinha da minha classe. Ela não tinha mãe e a gente se deu muito bem nos estudos. Eu me dava bem com todo mundo, mas em nível de amizade particular foi com essa menina de nome Cristiane, que eu nunca mais vi.

Dessa mesma fase de sua vida, lembra a situação em que, após o carnaval, ficou afônica. Examinada por um médico, foi diagnosticado laringite crônica. Por indicação médica, foi necessário, além do repouso das cordas vocais

por 45 dias, que implicava ficar sem falar, tomar remédios e injeção. Veja o comentário de Silvana:

Aos 14 anos, quando acabou o carnaval, minha voz não saía de jeito nenhum. Minha mãe me levou ao médico que diagnosticou uma laringite crônica e me proibiu de conversar muito. Eu nunca tinha observado que eu falava meio rouca. Foi feito um exame e ele disse que eu tinha calos nas cordas vocais e tinha de ficar 45 dias sem falar, receitou-me umas pastilhas, uns remédios que eu não me lembro direito quais eram, mais a injeção. Foi a primeira vez que eu tomei injeção na minha vida.

Por indicação médica deveria manter o repouso das cordas vocais por 45 dias; no entanto, a Silvana-obediente conta que decidiu desobedecer e estendeu, por conta própria o número de dias sem falar somente na escola, comunicando-se por escrito. Veja os seus motivos:

Foi um período que eu chegava à escola e não falava nada. O médico pediu que eu ficasse 45 dias sem falar, não aumentou mais esse prazo, mas eu aumentei por minha conta. Na escola eu não falava nada, eu escrevia tudo no papelzinho, eu achava aquilo uma coisa linda, só que quando eu chegava na minha casa eu conversava. Isso porque eu já estava de olho no exame oral. Chegou junho, tiveram as provas e mais exame oral e eu fui liberada, dispensada do exame oral, por não falar nada na escola, me safei.

Das circunstâncias encontradas na adolescência que contribuíram para a sua formação profissional, Silvana-obediente decidiu não aceitar a escolha da mãe de cursar o Curso Normal nível médio. Contrária à opinião de seu pai, manteve a decisão de tornar-se engenheira naval.

A Silvana-obediente decidiu o que queria fazer e o que queria ser a cada momento; nas palavras de Marías (1947/1985), é nisso que consiste a vida humana, quando a pessoa, pelo exercício da livre escolha, assume a autoria da *minha vida*, daquilo que faz com sua vida e que somente ela pode fazer e assumir as consequências sem atribuir responsabilidade ao Outro. Ela assume a autoria, a escolha em nada falar na sala de aula e exagerar na fala ao chegar a casa.

Foi de sacanagem mesmo. Os 45 dias eu cumpri certinho não falava nem na escola e nem em casa, eu respeitei. Na escola ninguém me ouvia falar, mas quando eu chegava em casa, eu não aguentava, eu conversava com todo mundo, eu brincava, falava. Eu sempre fui falante, gostava de cantar, de falar, de brincar, sempre fiz isto e depois que eu fui obrigada a ficar sem falar parece que foi um exagero, houve um exagero na minha fala. Eu não sei se foi por causa disso que fiquei mais falante.

Aos 17 anos, por decisão de sua mãe, que desejava que todas as filhas se tornassem professoras e cursassem a faculdade, conta que seu pai vendeu o que tinha e na companhia de sua mãe e irmãs, mudou-se para São Paulo.

Ela quis que mudássemos de cidade porque uma das filhas já morava em São Paulo e onde morávamos não havia faculdade. Ela disse: “Nós vamos”. O meu pai também, em nome das filhas, vendeu o que ele tinha e nos acompanhou. É por ela que todas as filhas estudaram. Ela tinha sete filhas e sempre quis que fôssemos professoras. Graças à influência da minha mãe que nós estudamos. Ela queria que tivéssemos uma profissão, ela dizia que lá no interior as professoras tinham uma posição melhor de vida, mas o principal, que levou a minha mãe decidir pela mudança de cidade, é que ela queria que gente cursasse faculdade. Ela falava que se algum dia não desse certo o casamento, cada uma de nós teríamos independência, não ficaríamos dependendo do marido a vida inteira. Quando mudei de cidade, era janeiro de 1965, eu tinha 17 anos.

Sua irmã mais velha, que já cursava Letras na PUC/SP, a orientou a prestar vestibular na mesma instituição. No momento em que se atém à indicação da irmã, escolheu, sem planejar, participar do processo seletivo para o curso superior em História na PUC/SP. Aprovada no vestibular, ao decidir ingressar no curso, a pretensão de tornar-se engenheira naval foi preterida.

Orientada pela irmã mais velha, prestei vestibular para História, mas no sentido de ver como era um vestibular, que não era um bicho de sete cabeças. O meu projeto era fazer um cursinho pré-vestibular, para depois cursar

Engenharia Naval, mas passei no vestibular. Em 1966 eu comecei a fazer a faculdade e comecei a trabalhar também. Quando cursei História na PUC/SP, no Sedes Sapientiae, comecei me apaixonar por História, comecei a trabalhar e já recebi proposta para dar aula de História numa escola particular e, em seguida, numa escola da rede estadual. Eu comecei dar aula aos 20 anos, em 1967 e à medida que eu fui trabalhando eu fui me envolvendo cada vez mais com o magistério. Fui me apaixonando pelo nosso trabalho e pretendia continuar dando aula.

Ao se ater ao projeto da mãe e incentivo da irmã, a possibilidade de ingressar no ensino superior iniciou-se quando foi aprovada no vestibular. Para Marias (1970/1971) a possibilidade de superação é determinada pela presença do futuro como algo que falta, nesse sentido é relevante ressaltar que a decisão de Silvana foi influenciada pelo que naquele momento refletia o que sua mãe preconizava como futuro para as filhas: *“Ela falava que se algum dia não desse certo o casamento, cada uma de nós teríamos independência, não ficaríamos dependendo do marido a vida inteira”*.

A mãe, ao projetar a formação profissional das filhas, buscou a superação da própria condição, que, embora sem acesso ao conhecimento formal, sabia ler e escrever: *“Minha mãe sabia ler e escrever, mas não teve escolaridade, foi uma irmã mais velha que a ensinou”*. Seu pai, também sem escolaridade, sabia ler e escrever, mas discordava de sua mãe quando o assunto era o estudo das filhas; seu pensamento refletia o contexto da época:

Meu pai também, uma pessoa sem escolaridade, mas muito culto. Ele lia demais e mesmo assim não dava valor para mulher que estudava, mas aceitou e nos ajudou, se era isso que a gente queria, que nós tivéssemos, que nós realizássemos o sonho. Outros pais de amigas minhas não, cortaram definitivamente.

Conforme afirma Marias (1970/1971), nos diferentes momentos históricos e sociais em que a pessoa se encontra, a realidade pode se configurar como possibilidade ou impossibilidade. Nesse caso, embora a realidade na qual Silvana se

encontrava pudesse parecer difícil, ela foi convertida em possibilidade; instalada na *condição sexuada*, superou os determinantes históricos e sociais que definiam sua existência. Em 1966, enquanto as mulheres raramente estudavam ou exerciam uma atividade profissional, ela era admirada por outras pessoas pelo fato de que, aos 19 anos, paralelamente aos estudos no curso superior de História na PUC/SP, também trabalhava.

Aos 19/20 anos, eu trabalhava, estudava, cursava faculdade de História na PUC/SP. Na época o pessoal me admirava porque eu estava na faculdade, não é que nem hoje que, graças a Deus, todo mundo quer cursar uma faculdade, na época não era qualquer um. Tive uma amiga que o pai não deixou fazer faculdade, nem o clássico, fez o ginásio e acabou. Não podia, mulher não devia estudar. Meu pai também pensava assim.

Quando estudante do curso de História, ora atuava no papel de professora-substituta, ora trabalhava no armazém ao lado do pai.

Durante o dia eu ajudava meu pai no armazém ou eu era chamada para substituir alguma professora na escola perto de casa. Já era como rotina mesmo de trabalho, admitida. Eu vinha para uma escola no centro da cidade, dava aula, chegava em casa, ia à faculdade, voltava e já ia dar aula de novo. Na madrugada eu fazia meus trabalhos. Foi sempre assim, minha rotina sempre foi trabalho e estudo.

Entre 1968 e 1969, no papel de estudante universitária, embora não compreendesse as circunstâncias históricas e sociais da época, menciona sua participação nos Movimentos Estudantis. É importante ressaltar que a vinda para São Paulo provocou metamorfoses. A filha e aluna obediente, na década de 1960 escolhe cursar História na PUC/SP e decide participar dos movimentos estudantis; suas ações consistiam em rebeldia para o pensamento da época: pulava muro, fugia da polícia, dedicava-se à leitura de autores censurados pelo regime militar.

Participava dos movimentos estudantis, da disputa entre a UNE e o CCC, no Mackenzie X USP, entre 1968 e 1969, foi nessa fase, no meio de molotov. Eu tinha esse espírito de pular muro fugindo da polícia. Tinha uma professora-madre que pedia para encapar os livros de preto. Na ocasião, estudávamos Caio Prado, Celso Furtado, tinha aquele receio de ser pega lendo estes autores.

A Silvana-rebelde, além de ampliar a consciência social e política a respeito do que acontecia no país e no mundo tomava consciência de si: *“Eu tinha acabado de chegar do interior, parecia que tinha um cabresto”*.

Os estudos de Ciampa (1998) contribuem para compreender que ao buscar a superação ocorre a metamorfose da identidade pressuposta. As mudanças ocorriam concomitantemente na consciência, na atividade e na identidade de Silvana: da obediência à rebeldia.

Quando narra que da sua família de origem foi a única que escolheu participar dos movimentos políticos, reconhece que foi pela sua atividade que tornou-se diferente, em suas palavras: *“Quem saiu fora fui eu”*. Ao rebelar-se, diferenciou-se por agir e viver a *minha vida*. Para Marias (1947/1985), viver implica encontrar-se no mundo para nele agir e viver.

A família ficava desesperada, minha mãe chegou a pedir pelo amor de Deus, só faltou ajoelhar no chão, para eu não participar dos movimentos estudantis, mas eu não era um elemento de liderança, nada disso. Na minha família eu era tida como ovelha negra, eu era a única que participava desses movimentos, que tinha essa visão. A minha irmã mais velha, e hoje, as menores, as mais novas; todas bem naquela característica de burguesia mesmo. Quem saiu fora fui eu. Sou filiada ao Partido dos Trabalhadores, faço meu trabalho, já fiz militância, hoje nem tanto em função da minha vida particular, das dificuldades de tempo, mas sempre que é possível ainda vou. É uma coisa que eu gostava demais.

Em 1970, aos 23 anos, paralelamente ao papel de professora na rede estadual de ensino, ajudava a diretora nas atividades da secretaria da escola.

Incentivada por uma das irmãs, relata que decidiu participar do concurso público para direção de escola estadual.

Eu comecei dar aula e já ajudava a diretora na secretaria. Surgiu um concurso para diretores, a primeira inscrição eu não pude fazer. Na segunda inscrição minha irmã conversou muito comigo e me incentivou, foi quando eu prestei o concurso para direção de escola, isso em 1970, eu já tinha 23 anos. Foi a minha quarta irmã. No edital do concurso foi exigido licenciatura plena.

Da obediência à rebeldia age em busca da concretização das escolhas que fez, ora desobedecendo à determinação da mãe, ora concordando com a indicação das irmãs.

Sua atividade no papel de aluna universitária no curso de História na PUC/SP, na década de 1960, contribuíam para diferenciar-se ainda mais e superar a identidade pressuposta de boa filha, boa aluna, obediente e ajudante.

A superação do papel assumido perdura nas ações como diretora de escola pública.

Diretora-designada

Aprovada no concurso, comenta que foi designada para assumir o cargo de diretor, mas não pôde escolher a escola na qual atuava no papel de professora.

Como eu fui aprovada, enquanto aguardava ser chamada, a Secretaria Estadual de Educação permitiu que os concursados aprovados fossem designados para assumir a direção de escola. O supervisor da escola me levou à delegacia de ensino, quando chegou lá já estava pronta a declaração de que eu aceitava a direção da escola. Aquilo me pegou de surpresa. Fui aprovada no concurso para diretor de escola pública e não pude escolher a escola em que iria trabalhar, gostaria de ficar na escola que eu já dava aulas, mas uma outra pessoa, com maior classificação escolheu a minha escola.

De 1970 a 1973, no papel de diretora-designada, menciona o que fez para montar um coral na escola, que incluiu todos os alunos da escola.

De 1970 a 1973, respondi pela direção de escola designada pela Secretaria Estadual de Educação, até que a diretora concursada assumisse. Nesse período conseguimos montar um coral na escola. Uma professora tinha um piano de cauda na casa dela e emprestou para a escola. Um professor, que era maestro, veio me pedir aula; naquela época nós atribuíamos aula na própria escola, critério nosso. A gente fazia uma inscrição, mas aquele professor que a gente acreditava que se adequasse mais à realidade nossa, ao pensamento da gente, a gente atribuía aula. Esse professor hoje é um famoso maestro, muito famoso na cidade. Ele veio, se apresentou na escola e fez a inscrição e eu, conversando com ele, falei do meu sonho de um coral, de ter uma fanfarra na escola. Ele conversou bastante comigo e eu vi que seria muito interessante se ele fosse contratado. Eu o contratei para 4 aulas só, com o compromisso de nessas 4 aulas ele dar aula de música para os alunos e montar um coral. Ele conseguiu um coral maravilhoso e depois nós fomos ampliando as aulas dele. Ele trabalhava o coral com todas as classes, nenhum aluno ficou de fora.

O recurso financeiro disponível na escola era insuficiente para a concretização de suas pretensões, tendo em vista a melhoria das condições de ensino e aprendizagem. Silvana-diretora-designada menciona que na década de 1970, embora não fosse obrigatório, havia diretores de escola que cobravam dos pais, no ato da matrícula dos filhos, um valor destinado à APM¹². No papel de diretora, sua ação se diferenciava por não permitir que o pagamento fosse vinculado à matrícula e também por conversar com os pais e solicitar a colaboração daqueles que podiam ou queriam contribuir. Essa atitude revela a coerência nas suas ações e a clareza em relação à responsabilidade da Secretaria Estadual da Educação sobre os recursos físicos e materiais das escolas.

Recurso a gente nem tinha muito na escola, tinha a APM, mas na época, em 1970, não era obrigatório o

¹² Associação de Pais e Mestres

pagamento, era só quem queria ou podia. Todas as escolas cobravam no ato da matrícula. Dependendo de quantos filhos a família tinha na escola, tinha um desconto. Havia escolas que vinculavam o pagamento com a matrícula do aluno. O pai ia pagar no banco, fazia o depósito e apresentava o comprovante na secretaria da escola. Nas escolas em que eu trabalhava não permitia que o pagamento da APM fosse vinculado à matrícula, depois nós conversávamos com os pais e quem queria ou podia dispor daquele dinheiro, colaborava e quem não podia pagava. Colaborar era o termo que nós utilizávamos, as outras escolas utilizavam o termo pagar a APM. O dinheiro da APM colaborava com o uniforme para o aluno, era para isso que eu queria a verba da APM, não era para colaborar com conserto de cadeira, coisas que a Secretaria Estadual de Educação tinha obrigação de fazer, mas se vou fazer um Coral, precisa de vestimenta dos alunos que participavam do desfile cívico de 07 de setembro. Hoje em dia se estivesse em uma escola eu não cobraria pagamento para a APM, não sou a favor disso. Hoje eu sei que nós podemos fazer um trabalho numa escola sem cobrar dos pais.

Diretora-titular

De 1973 a 1976, no papel de diretora-titular, escolheu uma escola localizada em outra cidade, distante de onde sua família de origem morava. Além das marcas históricas e sociais do período em que no Brasil predominava o regime militar, no primeiro contato com a realidade escolar diz que se assustou ao constatar a situação de abandono que a escola se encontrava.

Escolhi para atuar como diretora titular uma outra escola, em outra cidade, longe da cidade onde minha família morava. Eu fui para lá em 1973, tinha 26 anos, fiquei até 1976. Na época ainda refletia na cidade o período de estadia do Lamarca, que tinha ficado por muito tempo lá e tinha o ex-diretor dessa escola que era tido também como comunista por apoiar o Lamarca. A polícia ficava muito em cima, a gente era parado na estrada por causa disso. Em um domingo, fui conhecer a escola e fiquei impressionada, não gostei do que vi, a escola estava muito abandonada, muito abandonada mesmo. Pelo nosso conhecimento com os habitantes de lá,

as pessoas jovens iam até escola nos finais de semana, era um motel na região. Escola totalmente aberta.

O Delegado de Ensino na época do fato ocorrido se assustou e ficou preocupado com sua pouca idade no papel de diretora naquela situação. É importante apontar que o processo de politização pelo qual passou, quando no papel de aluna no curso de História, ao ler autores censurados pelo regime militar e participar dos movimentos estudantis ampliou sua consciência crítica, que contribuiu para relacionar-se com a comunidade escolar sem sofrer perseguições do governo.

Quando me apresentei ao Delegado de Ensino, ele ficou muito preocupado e falou assim: “Mas é uma menina”. E se assustou, exatamente pelo abandono que estava a escola, preocupado porque pensava que eu não daria conta de fazer um trabalho lá. Assumi a direção e esse espírito de, eu não sei te dizer, meio socialista eu levei para a escola e nunca tive problema lá dentro, nessa parte do governo, de perseguição, nada, nada, nada. Tinha uma ótima relação com a comunidade que até hoje quando eu encontro algum pai de ex-aluno eles ainda falam sobre ocorrências na escola, das lembranças e de como gostavam da escola e de mim.

A relação social apreendida na infância junto às irmãs e amigos foi reiterada no convívio com alunos, em alguns casos mais velhos do que ela. O aluno, visto como sujeito humano, era tratado com igualdade, respeito, acolhimento e disciplina a partir as circunstâncias históricas e sociais possíveis na época.

Eu gostava demais do contato com o aluno. Eu tinha 26 anos e convivi até com alunos mais velhos do que eu. A convivência, eu não sei como te dizer, mas a minha convivência com os alunos era de igual para igual. Tinha uma ótima relação com alunos, eu vivia a vida deles. Participava dos movimentos, desfiles cívicos da cidade junto com os alunos. Eu respeitava o aluno, eu conhecia os desejos dele, mas eu também exigia uma disciplina, uma ordem na escola, até meio pesada, pela época, em plena ditadura, não era como hoje que a gente entende e enxerga o jovem de forma diferente.

Da convivência com os professores, relata que apesar das diferenças ideológicas, havia respeito mútuo.

Nunca tive problemas com os professores, com a equipe profissional, sempre fui muito bem quista, sempre quis muito bem a equipe. Têm alguns professores que a gente discordava da ideologia, sempre teve, mas dentro da escola nós nos respeitávamos. Tanto eu quanto a eles, eles quanto a mim.

Com os professores, o relacionamento não se restringia ao espaço e tempo escolar. Aos sábados, após o horário de trabalho, estreitavam as relações sociais.

Era década de 70, trabalhávamos aos sábados só no período da tarde, noturno não. Eu e os professores saíamos da escola às 19h30, mais ou menos, e a gente ia ao restaurante, hoje é Karaokê. Na época não falava esse termo, mas a gente ia ao palco, pegava o microfone e fazia o karaokê de hoje. Sempre a turma da escola, se juntava com professores de outra escola e saíamos, dizíamos que era uma escola irmã.

A atividade diária de dirigir-se a um barzinho em companhia de sua quarta irmã e uma ou duas professoras reitera as relações sociais estabelecidas na infância e na adolescência sempre em companhia das irmãs e amigos. Na adolescência a atitude de conversar com as pessoas que tomavam o mesmo trem para ir à escola também é reiterada na situação quando nos barzinhos conversava e fazia amizade com outras pessoas.

Eu, minha quarta irmã e a professora Maria saíamos da escola todos os dias às 23h, íamos a São Paulo tomar chopp, ainda era a Rodovia Presidente Dutra antes de ser reformada. Na Dutra Velha, como a chamávamos, tinha uma banca de frutas, onde eu, a Sandra, minha irmã e uma ou duas professoras que faziam parte do grupo; comprávamos frutas e íamos comendo até chegar a um barzinho lá em São Paulo. Tomávamos chopp, nem sei se hoje em dia é Cristal, na época era Cristal. Copo menor era Cristal, o maior chamávamos de Maracanã. Hoje não sei

como se chama. Tomava chopp, conversava, fazia amizades com as pessoas, com os jovens que estavam ali e depois pegava o carro e vinha embora. Foi uma vida bem agitada.

Durante a semana, Silvana-diretora menciona que considerava importante participar de jantares oficiais com autoridades do município e enfatiza que era uma atividade “sempre ligada no profissionalismo”.

Tinha muitas vezes um jantar no serviço, um convite para jantar. Naquela época, diretor de escola pública era autoridade, era importante na cidade, nós éramos convidados para um jantar com o prefeito, um evento, para tudo isso a gente era convidado. Como uma autoridade a gente ia, sentava à mesa com as pessoas importantes lá do evento. Isso era parte de rotina, mas sempre ligada no profissionalismo. Eu gostava, gostava, achava importante, eu me “achava”, no termo da gíria, sentada à mesa de autoridades, isso sim, mas ia sempre como uma obrigação, como um compromisso profissional.

Se no papel de diretora-designada solicitava apenas colaboração financeira aos pais, na circunstância em que atuava como diretora-titular diz que a festa junina e a festa do sorvete garantiam o recurso financeiro necessário para comprar uniformes, homenagear alunos e realizar consertos no prédio escolar.

Realmente nós não cobrávamos nada, nem colaboração, nada, nada, nada dos pais dos alunos. Ganhávamos os recursos fazendo festa na escola, era sempre esse recurso que a gente usava para uniforme e até mesmo homenagear aluno, para fazer conserto.

Desde as primeiras experiências junto à família de origem, quando em parceria transformavam tecidos e sabugos de milho em bonecas, latinhas em panelinhas, no papel de diretora também fez parcerias com os professores, comunidade e coletivamente imaginavam e concretizavam ações com a intenção de arrecadar recursos financeiros para viabilizar o projeto pedagógico.

Os membros da APM se reuniam junto com os membros do Conselho de Escola para determinar para o próximo ano o que gostaríamos, que metas queríamos atingir. Uma das metas versava sobre compras, sempre visando o pedagógico. É um telão? Então seria aprovada a compra do telão, iríamos trabalhar, fazer a nossa festa junina ou do sorvete ou alguma outra. Todos nós trabalhávamos, com os pais da APM, da comunidade e alunos, fazíamos aquela festa enorme para arrecadar recursos para comprar o telão. Por 6 anos sempre foi assim, era tudo na boa vontade mesmo, na disposição, no amor que eles tinham pelo que estavam fazendo e o nosso compromisso de sempre ajudar para que a coisa desse certo.

Instalada temporalmente, Silvana fez um balanço vital das ações decorrentes da atuação no papel de diretora e se percebeu “avançada para a época”.

Eu era tida como uma diretora muito avançada para a época. Sempre fui considerada assim por todo mundo, com esse avanço, mas eu não acreditava, nunca parei para pensar nisso, estou te dizendo hoje, porque hoje eu faço uma retrospectiva, uma análise da minha vida. Hoje que eu imagino como era aquele período, para mim isso era normal, diretor tinha que ser assim, diretor tinha que conviver bem com a comunidade, com os alunos. Se tinha uma festa na escola, diretor tinha que estar presente, diretor tinha que dançar com aluno. Não que era obrigação, eu fazia isso por prazer, eu achava isso normal e natural.

Ao olhar retrospectivamente para as circunstâncias que constituíram a *minha vida*, o conteúdo acumulado foi trazido à lembrança e narrado no momento presente, dentre as facilidades e dificuldades que se converteram em possibilidades, cabe esclarecer o que Silvana imaginou e escolheu para o seu próprio viver. É ela mesma quem diz: *“Eu não tinha muita vontade de casar não, o meu projeto de vida era trabalhar, era toda essa independência”.*

Instalada corporalmente, tornou-se professora, posteriormente diretora. Em 1977 assumiu a coordenação de um dos grupos regionais para expansão da rede física das escolas públicas estaduais.

Em agosto de 1977 fui convidada pela equipe central de São Paulo, para trabalhar no Grupo Regional para Expansão da Rede Física realizada pela Secretaria Estadual de Educação.. O projeto consistia em rever todos os prédios da rede estadual de ensino desta região, o número de alunos, de onde esses alunos vinham, a origem desses alunos, quantas salas de aula e se havia a necessidade de ampliar ou de realizar novas construções. Onde havia escola que funcionava 5 períodos deveriam ser construídos mais prédios, por isso que era expansão da rede física. De acordo com os estudos que nós fizemos, muitos prédios foram propostos na ocasião como Assistente Técnica de Planejamento do CIE – Centro de Informações Educacionais.. Coordenei os grupos de diretores da região “(...)”. Terminando essa fase da implantação do projeto eu fui convidada, indicada, para representar a região em São Paulo. Era lá no prédio da Piratininga que se reunia a coordenação estadual da Rede Física.

Em 1985, ao escolher retornar ao cargo de diretora, em companhia de outros colegas e funcionários, articulou-se politicamente e, em dois meses, foi promulgada uma lei complementar concedendo o direito de regressar ao cargo. Em dezembro de 1985 solicitou o retorno ao cargo de diretor de escola, em abril de 1986; deferido o pedido, assumiu a direção da escola onde permaneceu até a aposentadoria, que aconteceu em fevereiro de 1994.

Em outubro de 1985, muitos dos funcionários que em janeiro de 1979 haviam feito opção para a transformação do cargo de Diretor de Escola em Assistente Técnico de Ensino pretendiam, como eu, retornar ao cargo de Diretor de Escola. Para isso iniciamos um movimento, quando da elaboração do novo Estatuto, procurei um Deputado Estadual, amigo meu, que junto com mais dois colegas meus e funcionários na mesma situação, levou-nos à presença do Governador Franco Montoro que nos ouviu e prometeu estudar nossa reivindicação. Em 27 de Dezembro de 1985, o Artigo 10 da Lei Complementar 444 deu, a quem interessasse, o direito de opção para o retorno ao cargo anterior. Imediatamente entrei com a documentação necessária para retornar ao cargo de diretor de escola. Em 28 de Abril de 1986 foi deferida a minha

solicitação de retorno ao cargo de Diretor na escola (...) onde permaneci até a aposentadoria, em 1994.

Das situações narradas por Silvana que se constituíram como possibilidades é que ela escolheu e se fez. Embora tenha imaginado e agido a partir do que lhe era apresentado, ela não se considera responsável pelas próprias escolhas e atribui a consequência a fatores externos. Veja o que diz:

Eu vou te dizer, acho que não fiz muito projeto de vida, eu fui um pouco influenciada, ou pelo destino, porque tinha de ser, ou pela quarta irmã, hoje falecida, que trabalhava comigo na escola como escriturária. Isso é uma coisa que eu agradeço ao meu destino, agradeço a Deus, eu sou religiosa, o que acontece na minha vida é porque as propostas surgem, eu não vou atrás, nunca precisei ir atrás de nada.

Embora sua escolha profissional, ingresso no ensino superior e na direção de escola tenha tido sob a influência de sua família de origem, foi a própria Silvana quem imaginou e agiu para viver a *minha vida*. No seu relato é possível perceber as transformações nos papéis assumidos: de filha obediente a rebelde, de aluna obediente e ajudante a aluna que transgride e, finalmente, a diretora que na década de 1970 envolvia pais e alunos para opinar e participar coletivamente das ações desenvolvidas na escola que tinha como foco a inclusão dos alunos.

VIDA SENTIMENTAL

No momento presente, ao olhar retrospectivamente para as circunstâncias que constituíram sua vida profissional, ao tomar consciência do quanto se dedicou ao trabalho, diz: *“Sempre trabalhando muito, sempre, sempre. Hoje eu vejo como que minha cabeça era, é difícil a minha vida sentimental”*.

No relato de Silvana, é possível perceber a interpretação que fez das determinações históricas e sociais da época em que viveu a adolescência e a

juventude. *Instalada* na condição sexuada, partia do que era estabelecido pela *têmpera*, regulada de acordo com o aceitável na sociedade em que viveu. Como ela mesma diz:

Quando tinha 14 anos arrumei um namorado. Todos os bailes que tinham no clube da cidade eu ia, sempre gostei muito de dançar. O meu primeiro namorado morava em outra cidade, ele ia todo domingo à tarde para a cidade onde eu morava, encontrava comigo e namorávamos no jardim sem nem pegar na mão, que não podia. Ele tomava o trem que passava às 20h20, eu ia com ele até a estação e ele ia embora. E eu? Normalmente voltava para o jardim, eu não era de ir para casa.

Aos 17 anos, suas atitudes eram coerentes com a *têmpera* dominante naquela circunstância. Frequentava os mesmos ambientes, como ela diz, que “*a sociedade*” frequentava. Ia aos bailes, paquerava e era paquerada.

Eu adorava dançar, eu ia todo fim de semana ao baile. Na época era onde o pessoal de ‘bem’, vamos dizer assim, a sociedade, frequentava. Nós íamos também aonde os estudantes iam. Nós íamos aos bailes e sempre paquerando, sempre paquerando. Eu tinha muita consciência de que eu era paquerada, que eu era bonita, hoje não, mas na época eu tinha 17 anos.

Com as amigas e irmãs ia ao cinema na sessão dos jovens, em seguida iam à praça, na expressão da própria Silvana, fazer o “*footing*” e “*flertar*”.

Eu ia ao cinema com as minhas amigas e com as minhas irmãs na sessão dos jovens, às 19h. Saía do cinema e ia para a praça, para o jardim. Lá que a gente ia flertar, que era o que falava na época, ficava dando volta, fazia o footing, depois ia dormir.

Embora Marías (1970/1971) afirme que a *têmpera* dominante em cada circunstância pode ser superada pelo indivíduo a fim de se diferenciar e enfrentar o que é estabelecido socialmente, Silvana, na adolescência, ao guiar sua vida a partir

da têmpera dominante, escolheu não se diferenciar e conseqüentemente não superar as determinações históricas e sociais presentes na década de 1960.

Foi na fase adulta, na década de 1970, que ela buscou a diferenciação, quando agiu em busca da superação da têmpera dominante. Ela viajava, trabalhava, ia aos bares e restaurantes, namorava; nas suas palavras:

Eu não parava muito com um namorado, eu saía muito, eu passeava demais. Eu sempre gostei muito de namorar, de paquerar, eu era muito namorada e paquerada. Eu namorava, mas encontrava meus namorados mais no fim de semana, durante a semana nos v amos rapidinho, mas não fazia parte para mim na semana esse tipo de coisa.

De 1971 a 1973, durante 3 anos namorou com um organista profissional. Embora mencione que gostava muito dele, traz   lembrança o momento em que decidiu romper o relacionamento.

Eu tinha desmanchado com um rapaz que era muito apaixonado por mim. Eu namorei com ele por uns 3 anos, mais ou menos, dois, quase três, terminei porque eu não estava muito a fim mesmo, embora eu gostasse demais dele. Eu achava que ele dependia muito de mim, eu falava: “eu não sou sua mãe”. Ele não tinha mãe, tinha uma madrasta. Eu acho que eu sentia isso, que ele dependia muito de mim.

Interessante ressaltar que na infância assumira o papel da irmã que ajudava e cuidava; na fase adulta, enquanto namorava o organista ao tomar consciência que desempenhava o papel de mãe, que também ajuda e cuida, decide romper o relacionamento que poderia contribuir para manter a identidade pressuposta: Silvana-cuidadora.

Após romper o relacionamento com o organista profissional, num dos finais de semana de novembro de 1973, conta que decidiu permanecer na cidade em que trabalhava no papel de diretora para ir a um baile, foi quando conheceu um rapaz por quem se apaixonou.

Na época, em novembro de 1973, a escola em que eu trabalhava ficava em uma cidade distante da qual eu morava. Estava cansada de viajar todo final de semana. Eu ia e voltava [de uma cidade a outra] até que um dia resolvi ficar para ir ao baile. No baile, conheci um rapaz e de repente me apaixonei e ele também se apaixonou por mim. Foi muito bonito no dia. Fomos dançar, ele não gostava de dançar, voltou. Eu pedi que ele acendesse o cigarro. Ele não acendeu o meu cigarro e eu falei que ele não era cavalheiro. Ele disse se eu ainda era desse tempo, tão atrasada. Eu falei que isso nunca vai cair, o cavalheirismo.

Na circunstância em que se conheceram, Silvana menciona que por cuidar e ajudar um professor alcoolizado, fez com que o rapaz se apaixonasse por ela.

Teve um professor da escola que bebeu e bebeu muito. Eu falei: “Vamos levá-lo para casa”. Saí da festa com o professor abraçado em mim e levei-o para a casa dele, tirei o sapato dele, deitei-o na cama e esse rapaz foi junto comigo. Ele disse que se apaixonou por mim ao ver o cuidado que eu tinha tido com o professor, que se fosse outra pessoa o teria abandonado e comentou: “Onde já se viu um professor beber daquele jeito”.

Entre os meses de novembro de 1973 e fevereiro de 1974 tornaram-se namorados, noivos e pensavam em se casar.

Isso foi em novembro e nós ficamos juntos até fevereiro, Foi com ele que eu pensei em me casar, cheguei a aceitar a me casar com ele.

Em fevereiro de 1974, o noivado foi interrompido pelo acaso, que inesperadamente adentrou *minha vida* provocando mudanças no projeto inicial: o casamento.

Em fevereiro ele sofreu um acidente. Na ocasião, perdi meu noivo num acidente. Eu ia fazer 27 anos em março de 1974, meu noivo faleceu em fevereiro de 1974. No carnaval, ele capotou o carro e faleceu na hora.

Na filosofia de Marías (1947/1985), quando o acaso afeta e modifica a vida biográfica, pode ocorrer a passividade ou o movimento. Acometida pela angústia, a *instalação corpórea* foi afetada, o que contribuiu para que escolhesse a passividade: *“Fiquei um mês de licença, quase um mês, antes de terminar, eu voltei ao trabalho”*.

Além de afastar-se das atividades profissionais, a situação por ela vivida provocou mudanças em sua maneira de ser:

Depois desse fato eu me fechei bastante, depois eu comecei a viajar mais. Eu já não tinha mais esse prazer, aquela personalidade mais vibrante, alegre e falante, mudei totalmente. Eu fiquei fechada, eu não era mais de conversar, eu até saía, mas não era mais de conversar.

Em um dos momentos, quando procedi à devolutiva dos dados da sua história de vida, ao ler a parte da própria narrativa que se referia à referida situação, disse: *“Minha parte preferida da vida, de tanto que eu gostei dele”*.

Enquanto relata as circunstâncias em que o noivo faleceu, no momento presente, ao informar sua idade, diz espantar-se quando se lembra que tem 61 anos. É quando, com maior profundidade, toma consciência dos dias transcorridos desde o seu nascimento até o momento da vida em que se encontra. Nas palavras de Marías (1947), cada etapa da vida é única, o que não se fez na infância, na adolescência não se fará; esse processo é denominado pelo autor como data biográfica, limitada pela primeira data, que corresponde ao nascimento, e a última, que se refere à interrogação da data da morte, que caracteriza a *finitude* da vida biográfica.

Na época, 1974 eu tinha 27 anos, ele [o noivo] tinha 24 anos. Eu sempre fui muito criança, eu nunca, sinceramente, acompanhei a idade. Hoje eu tenho 61, mas eu me espanto quando lembro que tenho 61 anos. Quando

você perguntou a minha idade, 61, você não percebeu, mas eu sinto um choque toda vez que eu falo. Eu tenho que pensar, porque eu não tenho 61, tenho certeza absoluta. Tem 61 de vida que eu vivi, que eu nasci, mas não de mente. Eu ainda tenho 61 como velho, ainda carrego aquilo de criança, uma pessoa de 60 anos era um bisavô já, uma bisavó. É realmente, 61 anos não é só ter 61 anos, não é? É acordar e dormir 61 anos. Foram 61 anos de muita vida, muita coisa feita, muita alegria, muita lágrima, muitos momentos maravilhosos, muitos momentos terríveis, muitos momentos tristes. Mas foram momentos de vida. Eu vivi, até agora, 61 anos.

A morte do noivo configurou-se em uma circunstância desfavorável que contribuiu para que Silvana renunciasse à pretensão de estabelecer relacionamentos amorosos.

Eu não queria namorar ou se namorava não tinha continuidade. Isso para mim, eu não percebia, depois de muitos anos é que eu percebi que se eu gostava de um rapaz eu desmanchava e se eu não gostava eu desmanchava do mesmo jeito. Namorava, mas não durava muito tempo. Eu vivia normalmente, passeava, namorava, viajava, depois de muito tempo é que eu percebi que eu não me dava o direito de construir a minha vida com outra pessoa, de jeito nenhum. Eu estava com medo da perda, isso me fechou para a vida por muitos anos.

Frente ao medo de amar e novamente perder, instalada na condição amorosa, aos 29 anos decidiu restabelecer o relacionamento com o organista profissional, mas não assumiam o namoro.

Eu me reaproximei e me reapaixonei pelo organista profissional. Ficamos nesse chove não molha anos e anos. A gente não voltava a namorar, eu acho que ele tinha medo. De vez em quando a gente se encontrava e ia ao cinema, mais era jantar fora. Ele gostava muito de jantar fora, gostava de baile. Ele tocava piano, de vez em quando eu o acompanhava em algum lugar que ele estivesse tocando.

De 1977 a 1986 o relacionamento com o organista foi mantido entre brigas e reconciliações.

Por muitos anos foi isso, enquanto eu fiquei com ele era mais ou menos assim. Quando eu começava arrumar um namorado, um paquera, ele aparecia e eu mais do que depressa já largava do outro, daquele paquera, do namoro que estava iniciando e já voltava com ele, 15,20 dias depois, pronto, eu já levava o fora. Fora não, mas ele já sumia, ia cuidar da vida dele. A minha primeira experiência sexual foi com ele. Não sei se é uma questão de confiança ou o que foi. Eu já tinha meus 30 anos, 30 e tantos anos.

Em 1986, no papel de diretora, ao ser removida para uma escola estadual na qual permaneceu até a aposentadoria, menciona que no primeiro dia de trabalho conheceu o professor Márcio.

Em 1986, logo que cheguei à escola para a qual fui removida, fiquei três dias cuidando dos documentos na secretaria. Fui conversar com os professores e quando eu voltei à secretaria, a assistente da escola falou se eu podia dar carona para o professor Márcio. Eu o tinha visto descendo a escada naquele dia, achei ele muito estranho, mas eu dei carona para ele, porque eu voltava tarde da noite, sozinha, e era uma companhia para mim.

Quando o professor Márcio a convidou para ir a um barzinho, Silvana, aos 39 anos, reitera o papel de filha obediente e justifica que não aceitava o convite porque não havia avisado sua mãe. No outro dia, quando ele novamente a convidou, mesmo sem ter avisado a mãe, escolhe aceitar o convite.

Nesse mesmo dia, primeiro dia que eu conversava com ele fora da escola, ele me convidou para ir a um barzinho. Eu falei que não podia ir porque não havia avisado a minha mãe. Foi a maior gozação, porque eu, com a minha idade, ainda tinha que avisar a mãe que eu ia sair. Eu expliquei a ele que ela era de idade e iria se preocupar se eu não avisasse. No outro dia, novamente dei carona para ele,

esqueci-me de falar para ela. Não tinha avisado minha mãe, não vou de novo? Fui mesmo assim porque eu não ia aguentar outra gozação.

Ainda enamorada pelo organista profissional, escolheu manter com o professor Márcio uma relação de amizade; conversava diariamente com ele.

A gente começou a fazer amizade, mas na época eu gostava muito do organista com quem eu tinha retomado o namoro, o namoro que não era namoro, não é?! Eu só conversava com o Márcio, ele era professor, ele não era psicólogo, mas ele conhecia muito psicologia, conversávamos muito, eu falava para ele: “é quase como se fosse uma terapia de graça”. A gente foi se conhecendo, se conhecendo, todo dia eu dava carona para ele e sempre conversando.

Na escola compartilhavam opiniões e ações para organizar e transformar as condições da realidade escolar. A parceria estabelecida nas relações sociais na infância, na adolescência e vida profissional é reiterada no relacionamento com o professor Márcio.

Na escola, o principal foi isso, ele tinha já uma visão muito avançada e me deu as mãos para a gente fazer o trabalho que eu queria organizar, fazer a escola crescer, trazer projetos diferentes para a escola, sair daquela mesmice.

As dependências da escola estavam sujas, alunos permaneciam mais tempo fora do que dentro da sala de aula. Silvana relata que ficou indignada com o que viu. Para organizar a escola contou com a ajuda do professor.

Era uma escola suja, uma escola que quando você chegava você via mais alunos nos corredores e no pátio do que dentro de sala de aula. Eu não aceitava aquilo, minha vontade era colocar a escola em ordem. A palavra ordem é ruim, eu não gosto dela, mas organizada com aulas, com ensino. Ele me ajudou muito, e nisso a gente foi se conhecendo.

Concomitante ao relacionamento profissional e social com o professor Márcio, entre brigas e reconciliações mantinha o relacionamento amoroso com o organista, até que um dia percebeu que seus olhares, gestos e desejos eram lançados em direção ao professor Márcio.

E foi isso, essa amizade, todo dia a gente saía, ia a um barzinho, saía com um grupo de amigos e foi indo até quando eu saí com o organista profissional e vi que eu não gostava mais dele, eu era mais voltada para o Márcio.

Instalada na condição amorosa, acompanhava Márcio em barzinhos na militância política.

Ele [Márcio] não gostava de dançar, na época, ele era alcoólatra, ele bebia demais, eu o acompanhava nos barzinhos, nos botecos. Na convivência petista, fazia toda militância, era amigo do pessoal, amigo de todos eles, era amigo. Era um rapaz de muita inteligência, muito culto, mas bebia demais, por isso muita coisa na vida dele, profissional, ele, do meu ponto de vista, ele perdeu. No ponto de vista dele não, mas do meu ele perdeu oportunidade de hoje estar muito bem na vida, se não fosse a bebida.

Ao assumir o relacionamento amoroso com Márcio, menciona que escolheu não mais viajar e participar de festas e bailes; suas atividades sociais ficaram restritas às escolhas de Márcio: “*Eu o conheci em 1986 e parei de ir aos bailes, festas. Era uma vez ou outra um cinema, um teatro, era mais barzinho, era o que ele gostava*”.

Da boa filha, obediente, que, na década de 1960, *instalada na condição sexuada*, namorava de acordo o que era aceitável socialmente, na juventude, mais precisamente na década de 1970, agiu no sentido de superar a têmpera dominante, até que o acaso adentrou *minha vida*, e ela escolheu a passividade. Por medo de amar e sofrer escolheu renunciar à possibilidade do enamoramento.

Ao enamorar-se por Márcio, *instalada na condição amorosa*, decide afastar-se da vida social, seus olhares e gestos eram dirigidos a ele. Quando narra o

relacionamento assumido enfatiza: *“Eu fiquei mais firme numa relação, mais firme. Eu nunca me casei, nunca me casei”*.

FAMÍLIA CONSTITUÍDA

Em 1988, aos 41 anos, como ela mesma diz, firme na relação com Márcio, torna-se mãe e escolhe dedicar-se aos cuidados da filha: amamentava, dava banho, levava ao parque, ao pediatra, passeava. Na época morava com a mãe que a ajudava, mas é ela quem se responsabiliza pelo papel de mãe cuidadora.

Em 1988 eu engravidei. Eu ia fazer 42 anos quando ela nasceu, não viajei mais, me dediquei mais a ela, só a família, a ela. Eu dei uma parada com isso porque eu tinha um nenezinho para cuidar. A dedicação era cuidar da minha filha, ela mamou até os 3 anos no peito, cuidava da minha filha, passeava, saía com ela, eu que levava ao parquinho, ao pediatra. Eu fiquei de licença, eu cuidava da criança. A minha mãe me ajudava, eu morava com ela, ela me ajudava, mas a responsabilidade mesmo de estar com a criança, de cuidar, de ver, de dar banho era toda minha. Minha mãe lavava a roupa do nenê quando eu não lavava, porque até isso eu fazia.

No momento da pesquisa, ao narrar circunstâncias de *minha vida*, a partir de fotos por ela selecionadas, a mãe cuidadora emocionou-se ao rever a cena que lhe trouxe à lembrança a situação de quando amamentava sua filha Wilma; ressalta o quanto se percebe dependente da filha:

Eu amamentei a minha filha até os 3 anos, foram momentos que eu me emociono até hoje, foram maravilhosos. Eu não queria tirá-la do peito. Eu sou mais dependente dela do que ela de mim. Eu adoro essa foto, vê-la pequenininha e amamentando.

Silvana assumiu o papel de mãe, contudo menciona que não queria que o Márcio, pai da menina, a registrasse como filha, negando-lhe o direito de assumir o papel de pai.

Ela nasceu em 1988, eu não queria que ele assumisse, que fizesse a certidão dela, não queria, eu tinha muita bronca, eu tinha muita raiva, a gente tinha brigado e muito. Ele foi comigo ao hospital, quando ela nasceu ele não estava na sala junto comigo, quem entrou na sala foi o meu cunhado que é médico. Ele estava lá até o momento em que eu fui para o quarto, era meio dia e ele foi embora, saiu, foi atrás das coisas dele, de política e depois não o vi mais.

Desde quando se conheceram, ela no papel de diretora, ele no papel de professor, já era conhecido o quanto ele apreciava bebida alcoólica; no entanto, na ocasião do nascimento da filha, quando ela menciona ter se sentido abandonada por ele no hospital e preterida em relação a outra mulher, amplia a consciência a respeito do relacionamento e decide que não o quer como pai da filha que toma para si:

Na época tinha uma moça, que eu vou omitir o nome dela, porque é uma pessoa do partido, uma pessoa que dava muito em cima dele, direto. Ela me atrapalhou a vida, eu deixei que ela me atrapalhasse a vida, hoje eu tenho essa consciência. Ela chegou lá no hospital procurando por ele, no dia em que minha menina nasceu, me deu uma raiva tão grande, de uma cara de pau que eu nunca vi igual na minha vida. Eu estava morrendo de raiva, eu falei: “pô, um homem que vai, que me abandona, que larga, eu não quero isso como pai da minha filha, e bêbado”, foi quando caiu a consciência. Na época, ele era alcoólatra, ainda bebia, chegava bêbado, eu preferia que ele não chegasse bêbado, não era para chegar para me dar mais trabalho não. Mas ele ia. Por isso que eu não queria que ele a registrasse.

Na ocasião do nascimento de Wilma, Márcio recebeu na maternidade o registro de nascimento e levou ao cartório para fazer a certidão de nascimento; sua ação se contrapôs à escolha de Silvana, que não aceitava que ele assumisse a paternidade.

No dia em que a Wilma nasceu, o Márcio recebeu um documento que informava o horário em que ela nasceu, peso, altura, eu precisava disso para registrá-la. Foram passando os dias, ele não me dava aquele documento, eu pedia, eu não queria que ele registrasse. No começo eu falava: “ou você registra ou você me dá os documentos”. Foram passando os dias e eu não queria mais, eu só queria que ele me devolvesse o documento que o cartório exigia do hospital para poder registrar minha filha. Nem me dava os documentos e não registrava a minha filha. Isso foi muito difícil. Eu tinha que registrá-la dentro dos 15 dias para poder pegar a minha licença de gestante. Na véspera dele registrar, que já era para terminar o período do direito de pedir a licença, eu peguei o carro, à noite, chamei uma amiga, fui atrás dele num bar, discuti com ele dentro do carro, briguei, falei que eu queria aquele documento. Na frente da minha amiga ele falou que não ia me entregar, mas que no outro dia ele ia registrar. E, felizmente ou infelizmente, não sei, ele cumpriu, no outro dia ele foi registrar. Demorou 14 dias para ele registrar a minha filha

Silvana e Márcio só passaram a conviver sob o mesmo teto após o nascimento da filha, mas ela mantém o relacionamento com o organista, como ela diz: “cheio de altos e baixos, separações e voltas”.

Após o nascimento da minha filha, passou uns tempos ele foi morar em casa. Acho que talvez por força, não sei se eu gostava muito dele ou não, mas porque eu tinha uma filha com ele. Sempre desse jeito, cheio de altos e baixos, separações e voltas. A gente morava juntos um tempo, depois brigava, ele saía, dava uma sumida, uns tempos depois voltava, depois saía, foi sempre assim. Foi uma relação, um relacionamento muito conturbado, muito difícil. Olha, durou bastante, durou bastante. A vida inteira era vai e vem, vai e vem até que ficamos uns tempos separados, bem separados mesmo, depois voltamos

A instabilidade vivida no relacionamento, já referida por Silvana, não contribuía para que o chamasse de “marido”:

Nada, nunca alguma coisa que eu pudesse dizer “meu marido”. No conceito eu até falava meu marido, mas para

mim aquilo não era marido, não desenvolveu papel de companheiro, de marido, a força que eu gostaria de receber ou a visão que eu tinha do que deveria ser um marido. Eu costumava apresentá-lo como meu marido, quando estava falando, narrando alguma coisa falava meu marido, mas isso era para que as pessoas pudessem realmente entender que era aquela pessoa, aquele homem com quem eu morava. Mas no conceito de marido, eu não sentia, para mim ele não era um marido, ele era uma pessoa que morava comigo. Eu acho que marido você convive, você divide, você trata de uma vida “nossa”, e a gente mesmo morando juntos tinha a vida independente.

Na companhia de Márcio, participava das festas familiares, reuniões do partido político e também o acompanhava nos bares, como quando namorava com o organista que frequentava bares e conversava com outras pessoas.

As relações sociais eram restritas aos amigos do partido político ao qual me filiei, ele já era filiado. Família sempre, toda festa de família a gente nunca deixou de participar. Era mais nesse sentido porque ele não gostava de baile, não gostava de festa, nada. Como ele é muito culto sempre gostou muito de teatro, cinema, eu também gostava, mas não ia muito. Com ele eu fui mais aos barzinhos e conversava muito. Quando ele bebia, eu conversava muito com outras pessoas.

Márcio abandonou o vício da bebida; Silvana diz que ele se comprometeu com o que era valorizado por ela.

Ele deixou de beber, graças a Deus! Teve algumas recaídas, mas deixou de beber. Mudou a vida dele, vivendo mais ou menos do jeito que eu gostaria, profissionalmente, compromisso com o trabalho. Tudo isso eu achei que ele mudou um pouco, ele via de outra forma.

Por mais que buscasse minimizar o medo de amar e perder, a incerteza afetou seus relacionamentos pessoais. Das fotos selecionadas de sua coleção

peçoal, ao apresentar uma que se referia à vida sentimental, a narrativa a partir da foto que retratava o noivo falecido, foi expressa de forma emocionada.

Foto do meu falecido noivo. Olha como era lindo! A pessoa que me deu essa foto disse que essa faixa branca aqui significava que ele ia morrer, superstição, mas é uma foto sobreposta, está vendo?

Ao deparar com a *finitude* da vida do noivo, embora tenha buscado estabelecer relacionamentos amorosos, não conseguiu superar a dor da perda, o que a manteve aprisionada ao papel da enamorada abandonada. Essa situação colocou em risco a possibilidade da felicidade, da concretização de um de seus projetos de vida: o casamento.

Do relacionamento amoroso com Márcio, embora a realidade mencionada pareça desfavorável para constituir uma família, era preciso criar e agir para transformar a possibilidade em realidade e viver a metamorfose. Para Ciampa (1998), quando as circunstâncias dificultam a atividade que busca a transformação, o sujeito pode ficar preso a um papel que o mantém naquilo que ele denomina *mesmice*.

Impossibilitada de superar as contradições e instabilidade vivenciadas, manteve-se aprisionada, num círculo vicioso, em uma infinita re-posição da identidade pressuposta.

Instalada na *condição amorosa*, escolheu ater-se a relacionamentos mantidos por instabilidade. Reiteradamente ressalta as brigas e reconciliações com o organista e com Márcio, enfatizando que ambos sumiram de sua vida, bem como o noivo, ao falecer, também sumiu de sua vida.

A última vez que nós tínhamos voltado parecia que definitivamente a nossa relação ia dar certo. Ele não morava mais comigo, morava na casa dos pais dele. A minha filha era mais velha, já maiorzinha, estava com 14 anos ou mais, não sei. A gente começou a se dar bem, eu já não me sentia mais dependente dele, parece que a relação estava começando a entrar num equilíbrio. De repente ele some da minha vida. Sumiu. Telefonei para ele, uma mulher atendeu disse que aquele telefone ela tinha comprado com ele e desligou e nunca mais eu ouvi falar, esse moço não mais me procurou, nem para dar um alô,

nada, nada, nem para ver a filha. Sumiu, sumiu. Não ligava para minha filha, nada.

Silvana escolheu não viver plenamente um relacionamento amoroso; com isso viveu na *mesmice*, repondo o papel da enamorada abandonada. Ao escolher por essa vida, renunciou à possibilidade de estabelecer e viver uma família constituída. Com essas ações produziu as condições objetivas de sua vida; as situações vividas no passado constituíram o momento presente e afetaram seu futuro.

A separação foi em junho de 2002, na penúltima Copa do Mundo. Em setembro do mesmo ano ele foi à minha casa, era aniversário da minha filha. Tinha arrumado uma namorada. Uma situação estranha, no começo eu fiquei furiosa dele ter arrumado essa namorada, é lógico, mas com o passar do tempo eu fui vendo que para mim tinha sido muito melhor ter me separado dele e que era bom que ele tivesse arrumado essa namorada porque acabava aquele volta e não volta. Se não fosse a namorada eu acredito que a gente, talvez, estivesse juntos até agora naquela mesma relação, não sei se algum dia eu teria coragem de falar vai embora ou ele de ficar longe e não aparecer mais. Com essa namorada, que no começo eu fiquei com raiva, lógico, agora eu falo: “graças a Deus”.

Em 2002, separada de Márcio, frente à possibilidade de escolher a passividade ou o movimento, reitera a escolha que fez na ocasião do falecimento do noivo, decidindo pela passividade ao afastar-se do convívio social: *“Depois que eu me separei, eu fiquei mais caseira mesmo, me afastei das festas em família, das pessoas, dos amigos, dos familiares, da vida social”.*

Mesmo separados, quando Márcio teve um problema de saúde, Silvana diz que durante o tratamento médico escolheu reiterar o papel da cuidadora. Ela e a filha cuidaram dele.

Ele teve um câncer no intestino, fez a cirurgia e não tem mais, mas tem toda sequela, todo tratamento ainda. Preciso da minha filha e de mim, eu o ajudei bastante, levei para o hospital, fiquei com ele no hospital. Eu não tenho raiva, não tenho mágoa, não tenho mais paixão,

amor, nada, não tenho raiva muito pelo contrário. Durante essa doença dele eu descobri que ele não podia nem ver mais essa pessoa, a namorada.

Importante ressaltar que, na juventude, suas escolhas foram influenciadas pelo desejo da mãe, que dizia: *“Ela falava que se algum dia não desse certo o casamento, cada uma de nós teríamos independência, não ficaríamos dependendo do marido a vida inteira”*.

No momento em que se vê separada de Márcio, escolhe cuidar e se responsabilizar financeiramente pela educação da filha. Ao reiterar a escolha da mãe, toma consciência de que poderia ter decidido por outro caminho, dividir a responsabilidade com o ele.

É um orgulho tão grande meu, que eu nunca pedi nada para ele, de jeito nenhum, nunca, sempre me virei sozinha. Em relação a minha filha, ele começou pagar a faculdade recentemente. Eu acho, muitas vezes, que era uma besteira minha. Por mais que eu tenha amizade com ele hoje, eu não achei correto o que eu fiz, acho que ele era pai, ele tinha por obrigação também dividir e ajudar minha filha.

Apesar das situações já relatadas na ocasião do nascimento da filha, no momento presente, menciona que Wilma adora o pai, que se mantém presente na vida dela.

Hoje é uma pessoa que minha filha adora, é o pai dela, eu também nunca a pus contra ele, de jeito nenhum. Hoje, graças a Deus, ao menos ela tem um pai que é presente na vida dela. Seja pela internet, seja por telefone, ou seja, depositando um dinheiro para ela, uma ajuda para ela, é um pai presente nesse sentido. Quando ela precisa, ela liga para ele, vai para a internet, conversa, se necessário vai até lá, bate papo.

Ao assumir o papel de mãe, Silvana deixou de lado a possibilidade de relacionar-se amorosamente com um homem, escolheu dedicar-se aos cuidados e educação da filha. A projeção em direção a ela foi modulada pela *condição amorosa*.

Gostaria demais de fazer uma terapia, já fiz muito, mas é muito cara. No momento estou usando o dinheiro para pagar a terapia da minha filha. Todo meu dinheiro eu reservo para ela. Tudo que eu puder eu me dedico a ela. Hoje, ela está na faculdade. Eu levanto, faço um café, chamo, levanto junto com ela. Ela sai, vai à faculdade. Eu cuido do que eu posso cuidar em casa, de preparar um almoço e depois eu vou trabalhar. Almoço com a minha filha e depois eu retorno ao serviço. Todos esses anos sempre foi assim. Mesmo quando ela estava trabalhando no aeroporto, e ainda não tinha o carro, de manhã ela ia com o ônibus da empresa, ao meio dia eu ia buscá-la e levava almoço para ela. Eu almoçava no trabalho. Agora já facilitou bastante porque com o carro ela sai, ela vai, volta e almoça em casa.

Instalada na condição amorosa, Silvana projetou-se em direção a filha, que se constituiu em sua necessidade pessoal; no dizer de Marias (1970/1971, p. 183), “necessito uma pessoa com uma intensidade tal e com uma ‘inclinação’ ou orientação muito precisa”.

Pela minha necessidade, pela minha carência eu me dediquei muito a ela. Talvez eu tenha consciência de que eu errei, não na formação dela, porque ela é uma menina honesta, uma menina muito estudiosa, uma menina de valores maravilhosos que todo mundo se encanta com ela, mas ela tem uma certa insegurança, e depois do meu câncer, piorou a insegurança, ela não queria mais se separar de mim.

A filha constitui-se em seu projeto vital; nas atividades de rotina e relações sociais nos finais de semana ela ocupa um lugar de destaque na *minha vida* para quem Silvana dirige os olhares, os gestos, os desejos.

No final de semana eu lavo, passo roupa, arrumo a casa, vou às festas de família, ao cinema, ao teatro. Quando eu vejo que tem uma peça, alguma coisa que eu quero assistir eu vou, adivinha com quem? Com a minha filha e o namorado. De vez em quando vem algum amigo, ou até alguma amiga minha, vai junto, mas sempre com a minha

filha, ela vem sempre comigo. Se a gente tem de ir ao mercado, ao shopping, tem de comprar alguma coisa é à noite que nós vamos. Sempre ela comigo, senão eu chego em casa, lavo a louça, assisto televisão e vou dormir. Minha casa está sempre lotada de jovens, que são os amigos da minha filha, ela tem muitos amigos, eles vão todo final de semana em casa. Tem final de semana que eles fazem churrasco, é a minha companhia também, eu fico no meio deles, brinco e converso.

Ao projetar-se em direção à filha, percebe-se como inseparável. Nas palavras de Mariás (1970/1971), “sem ela, propriamente não sou eu”.

Acho que o que vivi na infância me deu muita experiência de vida, muito conhecimento e ajuda também a minha filha, que estuda jornalismo. No histórico dela, nos estudos que faz, a minha vivência a ajuda bastante. Quando ela terminar a faculdade, a impressão que eu tenho é que minha filha já estará trabalhando também. Gostaria de tê-la sempre ao meu lado, mas isso não vai me segurar. Se eu já for uma aposentada, se ela já tiver o emprego dela, tem a vida dela.

No relato a partir das fotografias, observa-se a presença do carinho, da admiração da mãe que ama a filha. Demonstra o orgulho que tem de Wilma.

Essa daqui é uma foto que eu gosto, é a minha filha. Você está vendo que ela está tomando suco com os dois canudinhos, um com ela e outro com uma menina moreninha. Ela nunca foi preconceituosa, muito pelo contrário. Eu acho minha filha maravilhosa. Desde pequeninha, para ela não há diferença de cor, raça, eu gosto dessa foto por causa disso, está bem natural, não tem preconceito nenhum. Vai e toma no mesmo copo com a menina. Eu acho lindo minha filha ser como ela é.

Sou eu junto da minha filha e minha enteada. São as duas irmãs, lógico que eu estou chorando, era formatura dela, foi um momento muito bonito, eles pediram para entregar com uma música muito emocionante. Eu gosto muito dessa foto por que eu tenho as duas que eu quero como

filha. Estão juntas e abraçadas em um momento que para mim foi maravilhoso, a formatura do Ensino Médio.

Essa foto é um orgulho para mim, é da minha filha. A escola fez os alunos tirarem fotos como fotógrafos a partir do curso de fotografia que eles tinham tido na escola, com duração de 1h. Ela tinha 6 anos, estava na pré-escola, ele deveriam levar o que eles quisessem. Ela escolheu esse bichinho. Eu falei: “mas filha, esse bicho? Uma centopéia? Com tanta boneca bonita, brinquedos e você vai levar esse bicho?” Ela fez uma montagem com a foto e ganhou um prêmio.

O medo de amar, perder e sofrer inviabilizou que Silvana agisse em direção de transformar os encontros amorosos, permeados por brigas e reconciliações, em possibilidade de um relacionamento amoroso; deixou de viver e conviver mais momentos felizes ao lado do enamorado.

SILVANA-CUIDADORA

Na narrativa de Silvana, observa-se o quanto escolheu dedicar-se aos cuidados dos familiares. De 1985 a 2005, concomitante às atividades profissionais no papel de diretora, cuidou da irmã, do pai, da mãe, do ex-marido e da filha.

Da quarta irmã, narra que por quatro anos, além do tratamento médico, buscava na religiosidade e na medicina alternativa recursos para a cura de sua doença.

Ela nos deixou aos 35 anos, ela era de 1950. Começou a ficar doente aos 31 anos. Eu a perdi em 1985 com câncer no mediastino, região entre os pulmões. Isso há 23 anos; os médicos eram estagiários em oncologia, a gente ainda fala que ela era uma cobaia. Foi muita bem tratada, atendida pelo convênio médico no hospital da Beneficência, depois na Gastroclínica. Por outro lado, toda medicina alternativa eu favorecia. Levava em centro espírita, ia benzer, via remédio, esses remédios alternativos, comprava, arrumava, ia atrás. Ela morreu no dia dos professores, uma ironia do destino. Todo dia

dos professores ela me levava um presente, estivesse viajando ou não ela me dava um presente, ela era apaixonada pela minha carreira.

Durante o período em que a irmã recebia tratamento médico, espiritual e alternativo, Silvana, com autorização da chefia, diz ter dedicado parte de seu tempo como acompanhante dela no hospital até o dia de seu falecimento.

Nos quatro anos da doença, meu chefe não me deu licença, mas ele me deu autorização para sair a hora que eu quisesse. Tinha dia que eu ficava o dia inteiro no hospital com ela, mas levava o serviço, eu trabalhava no hospital só para ficar ao lado dela, ela sentia muita força em mim, muita paz. No dia em que ela morreu, já fazia uma semana que eu estava lá com ela no hospital. Eu falei para ela: “eu vou para casa hoje que vou tomar um banho, trocar de roupa”. Ela ainda falou assim: “Síl, não vai não, fica comigo”. Eu falei: “Tá bom, eu fico”. Naquela madrugada ela morreu, a última palavra que ela falou: “Ah! Síl, me ajude!” Foram as últimas palavras dela, uma irmã por quem eu tive muito carinho.

Elas trabalhavam juntas na mesma escola; enquanto uma exercia as funções de diretora, a outra atuava como secretária escolar. Embora tivessem concepções diferentes a respeito da vida, o que motivava brigas, era a irmã que Silvana mais amava.

Ela trabalhou comigo na escola, foi secretária escolar por muito tempo e depois prestou concurso no Banco do Brasil e faleceu. Brigava com ela direto, brigava. Tinha um comportamento diferente, uma visão de vida diferente, eu já era mais quadrada, mais com moral, com tudo isso. Brigava demais com ela, mas era a irmã que eu mais amava.

Do pai, menciona os cuidados durante os quatro anos em que ele foi acometido pela esclerose.

Passaram-se uns dois anos, ele começou a ficar já meio esclerosado e nesse meio tempo de esclerose ele dava muito trabalho para a gente. Um dia ele não levantou e, quando nós fomos ver, ele estava com a perna quebrada, ele fez duas cirurgias e a partir daí ele não andou mais, foram quatro anos.

No período em que ele esteve doente, escolheu afastar-se das relações sociais para dedicar-se aos cuidados do pai e da filha.

Minha vida continuava a mesma. Eu cuidava do meu pai e deixei de ir às festas familiares no período que ele estava doente. Não ia mais a lugar nenhum, só ficava em casa ou saía com, ainda estava com o meu marido, saía com ele, ia a um barzinho. Minha filha ia com minhas irmãs às festas de aniversário de família, em alguma reunião na casa de uma irmã, faziam churrasco para reunir a família inteira sem motivo nenhum e eu ficava em casa cuidando do meu pai. A minha tia morava em casa, durante o dia ela e a minha mãe cuidavam dele. Foram passando os dias, os anos, ele foi começando a usar fraldão, ficou cada vez pior, já não falava mais, já não fazia mais nada, só ficava deitado, só na cama. Durante o dia eu continuava trabalhando e cuidando da minha filha; à noite, na madrugada, era eu quem minha mãe chamava para cuidar dele. Eu acordava, levantava, trocava ele e fazia o que tinha de fazer. Ele faleceu em 1994.

Passados onze anos da morte de seu pai, em abril de 2005 sua mãe faleceu; em junho do mesmo ano Silvana relata que foi submetida a uma cirurgia de câncer de mama.

Minha mãe morreu em 1º de abril 2005, em junho eu estava fazendo uma cirurgia de câncer de mama, por sorte pequena, mas fiz a quimioterapia, fiz a radioterapia. Eu acho que meu câncer é em função disso, da perda da minha mãe, da minha separação conjugal. Isso já mexeu comigo, com a minha visão de mundo e de vida. Naquela situação, pensei: “o que estou fazendo?”

Com o falecimento de sua mãe, foi acometida pela angústia, pela depressão. *Instalada* em momentos de infelicidade, escolheu o caminho espiritual para superar as condições objetivas que dificultavam seu viver. Comenta a relação com uma pessoa que denomina “gurua”.

Depois que a minha mãe morreu, eu estava muito negativa, muito depressiva. Tem uma pessoa que mora perto da minha casa, uma mulher, que trabalha com uma cigana, eu falo que é minha “gurua”. Todo mês eu vou lá, converso, eu faço esse trabalho espiritual. Uma pessoa muito positiva, uma entidade, não sei até que ponto você [pesquisadora] acredita, mas uma entidade muito positiva, abriu muito, está me abrindo muito os olhos para uma vida mais positiva. Hoje eu frequento, eu falo que é minha terapia espiritual. Hoje em dia, sou uma pessoa espiritualizada, não tanto de conhecimento, mas de vida.

Ao abordar sua crença espiritual, retoma as ecléticas influências religiosas: foi batizada e crismada na igreja católica, com pai mulçumano e mãe espírita.

Eu posso dizer que sou ecumênica, eu respeito a Igreja Católica, sou batizada, sou crismada. Convivi, frequentava missa, até hoje, se precisar, gosto de ir, gosto de entrar numa igreja e até gosto de assistir uma missa, mas não vou. Meu pai era muçulmano, eu respeito também, procuro ler o Alcorão, conversar com as pessoas a respeito do assunto, mas não tanto. A influência maior foi da minha mãe, que era espírita, acredito na reencarnação, frequento centro espírita, já frequentei muito, já desenvolvi minha mediunidade, mas eu não trabalho. Esse compromisso de trabalhar, de ir, não faz muito minha cabeça não.

A convivência com a morte da irmã, do pai e da mãe, fez com que Silvana sofresse uma crise de *instalação corpórea*.

Perdi a minha irmã, depois perdi meu pai, eu adorava meu pai, e perdi minha mãe, eu me senti sozinha no mundo. A

minha irmã foi em outubro de 1985, no dia dos professores, em 1994, após 9 anos foi o meu pai, e a minha mãe agora em 2005. Mais ou menos 9/10 anos de diferença entre um e outro.

As circunstâncias mencionadas são descritas por Silvana como um cenário de tristeza e sofrimento provocados pela morte de pessoas da família de origem com quem, na infância, quando *instalada na felicidade*, viveu momentos felizes. Ao deparar-se com a morte, *instalada* em momentos de infelicidade, busca na religiosidade alternativa possível para superação do que afeta a *minha vida*.

APOSENTADORIA E VIDA PROFISSIONAL

Em fevereiro de 1994, ao aposentar-se, menciona que pretendia cuidar da filha, da casa, passear e fazer coisas que não fazia enquanto trabalhava. Para Marías (1947/1985), a pretensão ou projeto implica imaginar, antever o próprio viver, as próprias possibilidades, que só existem quando projeta *minha vida*.

Em fevereiro de 1994, eu me aposentei e disse que nunca mais eu queria saber da Educação, que eu estava cansada, enjoada de Educação. Eu queria descansar, eu queria cuidar da casa, eu queria cuidar da minha filha, eu queria fazer tudo isso porque eu não conseguia fazer direito trabalhando. Eu achava que eu ia descansar, que eu ia poder passear, que eu ia fazer um monte de coisa que não conseguia fazer mesmo no período de serviço.

Silvana imaginou as situações que constituiriam seu viver; contudo era necessário agir, criar as possibilidades para a concretização do projeto.

Eu não fiz nada disso. Eu aproveitei, eu cheguei a ir para minha cidade, passei um pouco junto com a minha mãe, levei minha menina, é lógico, para passear, para conhecer, cheguei a levar o meu pai que estava em cadeira de rodas.

Em abril de 1994, com o falecimento de seu pai, Silvana-aposentada dedicou-se aos cuidados da filha: *“Meu pai faleceu, minha filha já estava um pouquinho maior, já começou ir à escola. Eu a levava à escola, trazia ia buscar na escola”*.

No final de 1995, por volta dos 45/46 anos, comenta que além do salário de diretora aposentada ser insuficiente, sentia necessidade da atividade profissional e das relações sociais do ambiente de trabalho.

Quando foi final de 1995, eu já comecei querer trabalhar de novo. O salário de diretor aposentado era muito pouco, eu já comecei a sentir dificuldade, não dificuldade financeira, mas eu queria mais, eu tinha uma filha, queria colocá-la em uma escolinha. Eu me enjoei daquela rotina e comecei a sentir falta do trabalho, de sair de casa, de ter alguma coisa para fazer, porque até então eu só cuidava da minha filha, tinha cuidado um pouco do meu pai no início da aposentadoria. Eu cuidava um pouco dele e o restante do tempo ficava em casa cuidando da minha filha e tentando ajudar um pouco minha mãe. Comecei a me sentir inútil, inútil e sem vida mesmo. Eu cuidava da minha filha, gostava, mas “inútil” acho que é a palavra mais correta mesmo, inútil. Parece que eu não fazia nada, não servia para mais nada e comecei a sentir falta de conversar com as pessoas, de sair de casa. Eu não saía mais de casa. Durante a minha semana era desse jeito, cuidava da casa, eu comecei a ficar cansada daquilo. Eu estava com 45/46 anos. Sabe quando você levanta, você põe o penhoar e você fica com aquele maldito penhoar o dia inteiro? Eu falei: “ah! não, isso não é para mim, de jeito nenhum”, eu me senti inútil, eu queria atividade. É, eu queria atividade, queria atividade.

A atividade que buscava naquele momento configurou-se, nas palavras de Marias (1947/1985). Numa *urgência vital*. Ela não podia esperar, o que necessitava fazer tinha que ser feito naquele momento, foi o que caracterizou a urgência do seu fazer.

Eu fui às diretorias de ensino e levei o meu currículo, dizendo que se tivesse alguma atividade eu gostaria. Fosse dar aula, fosse ser diretora eu senti que era o que eu queria e sabia fazer, lidar com a Educação, com escola,

com ensino. Nessa minha entrega de currículo na diretoria de ensino, uma advogada de lá sabia de uma escola particular que estava em sindicância, estava em processo para fechar e precisava que alguém acompanhasse a correção dos erros, antes que fosse cassada definitivamente a autorização. Ela indicou meu nome ao mantenedor, comecei a trabalhar. Conseguimos regularizar a escola, mas não o seu passado errado, o que levou à suspensão das atividades da escola.

Quando Silvana decidiu pela atividade, movimentou-se e criou condições para concretizar seu projeto; contudo, por necessidade e interesse pessoal, ficou presa a um papel que a manteve naquilo que Ciampa (1998) denomina *mesmice*.

Eu ficava o dia inteirinho, de manhã, à tarde, à noite, naquela escola o dia todo, só ia para casa almoçava, eu pegava minha menina na escola, ia levá-la, ia trabalhar e ia buscá-la. A mesma rotina de sempre, não mudava, não mudou nada.

Entre 1998 e 2009, menciona que por indicação política, assumiu o cargo de Assessora na Secretária Municipal de Educação. Embora tenha prestado concurso para professor e diretor de escola municipal (foi aprovada em ambos, mas escolheu o cargo de professora), assumiu o cargo de Chefe de Divisão Técnica. Ao relatar as atividades desenvolvidas pela gestão pública municipal entre 2000 e 2008 revela admiração pela ampliação das matrículas no ensino público municipal.

Em novembro de 1998 fui indicada para assumir o cargo de Assessora do Secretário Municipal de Educação. Em 2000, com a mudança do Governo Municipal, fui convidada a permanecer com a nova equipe, respondendo pela Coordenação da Demanda Escolar do município, por duas gestões, tendo em vista a reeleição do prefeito. Prestei concursos para professora e diretora da rede municipal tendo sido promovida em ambos. Pela classificação e vagas escolhi o de professora, mas não assumi porque fui designada Chefe de Divisão Técnica, continuando com as atividades de coordenação da demanda. Permaneci até janeiro de 2009, desenvolvendo um trabalho que de 23000 alunos em 2000 atingimos 120000 em 2008. Lembro que foi muito difícil,

considerando o atraso que a Secretaria Municipal de Educação se encontrava (em 2000).

Em 2009, em decorrência do novo governo municipal, foi dispensada do cargo de confiança. Frente a essa circunstância, ao se deparar com a possibilidade de desempenhar as atividades relacionadas à docência, ficou preocupada por conta do problema vocal.

Nas eleições de 2008 houve troca do governo municipal, permanecendo o mesmo partido, cuja plataforma política foi a continuidade, mas após a posse e transmissão dos cargos imediatamente iniciou-se a publicação de dispensas e exonerações praticamente de toda a equipe educacional e eu também fui dispensada. Retornei à função de professora (que felizmente eu tinha, pois foram muitos os desempregados). Preocupadíssima, porque não estava atualizada pedagogicamente e com o problema de minha voz (disfonia funcional), como poderia dar aula? O compromisso com as crianças me é valiosíssimo. Como ensinaria música a elas? Como ficaria minha voz? Teria que me afastar muitas vezes? Procurei o “Otorrino”, que proibiu o uso contínuo da voz, levando-me à readaptação.

No momento presente, enquanto cumpre cinco horas diárias de atividades na secretaria de uma escola municipal, menciona que se sente muitíssimo feliz porque aguarda a segunda aposentadoria para dedicar-se à filha, à casa, às suas coisas.

Hoje trabalho em uma secretaria de escola (virei uma “escrituraria de luxo”), aparentemente esquecida por todos, porém muitíssimo feliz, com uma jornada de apenas cinco horas, aguardando minha segunda aposentadoria (em julho deste ano) podendo, como sempre desejei e nunca consegui, pelo excesso de compromisso profissional, dedicar-me à minha filha, à minha casa, às minhas coisas, sem a ansiedade motivada pela falta de tempo e planejamento pessoal.

No momento dedicado à devolutiva dos dados ao sujeito, Silvana se deparou, a partir da própria narrativa, com as circunstâncias vivenciadas junto à família de origem, escolarização, formação profissional e profissionalização, vida sentimental, família constituída e situações decorrentes da aposentadoria. Nesse momento, ao constatar as próprias escolhas, toma consciência de si e declara que poderia ter se dedicado mais à *minha vida*.

Eu posso dizer a você que eu sempre fui feliz, sempre fui, mas eu poderia ter me dedicado mais a mim, à minha vida mesmo, deveria ter um projeto mesmo de vida. Viajei muito, por isso que eu falo fui muito feliz, convivia bem com a família, mas eu sei, hoje sinto que eu deveria ter cuidado mais de mim, ter me olhado mais, que eu não precisaria ter me envolvido tanto na responsabilidade, no compromisso do serviço. Hoje mesmo, hoje sou uma pessoa que tenho a minha vida particular, tenho a minha dedicação a ela e trabalho também com o mesmo compromisso, com a mesma seriedade. E só.

Embora reconheça que é importante relacionar-se socialmente, menciona que não sente necessidade, não lhe faz falta o convívio com os amigos.

Até sei, pelo meu conhecimento, que eu deveria sair, encontrar amigos, me relacionar de forma diferente, mas eu não sinto um pingo de necessidade disso. Não me faz falta, não me faz falta. Eu gostaria de ter, eu acho bonito quando a pessoa fala: “eu vou com a minha amiga, com meus amigos”. Como eu não tenho marido, não tenho, tenho a minha filha; eu poderia sair com um monte de pessoas que eu gosto e que estejam até na mesma situação que eu e que podem ter o marido também, não tem problema de sair, de marcar uma festa, de marcar um jantar, de ir ao cinema, ao teatro, eu gostaria. Eu não tenho vontade, talvez pelo trabalho excessivo durante a semana, e não sinto que me faz falta, eu não fico em casa pensando “ai eu queria estar no cinema”, não. Eu fico em casa tranquilamente, numa boa vendo minha televisão, lendo meu livro, eu não sinto falta.

Sobre relações de amizade, Silvana afirma:

Hoje eu não sou uma pessoa que eu posso dizer para você que eu não tenho amigos, eu tenho pessoas de quem eu gosto muito, com quem eu convivo profissionalmente, com quem eu me dou bem, mas eu não tenho amigos que eu ligue, que eu telefone, que eu bato papo, que eu saia, que vou ao cinema ou que vou ao mercado junto, sabe. Eu não tenho.

A partir do movimento regressivo revê o que poderia ou não ter realizado e relata o que quer e o que não quer, imagina seu projeto de vida, que inclui a casa própria, cuidar de si, aposentar-se novamente, mais prazer, viajar, se possível com a filha:

Quero ter a minha casa própria. Hoje moro na casa da família que ficou da minha mãe. Quero ter a minha casinha bem arrumadinha, do meu jeito, curtir a minha casa, não sei se trabalhando, limpando casa, talvez, não sei.

Quero cuidar de mim e ficar em casa mais tranquila. Eu sou uma pessoa que me prendo muito ao tempo.

Quero me aposentar de novo. Eu imagino que não terei a obrigatoriedade de entrar no horário, de fazer aquilo dentro daquele tempo, daquele período. O que eu mais almejo é essa liberdade de horário.

Quero ter um pouco mais de prazer, não é mais prazer, é menos responsabilidade; eu me preocupo muito com o meu serviço, eu me dedico muito a ele.

Quero viajar, até fazer passeio com uma excursão, sempre se possível com ela [a filha]. Minha proposta é participar de um grupo da terceira idade só para viajar. Não sei se quero participar de todas as atividades de um grupo da terceira idade. Eu tenho certeza de que se aparecer um passeio, uma viagem para eu fazer num grupo de terceira idade, eu vou junto. Quero ter essa certeza para não ficar dependente da minha filha.

Neste estudo, que não se constitui como uma pesquisa-intervenção, a escuta proporcionada pela entrevista não-diretiva, produz mudanças em Silvana. Vejamos o que ela diz:

Essa semana eu fui a uma festa, estava conversando com uma amiga e falei para ela dessa pesquisa, desse trabalho, e eu disse: “quer saber uma coisa, estou começando a ver que a minha vida tem valor”. Comecei a ver que realmente eu fiz muita coisa na vida, boa, bonita e eu fiquei emocionada, eu quase chorei. Este estudo foi muito importante para mim, eu sou feliz, mas aprendi a valorizar a minha vida e você [refere-se à pesquisadora] ajudou pela forma que viu a minha vida.

Silvana descreve o cenário de uma infância e adolescência repleta de situações constituídas por momentos felizes na convivência com a família de origem. Para falar de si, falou de uma vida compartilhada, vivida em grupos com as irmãs e amigos.

A sua identidade é constituída sob as mesmas circunstâncias históricas, sociais e geográficas encontradas por ela e mais seis irmãs. Dizer que é filha de pai libanês, mãe descendente de italianos, nascida em 1947, no interior do estado de São Paulo, é insuficiente para dizer quem é. É preciso buscar em sua própria narrativa o que e como interpretou determinadas circunstâncias que contribuíram para a constituição de sua singularidade, sua individualidade, ou seja, a *minha vida*.

Desde pequena, com imaginação e criatividade converteu dificuldades em possibilidades, que possibilitaram diferenciar-se e viver metamorfoses.

Na infância, da relação com os pais e irmãs, interpretou e assumiu os papéis de boa filha, obediente e cuidadora.

Foi na adolescência que escolheu desobedecer sua mãe, que desejava que ela se tornasse professora, escolheu esta que trouxe consequências assumidas por ela.

A Silvana que inicialmente aparece como filha obediente, passa a desempenhar a personagem de filha desobediente; ela decide pela própria maneira de viver, buscando reiteradamente pela liberdade. Ao rebelar-se, agiu em direção à diferenciação, a *minha vida*, que a torna única, singular.

As situações vivenciadas durante as viagens com as irmãs e quando estudante universitária no curso de História na década de 1960, provocaram

mudanças na consciência a respeito das circunstâncias histórica, social e política do país e do mundo, o que contribuiu para a própria superação, para a própria metamorfose.

Foi instalada na *condição sexuada* que Silvana dirigiu-se em busca da superação do que era determinado pelas circunstâncias históricas e sociais: estudou e trabalhou quando raramente as mulheres desempenhavam essas atividades.

No papel de diretora envolveu professores e alunos nos projetos da escola. O relacionamento com os alunos, pais e professores era construído com respeito mútuo, disciplina e ordem. Tinha atitudes avançadas para a época (década de 1970), quando Silvana reunia os membros da APM e do Conselho de Escola e coletivamente planejavam ações que seriam realizadas na escola.

Na vida profissional e pessoal, Silvana reitera a mesma atitude de quando, na infância, em parceria com as irmãs e amigas, a partir de coisas que embora parecessem sem utilidade, eram transformadas em brinquedos.

Na vida sentimental, por medo de amar e perder escolheu relacionamentos amorosos mantidos por brigas e reconciliações, o que a manteve no papel da enamorada abandonada.

A decisão em dedicar-se à vida profissional e cuidado do outro, implicou também a escolha de afastar-se do convívio social e familiar, o que contribuiu para sentir-se sozinha e desamparada.

A convivência com a perda, com a morte, é constante em sua biografia. Deparar-se com a morte da irmã que mais amava, do pai e da mãe, encarar a própria doença e a possibilidade da própria morte, ou seja, a *finitude*, contribuiu para que pensasse a respeito de *minha vida*. Em suas palavras: “*mexeu comigo, com a minha visão de mundo e de vida. Naquela situação, pensei: o que estou fazendo?*”. Foi na crença religiosa, influenciada pelos pais, que buscou ajuda para a superação do estado depressivo.

No papel de mãe, dedicou o que pôde e o que tinha aos cuidados e educação de Wilma. Escolheu a companhia da filha para ir ao supermercado, ao teatro e viajar. Aprecia os finais de semana em que, na companhia da filha e dos amigos, fazem churrasco; é com eles que conversa, se diverte.

Ao deparar-se com a própria narrativa, considera-se feliz, lembra as viagens e os momentos de boa convivência familiar; contudo, diz que poderia ter se

dedicado mais a ela, deveria ter elaborado seus próprios projetos vitais. E o que Silvana quer:

O que eu quero da minha vida?

- *minha casa própria*
- *aposentar de novo*
- *viajar*
- *mais de prazer*
- *a filha sempre ao meu lado*
- *participar de um grupo da terceira idade*
- *ser voluntária em uma instituição*
- *o que eu mais almejo é a liberdade de horário*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para refletir a respeito dos dados obtidos por este estudo, que tem como foco as situações significativas da história de vida que contribuíram para a constituição identitária e os projetos de vida de duas diretoras de escola pública, reporto à obra literária de Calvino (2002), *O castelo dos destinos cruzados*, para iniciar a discussão final.

O autor narra histórias de personagens que ocupam o mesmo espaço e que por motivo desconhecido estão impossibilitados de falar. Sentados ao redor de uma mesa, utilizam cartas de baralho para narrar suas histórias de vida. Enquanto acompanham a narrativa, as histórias se entrecruzam, gradativamente se identificam e interpretam, mas nada podem dizer, apenas observar.

As diretoras Marta e Silvana, embora não tenham atuado no mesmo espaço, nem no mesmo tempo histórico, a primeira iniciou seu trabalho como diretora na década de 1990, a segunda na década de 1970, assim como nas histórias narradas pelos personagens da obra de Calvino, determinadas situações identificadas na ação de Marta no papel de diretora também foi identificada na ação de Silvana no papel de diretora: ambas valorizam a parceria, envolvem a comunidade, que é tratada com respeito, acolhimento e carinho; numa ação coletiva, discutem, decidem e dividem responsabilidades, que possibilitam a implementação de ações que têm como objetivo a inclusão de todos os alunos, das famílias e da comunidade.

É particularmente interessante que nenhuma delas toca numa das queixas que são recorrentes em diretores de escola, o excesso de trabalho burocrático; é muito provável que ambas tenham superado esse problema, conseguindo atuar de maneira a cumprir as tarefas administrativas como tarefas administrativo-acadêmicas e não como tarefas burocráticas, isto é, compreendendo e agindo com plena consciência dos fins a que essas tarefas se dirigem, como meios para se cumprir a verdadeira função da escola: o trabalho pedagógico.

É pela atividade, cada uma no seu tempo e espaço, que imaginam, pensam em possibilidades de ações que contribuem para viabilizar o projeto pedagógico e transformar o cotidiano escolar.

Os personagens literários de Calvino, à medida que expressam as situações que se constituíram em dificuldades, relatam que acreditam na possibilidade de imaginar, criar e converter as dificuldades em facilidades. Para o autor, viver faz parte do “jogo”, mas não é necessário viver as dificuldades para sempre. A reflexão a respeito da superação é constante. A situação pode mudar, depende do que e como cada um faz o próprio viver.

Num estudo que pretende investigar a articulação entre projetos de vida e constituição de identidade, é importante lembrar que viver, tanto na perspectiva teórica de Marías (1970/1971) quanto de Ciampa (1998), implica agir, movimentar-se a partir da realidade observada e interpretada desde quando se é lançado ao mundo.

É num constante movimento, quando dentre as diferentes possibilidades de trajetórias e formas de instalação é que a pessoa imagina, inventa e faz a *minha vida*.

Na obra de Calvino, cada vez que uma carta do tarô é movimentada, o personagem, para dizer quem é, narra suas ações, as trajetórias percorridas, as escolhas que fez frente às circunstâncias encontradas.

Neste estudo, as diretoras também narraram suas ações, suas trajetórias, suas escolhas, seus projetos de vida.

Em cada encontro com elas, foram trazidas à lembrança o que interpretaram, o que apreenderam e o que fizeram a partir da realidade encontrada, já interpretada, que contribuiu para a constituição da identidade.

Marta-obediente assumiu a personagem “boa samaritana”, que reiteradamente emerge em sua narrativa no papel de professora e diretora. Por escolher dedicar-se quase que com exclusividade ao projeto de vida profissional, ao mesmo tempo escolheu manter-se distante da vida conjugal/amorosa/familiar.

Duas são as rebeldias que fez: casar-se e separar-se. A decisão pela separação do marido a levou fazer outras escolhas, projetar sua vida pessoal.

Instalada na condição amorosa decidiu lançar-se vetorialmente ao enamorado. É nesse movimento que se descobriu, que se percebeu mulher, assumiu a autoria da *minha vida* em direção à metamorfose.

Silvana, boa filha, boa aluna, obediente e ajudante, decidiu por escolhas que possibilitaram viver metamorfoses. Desde a infância, imaginou, criou e, dentre as impossibilidades, as superou transformando-as e ao mesmo tempo se transformando.

Dentre as escolhas, reiteradamente cuidou e ajudou o outro. Da vida sentimental, ao enfrentar a dor decorrente da morte do noivo, ficou com medo de amar, perder e sofrer, sentimentos que perduraram nas relações amorosas estabelecidas ao longo da trajetória de *minha vida*.

Ela não perdeu tão somente os enamorados, ao cuidar da irmã, do pai e da mãe, deparou-se novamente com a morte, com a *finitude* da vida biológica e pensou a própria vida.

Mãe dedicada e cuidadosa, escolhe a companhia da filha para viver a *minha vida*.

Frente às escolhas feitas, sente-se feliz, mas diz que poderia ter tido seus próprios projetos vitais. Ao olhar para si, ao olhar para o que fez e como se fez, envolvida com o que emerge da própria história disse:

(...)
Quer saber uma coisa, estou começando a ver que a minha vida tem valor.

(...)
Este estudo foi muito importante para mim, eu sou feliz, mas aprendi a valorizar a minha vida e você [refere-se à pesquisadora] ajudou pela forma que viu a minha vida.

Bem como na obra de Calvino, a história que emerge da carta do outro, repetidas vezes, pelas mesmas cartas, são utilizadas para a narrativa de outra pessoa.

Nesse momento, peço licença para mencionar que no percurso metodológico entre a obtenção e a análise dos dados, as mesmas cartas foram utilizadas por uma pessoa que, embora não tenha participado como sujeito da pesquisa, gentilmente colaborou para que tivéssemos um espaço adequado para que fosse possível o encontro com as diretoras para proceder a entrevista não-diretiva, o relato fotobiográfico e as devolutivas.

Em dezembro de 2008, quando foi realizado o último encontro com Marta e Silvana, Cecília aproximou-se de mim e disse:

Há pessoas e situações que surgem em nossas vidas de mansinho, aparentemente sem nenhum compromisso pré-determinado. Deus sabe muito bem o que faz, como faz e

em que momento realizar. Por esse motivo é que muitas vezes buscamos explicações para os acontecimentos e não as encontramos. Você foi uma destas pessoas que chegou para despertar algo aparentemente adormecido e resolvido, mesmo que de maneira torpe. Jamais irei esquecê-la, mesmo que isso possa parecer. Saiba que tu vieste na hora certa, para fazer a diferença em minha vida.

Neste estudo muito foi dito a partir do olhar, da escuta e da interpretação da pesquisadora. Outros olhares, outros referenciais teóricos possibilitariam uma multiplicidade de interpretações para as mesmas narrativas; contudo, a análise das narrativas aqui apresentadas ficaram circunscritas à filosofia de Marías (1970/1971) e pressupostos teóricos de Ciampa (1998).

Faço uso das palavras de Calvino (2002, p. 63) para expressar o que senti durante o processo da escrita da tese: “E a minha história, onde está? Não consigo distingui-la entre outras, tão intrincado se tornou seu entrelaçamento simultâneo.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia* (tradução coordenada por Alfredo Bosi). São Paulo: Martins Fontes, 4^a ed., 2000.
- ANDRÉ, Marli E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- BAPTISTA, Marisa T. D. da S. *Identidade e transformação: o professor na universidade brasileira*. 1. ed. São Paulo: Unimarco Editora, Educ, 1997.
- BARBIER, René. *Pesquisa Ação*. Brasília, Editora Plano, 2003.
- BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. São Paulo; Brasiliense, 1985. (Obras Escolhidas, v.1).
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade, Lembrança de Velhos*. São Paulo: Editora da USP, 1987.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória* Ed. Ateliê, SP, 2003
- BOGDAN, R. e BIKLEN, S. *A investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOUTINET, JeanPierre. *Antropologia do projeto*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CALVINO, Ítalo. *O castelo dos destinos cruzados*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1973/1999.
- CARDOSO, Cristina Peres e COCCO, Maria Inês Monteiro. Projeto de vida de um grupo de adolescentes à luz de Paulo Freire. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, nov./dez. 2003, vol.11, no.6, p.778-785. ISSN 0104-1169.
- CHIANCA, T. *Desenvolvendo a cultura de avaliação em organizações da sociedade civil*. São Paulo: Global, 2001.
- CIAMPA, Antonio da C. *A estória do Severino e a história da Severina*. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- _____. Identidade. In: Lane & Codo (Org.) *Psicologia social: O homem em movimento*. 8^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CUNHA, Delcimar de O. *Identidade do diretor de escola pública: compromisso com a transformação do cotidiano escolar*. São Paulo: 2002. Dissertação de mestrado, PUC/SP.

- DORIN, E. *Dicionário de Psicologia*, Editora Melhoramentos, 1978.
- FERNADNES, A. M. D., ROZENOWWICZ, A., FERREIRA, J. P. Avaliação qualitativa e a construção de indicadores sociais: caminhos de uma pesquisa/intervenção em um projeto educacional. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 2, p. 243-253, maio/ago. 2004
- GATTI, B. A. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Plano Editora, 2002.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GONZALEZ REY, Fernando. Epistemologia cualitativa y subjetividad. *In: Psicologia & Sociedade*; 9 (1/2), pp. 65-90; jan./dez.1997.
- GUIMARÃES, A. Z. (org) *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Ed., 1980, p. 77-86.
- HAGUETTE, T. M. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 58-67.
- HALL, Stuart: A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Guaracira Lopes Louro, 2003.
- INCIARTE, Esteban (ed.). *Ortega y Gasset: una educación para la vida*. SEP, México, 1986.
- JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- LIEBESNY, Brônia. *Trabalhar... para que serve?: o lugar do trabalho no projeto de vida de adolescentes de 8ª série do 1º grau*. São Paulo:1998. 84 p. Dissertação de mestrado, PUC–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MANN, Thomas. *A montanha mágica*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.
- MARÍAS, Julián. *A felicidade humana*. São Paulo: Duas Cidades, 1989.
- MARÍAS, Julián. *A introdução à filosofia*. 4ª Ed. São Paulo: Duas Cidades, 1947/1985.
- MARÍAS, Julián. *A mulher no século XX*. São Paulo: Editora Convívio, 1981.
- MARÍAS, Julián. *Antropología metafísica*. Madrid: Revista de Occidente, 1973 [ed. portuguesa: *Antropologia metafísica*. São Paulo: Duas Cidades, 1971.
- MARÍAS, Julián. *História da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MAZZOTTI, A. J. e GEWANDSZNADJER, F. *O método nas ciências naturais e sociais – Pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998, pp. 147-177.

- MELLO, Thiago. *Poemas preferidos pelo autor e seus autores*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.
- MORA, José Ferrater. *Dicionário de filosofia. Tomo II*, Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1971.
- NASCIMENTO, I. P. *As representações sociais do projeto de vida dos adolescentes: um estudo psicossocial*. São Paulo: 2002. 209 p. Tese de doutorado, PUC–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- PEREIRA, J. E. D. A pesquisa dos educadores como estratégia para construção de modelos críticos de formação docente. In Júlio E. D. Pereira e Kenneth M. Zeichner. *A pesquisa na formação e no trabalho docente*. Belo Horizonte, MG, Autêntica, 11-42.
- PENHA, J. da. *O que é existencialismo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.
- PIÉRON, Henri. *Dicionário de psicologia*. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, Editora Globo, 1969.
- PILON, André Francisco. O jovem e seu projeto de vida. *Rev. Saúde Pública*, jun. 1986, vol.20, no.3, p.246-252. ISSN 0034-8910.
- PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. *Sociologia da juventude: futebol, paixão, sonho, frustração, violência*. Taubaté, São Paulo: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2006.
- PINEAU, Gaston. As histórias de vida como artes formadoras da existência. In: *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*, Porto Alegre, DIPUCRS: EDUNEB, 2006, pp.41-59.
- RONCA, Vera de Faria Caruso. *Docência e ad-miração: (da imitação à autonomia)*. 1ª ed. São Paulo: Edesplan, 2007.
- SANTOS, M. I. *Projetos de vida e perspectivas futuras: um estudo sobre as representações sociais do tempo futuro presentes nos projetos de vida dos jovens*. São Paulo: 2002. 90 p. Dissertação de mestrado, PUC–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- SARTRE, J. P. *A idade da razão*. 3ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1944/1963.
- SARTRE, J. P. *A náusea*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1938/2005.
- SARTRE, J. P. *As palavras*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1963/2005.
- SARTRE, J. P. *Com a morte na alma*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949/2005.
- SARTRE, J. P. *Entre quatro paredes*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1950/2005.

- SARTRE, J. P. *O existencialismo é um humanismo*. In Coleção Os Pensadores. Trad.; Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1946/1973.
- SARTRE, J. P. *O muro*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1939/2005.
- SARTRE, J. P. *Questão de método*. In Coleção Os Pensadores. Trad.; Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1ª. ed., 1966/1973.
- SARTRE, J. P. *Sursis*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1945/2005.
- SZYMANSKI, H., CURY Vera E. A pesquisa intervenção em psicologia da educação e clínica: pesquisa e prática psicológica. Estudos de Psicologia, p. 355-364, 2004.
- SZIMANSKI, Heloisa (Org.). *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Plano, 2002.
- TELERMAN, Rosali. *Projetando o futuro: a “questão feminina” dos 18 aos 21*. São Paulo: 2004, 236p. Tese de doutorado, PUC–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- THIOLLENT, Michel. Notas para o debate sobre a pesquisa-ação. Serviço Social e sociedade, nº 10, Ano IV, 1982, Cortez Editora.
- THIOLLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. 3ª ed. Editora Polis, 1982.
- TRINDADE, Ellika. *Hermenêutica do existir do homem de meia-idade - paternidade, sexualidade e projetos de vida: um olhar à luz de Heidegger*. São Paulo: 2003. Tese de doutorado, USP.
- VIANNA, H. M. *Pesquisa em educação: a observação*. Brasília: Plano Editora, 2003.
- WAGNER, Adriana, FALCKE, Denise e MEZA, Eliane Böttcher Duarte. Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida. *Psicol. Reflex. Crit.*, 1997, vol.10, no.1, p.155-167. ISSN 0102-7972.
- WARREN, Howard C. *Diccionario de Psicologia*. Fundo de Cultura Economica, México, 1993.